

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO

**GÊNERO E TRANSGERACIONALIDADE: UM OLHAR SOBRE A
CONDIÇÃO FEMININA E AS RELAÇÕES FAMILIARES DE MULHERES DE
BAIXA RENDA DE MANAUS**

Maria do Socorro Gadelha Praciano

Brasília / DF

2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO

**GÊNERO E TRANSGERACIONALIDADE: UM OLHAR SOBRE A
CONDIÇÃO FEMININA E AS RELAÇÕES FAMILIARES DE MULHERES DE
BAIXA RENDA DE MANAUS**

Maria do Socorro Gadelha Praciano

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em psicologia.

Orientadora: Profa. Gláucia Ribeiro Starling Diniz, PhD.

Brasília / DF, 2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO

**GÊNERO E TRANSGERACIONALIDADE: UM OLHAR SOBRE A
CONDIÇÃO FEMININA E AS RELAÇÕES FAMILIARES DE MULHERES DE
BAIXA RENDA DE MANAUS**

Banca Examinadora

Presidente: Profa. Gláucia Ribeiro Starling Diniz, PhD

Universidade de Brasília

Membro externo: Profa. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa, PhD

Universidade do Amazonas

Membro externo: Profa. Cristina Maria de Souza Brito Dias, PhD

Universidade Católica de Pernambuco

Membro Interno: Profa. Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke, PhD

Universidade de Brasília

Brasília, DF, dezembro de 2011

Este trabalho é dedicado à minha família de origem que com sua complexidade me deu a base do que sou hoje. À minha avó amazonense Safira, casada com meu avô paraense. À minha mãe paraense casada com um pernambucano.

Dedico, em especial, à minha família atual que dá sentido e sentimento para minha vida: eu, paraense e casada com um cearense. Aos nossos filhos amazonenses que cresceram em aventuras de barco no Rio Negro. Filhos que casaram com amazonense e mineiro. Aos meus netos amazonenses, o desejo de que eles tenham orgulho de sua origem amazônica. Uma região cobiçada por estrangeiros e tão pouco entendida por brasileiros.

Agradecimentos

Ao companheiro de longos anos e aos frutos dessa união, nossos filhos e netos, de onde vem a inspiração desse trabalho.

Às amigas Danusa, Vivian, Marcela, Marjorie; às professoras Rosângela, Raquel e Denise, que me incentivaram nessa empreitada.

À professora Gláucia, pela competência com que orientou este trabalho e pelos conhecimentos transmitidos ao longo desse estudo.

Aos ensinamentos dos dedicados professores do Curso de Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da UnB.

Às mulheres participantes que me acolheram em suas casas e me doaram suas histórias de vida, tornando possível este trabalho.

A Amazônia estará livre quando reconhecermos definitivamente que essa natureza é a nossa cultura. Onde uma árvore derrubada é como uma palavra censurada, um rio poluído é como uma página rasurada. A luta pela Amazônia está no processo geral de libertação dos povos oprimidos. (Souza, 1978, p. 39).

SUMÁRIO

Introdução	10
Artigo I: Influências históricas e culturais no cotidiano de mulheres pobres de Manaus	18
Artigo II: Ser mulher, mãe e pobre em Manaus: perspectiva transgeracional e de gênero da condição feminina	40
Artigo III: Conjugalidade e sexualidade de mulheres de baixa renda de Manaus: um olhar transgeracional e de gênero	63
Discussão e conclusão	91
Referências	96
Anexos:	
Anexo A: Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	104
Anexo B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	105
Anexo C: Informações Sócio-demográficas	107
Anexo D: Roteiro para Entrevista	108

Gênero e transgeracionalidade: Um olhar sobre a condição feminina e as relações familiares de mulheres de baixa renda de Manaus

Resumo: O objetivo geral desta pesquisa qualitativa foi conhecer dimensões da condição feminina de mulheres de baixa renda de Manaus. Os objetivos específicos foram conhecer características das relações familiares, conjugalidade, sexualidade, maternidade e expectativas de vida. O foco de atenção recaiu nas repercussões transgeracionais, nas questões de gênero e nas influências de dimensões históricas, sociais, étnicas, culturais e econômicas sob a experiência dessas mulheres. Participaram da pesquisa doze mulheres (avó, mãe e neta) de quatro famílias. Os dados foram coletados através de questionário demográfico e entrevistas semi-estruturadas. A análise de discurso revelou aspectos da transgeracionalidade intrafamiliar, tendências de gênero e marcas da história e da cultura regional: as famílias são matrilineares; o cuidar e a maternidade são vistos como privilégios; as filhas vêm suas mães como guerreiras no exercício dos papéis de mãe e de pai; o papel do homem é secundário, como parceiro, provedor e pai; o exercício precoce da conjugalidade e da sexualidade está presente nas três gerações; autonomia sexual da mulher. Mulheres pobres da Região Norte do Brasil necessitam de políticas públicas que privilegiem a interação gênero, geração, raça, classe e cultura.

Palavras-chave: Gênero; transgeracionalidade; condição feminina; classe; cultura.

Gender and transgeracionality: A look at the women condition an at family relations of the low income women in the Manaus

Abstract: The main objective of this qualitative research was to identify dimensions of the feminine condition of low income women of Manaus. The specific objectives were to understand the characteristics of family and marital relationships, sexuality, maternity and life expectations. The focuses of attention were the transgenerational repercussions, the gender issues, and the influences of historical, social, ethnic, cultural and economic dimensions on the experiences of these women. Twelve women - grandmothers, mothers and granddaughters of four families participated in the research. Data were collected with a demographic questionnaire and a semi-structured interview. A discourse analysis revealed aspects of the transgenerational transmission, gender trends and of the impact of the history and culture of the region: the families are matrifocal; maternity and caring for children and others are conceived as a privilege; the daughters see their mothers as “warriors” since they exercise the roles of mother and father; men have a secondary role as a partners, providers and fathers; women of all three generations begin their sexual and conjugal experiences at an early age; women have sexual autonomy. Impoverished women of the North Region of Brazil need to be the target of public policies centered on the interaction between gender, generation, race, social class and culture.

Key words: Gender; transgenerational transmissions; feminine condition; social class; culture.

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa de mestrado é a transgeracionalidade familiar e histórica no cotidiano de famílias amazonenses. O interesse por refletir sobre esse tema tem sua origem em estágio realizado em uma instituição psiquiátrica pública da cidade de Manaus, na qual trabalhava em projetos de atendimentos às famílias carentes. A experiência clínica com essas famílias revelou questões instigantes que mereciam ser investigadas e problematizadas.

O cotidiano de mulheres amazonenses de baixa renda da cidade de Manaus parece similar às vivências de moradores de periferias de grandes cidades do Brasil e do mundo. Tal realidade é consequência do processo de gestão da economia mundial, que prioriza o capital ao ser humano, ignorando a desigualdade social, racial e regional, e conduz milhares de pessoas a viverem em situação de pobreza (Guattari & Rolnik, 1999; Bauman, 2003; Sales, 2007). Neste contexto global e local encontramos mulheres e famílias que participam de dinâmicas próprias das relações sociais e recebem influências do contexto sócio-econômico, étnico-cultural a que pertencem (Petrini, 2005).

A experiência clínica e de vida na região mostram, entretanto, que parte de seu cotidiano parece ter características regionais. O modo das mulheres se relacionarem com o parceiro conjugal, com os filhos, com os seus familiares e com o seu meio social dão indícios de que fatores ambientais, sócio-culturais e étnicos perpassam esses relacionamentos ainda na atualidade. Tal fato nos leva a crer que existe um processo transgeracional histórico permeando as identidades de mulheres de baixa renda de Manaus.

Existem raras publicações na área da psicologia, em especial da psicologia clínica, sobre mulheres e famílias do Amazonas. A maioria das fontes de dados publicadas sobre o assunto é de estudos e pesquisas feitos por sociólogos, antropólogos e historiadores. Daí a relevância de problematizar as relações familiares também no contexto da psicologia clínica e da cultura. Entendemos ser fundamental a reflexão sobre o passado para o entendimento do presente.

O processo de articulação do conhecimento entre a teoria, a experiência clínica e a de campo é complexo, deixando uma permanente inquietação. A experiência clínica com o cotidiano familiar vivenciado por mulheres de baixa renda em Manaus deixou apenas uma certeza: a existência de lacunas na compreensão dessa realidade. Por isso a premência de problematizar essa realidade e entender como ela foi construída e vivida.

Nosso objetivo neste estudo foi conhecer o cotidiano de mulheres de baixa renda de Manaus, sob a perspectiva transgeracional familiar e histórica. E, assim, compreender parte da

realidade em que estão inseridas: a condição feminina, as relações familiares, a maternidade, a conjugalidade, a sexualidade e expectativas de vida, vistas sob uma perspectiva de gênero.

Diante da complexidade dos processos a serem estudados, decidimos levar em consideração influências de dimensões sócio-econômicas e étnico-culturais. A sociedade brasileira é marcada ainda hoje, por graves problemas sociais de emprego, educação, saúde e saneamento, revelando a história de profundas injustiças sociais e descaso com as classes sociais menos privilegiadas. Somos um dos países com uma das maiores desigualdades sociais do mundo, fato que denuncia opções sócio-econômicas pelo capitalismo globalizado feitas no passado e que nos coloca diante de grandes desafios. Um desses desafios é conhecer a realidade de pessoas que vivem cotidianos marcados por essa desigualdade para entender os impactos desses processos em sua identidade, vida familiar e saúde mental.

A cultura política concebida no Brasil, da colônia aos dias de hoje, tem sido caracterizada por discriminações sociais, étnicas, de gênero e culturais, por polarização entre privilégios e carências, repressão, corrupção e autoritarismo, em decorrência de processos que favorecem os interesses da classe dominante no país. A (in)visibilidade perversa da parte da sociedade menos favorecida advém do histórico perfil de injustiça e de desigualdade do sistema econômico: “Não é difícil, assim, estabelecer uma ponte entre o passado como foi e o presente como está, acerca do valor da vida nas sociedades de capitalismo periférico qual a brasileira” (Sales, 2007, p. 206).

Decorre daí a necessidade de compreender características da desigualdade social e econômica da Amazônia, em especial na cidade de Manaus. As mulheres que fazem parte desse contexto sócio-econômico vivem cotidianos repletos de dificuldades. As regiões de Manaus onde há predomínio de população de baixa renda são bairros originados a partir de invasões de terrenos e aglomerações populacionais. Desde a sua formação até os dias atuais, esses bairros são caracterizados por carências de infra-estrutura e de serviços básicos, com urbanização incompleta. Grande parte dessa população carece de educação, de segurança, de emprego, de condições de saneamento básico, de alimentação regular.

Outro ponto de partida importante para essa pesquisa foi levar em conta questões relacionadas ao percurso histórico e étnico-cultural da Amazônia e do Amazonas, sob a ótica da transgeracionalidade. Pensar a experiência de relacionamentos familiares de mulheres pobres no contexto deste estudo implica apontar, ainda que brevemente, dimensões étnico-culturais de uma região dotada de natureza e cultura singular. A Amazônia sempre foi atravessada pelo isolacionismo e adversidades da floresta e das águas dos rios. O artigo

Projeto Amazônia – esboço de uma proposta de Unger (2008) advoga a priorização da Amazônia na primeira metade do Século XXI, pois, segundo ele:

Transformando a Amazônia, o Brasil se transformará (...). O bioma amazônico representa pelo menos um terço de nosso território nacional. Atrai a atenção do mundo todo, por ser de longe a maior selva úmida do planeta; por estar ligada, como vítima e como solução, ao debate mundial a respeito da mudança de clima; por ser a maior reserva de biodiversidade do planeta e por conter cerca de 20% da água doce da Terra (p. 1).

Nesse artigo, Unger (2008) analisa a Amazônia a partir de sua ótica de conhecimento. Ampliando para a perspectiva da psicologia clínica, nessa região, com extensão de 500 milhões de hectares, moram cerca de 20 milhões de pessoas. Existe uma população com cultura, costumes e conhecimentos milenares que precisam ser (re)conhecidos e valorizados.

Pensar a Amazônia exige muita pesquisa. Atualmente, do montante do orçamento da união e do que é disponibilizado para a área de Ciência e Tecnologia, somente 1,2% vai para o Norte do país (IBGE, 2010). É preciso que a região amazônica tenha um orçamento condizente com o seu tamanho e importância para o Brasil e para o mundo.

Pesquisar dimensões da experiência de mulheres de baixa renda de Manaus passa, portanto, por uma visão de influências da cultura e da natureza ambiental, imbricadas num processo transgeracional. Morin (2007) argumenta que precisamos reconhecer a complexidade humana e as influências que uma cultura grava nos espíritos dos indivíduos. Na literatura especializada encontramos várias definições de cultura, uma vez que existem diferentes teorias e modelos. Ficamos com a definição simples e abrangente deste autor, entendendo a cultura como um conjunto de saberes, regras, estratégias, hábitos, mitos, idéias, ou seja, tudo que se perpetua de geração em geração, reproduzindo-se em cada indivíduo, sustentando a complexidade individual e social (Morin (2007)).

A cultura amazônica trás em sua história o viés de transgeracionalidade. Wagley (1988) coloca que os mamelucos, filhos de portugueses com as índias, os primeiros brasileiros: “(...) traziam consigo os costumes, os conhecimentos e as crenças que aprenderam com suas mães indígenas” (p. 62). Ao associarem essa herança com os padrões ibéricos, forma-se um modo de vida e uma cultura típica da região, adaptada ao ambiente particular da Amazônia.

As relações primordiais estabelecidas quando se nasce servem de base para futuras relações na vida social, sendo passadas para as gerações seguintes. O termo

transgeracionalidade faz referência, portanto, a processos de transmissão que ocorrem entre as gerações sucessivas de uma família. Falcke & Wagner (2005) ao analisar esse termo, apontam que o prefixo trans (através) resgata os componentes que perpassam a história familiar e se mantêm presentes ao longo das gerações. Encontra-se aí claramente a idéia de repetição, reedição e reprise de determinados processos familiares, que são transmitidos pela família de uma geração a outra e se mantêm presentes ao longo da história familiar, ao modo de um mito. Fica evidente que a transgeracionalidade é uma dimensão importante de ser estudada.

É relevante priorizarmos também estudos sobre a condição feminina pautados em um olhar de gênero. É fundamental, sobretudo, compreender a realidade de mulheres de classe social de baixa renda, de origem étnico/cultural indígena. Existem raras produções científicas sobre o assunto, e, conseqüentemente, poucas reflexões sobre como essas mulheres percebem o ser mulher. É preciso pensar que mulheres vivem cotidianos marcados por constantes mudanças trazidas pelos processos sociais, em especial, aqueles que constroem as características de cada região. E, essas mudanças interferem nos sistemas tradicionais familiares e em outras dimensões da vida (Giddens, 2007).

A condição feminina precisa ser problematizada em nosso país, levando em conta as características de cada região. Diniz (1999, 2004) chama a atenção para os desafios encontrados por mulheres que vivem num contexto social de pobreza, onde a mulher é vista como inferior e não tem o mesmo status, poder e direitos de mulheres de outras classes sociais. A autora aponta ainda para a presença de práticas discriminatórias de gênero e raça e ressalta que mulheres indígenas recebem pouca atenção em todo o continente, com conseqüente impacto na qualidade de vida destas mulheres.

A realidade das mulheres que são foco desse estudo é complexa. Elas pertencem a um contexto repleto de desigualdades: classe social de baixa renda, da região norte do país, descendentes de etnias indígenas, de regiões ribeirinhas. Esse histórico somado ao reiterado descaso do poder público regional com esse segmento da população constrói uma experiência nada desprezível para essas mulheres. Tal realidade aponta para a relevância deste estudo. É preciso conhecer o cotidiano vivido por mulheres e suas famílias no âmbito de uma realidade diversa, inóspita e tão pouco estudada.

Diante do caráter transgeracional da pesquisa, elegemos a estratégia metodológica qualitativa de estudo de caso múltiplo. Assim, foram entrevistadas doze mulheres de baixa renda de Manaus, divididas em quatro famílias (avó, mãe e neta de uma mesma família). As famílias foram contatadas através do CRAS – Conselho Regional de Assistência Social, no

setor que trabalha com famílias de baixa renda de Manaus cadastradas no Programa Federal Bolsa Família.

A idéia original do projeto era selecionar famílias nas quatro zonas da cidade (norte, sul, leste e oeste). Na prática, conseguimos duas famílias na zona norte e duas na zona leste, mas todas em bairros diferentes. Mais tarde, foi constatado que as famílias participantes têm origem em comunidades ribeirinhas distribuídas nas regiões norte, leste, sul e oeste do mapa do Estado do Amazonas.

Apresentamos a seguir uma síntese sobre as famílias participantes da pesquisa, na ocasião da coleta de dados:

Família-1: a Avó-1 (64 anos) nasceu em Manicoré (AM). A mãe de Avó-1 era amazonense, mas diz não ter conhecido seu pai. A partir dos sete anos a Avó-1 foi ser babá dos filhos de sua madrinha, uma família abastada que morava em Manaus. Atualmente é viúva e mora sozinha em uma casa tipo quitinete, de alvenaria, no bairro Colônia Antonio Aleixo, na zona leste de Manaus, originado a partir de uma colônia de hansenianos, desativada há alguns anos. A entrevista foi realizada em um cômodo conjugado de sala, cozinha e quarto, mobiliado. Durante a entrevista a porta da casa ficou aberta, portanto sem privacidade.

A Mãe-1 (42 anos) nasceu em Porto velho (RO), e com cinco anos veio morar em Itacoatiara (AM) juntamente com a família. Aos quatorze anos veio para Manaus para trabalhar como doméstica. Atualmente é viúva e mora com os três filhos e um filho do ex-marido, que ela adotou ainda recém-nascido. A casa fica no bairro Cidade do Leste, também na zona leste. É feita em alvenaria, parcialmente em construção, e mobiliada. As entrevistas foram efetuadas no quarto das filhas, com ar-condicionado e privacidade. A Neta-1 (14 anos) nasceu em Manaus, e cursa o ensino médio.

Família-2: a Avó-2 (57 anos) nasceu em Tapauá (AM), proximidades de Lábrea (AM). Os pais de Avó-2 nasceram na Paraíba. Avó-2 veio para Manaus há trinta e seis anos. Atualmente, ela mora no bairro Colônia Antonio Aleixo, na zona leste de Manaus. A casa é mista (madeira e alvenaria), parcialmente em construção, mobiliada, com um pequeno comércio na parte da frente da casa. Nesta casa, moram dezesseis pessoas: ela e seu marido, alguns filhos com suas famílias. A entrevista foi na sala, onde ela desligou a TV e retirou o marido do sofá para nós duas sentarmos. Não havia privacidade no ambiente.

A Mãe-2 (37 anos) nasceu em Tapauá (AM). Veio para Manaus com dois anos. Constatamos uma contradição quanto à origem de Mãe-2: ela afirma que nasceu em Manaus,

e a Avó-2 narra que ela veio com dois anos para Manaus. É uma situação que sugere negação da origem. Ela aparentou vaidade, com trajes jovens e bijuterias de cor rosa, cabelos pintados de vermelho. A casa de Mãe-2 localiza-se próxima à de Avó-2. A casa é de madeira, mobiliada e com decoração colorida. Nesta, moram a Mãe-2, seu marido e oito filhos. A Neta-2 (17 anos) nasceu em Manaus, e parou de estudar faz um ano. Ela está grávida de sete meses e mora com a mãe. As entrevistas aconteceram no quarto do casal, com ar-condicionado, portanto com privacidade.

Família-3: Avó-3 passou por seis derrames e não sabe ao certo sua idade. Sua mãe era paraense e o pai amazonense. Avó-3 nasceu em Nova Esperança (AM), próxima ao município de Barcelos (AM). Ela mora em Manaus há 23 anos. A Avó-3 reside com um filho em uma casa de madeira, no bairro Carlinhos da Carbrás, zona norte, originado em invasão de terra. A entrevista foi na cozinha, sem privacidade. A transcrição das narrativas de Avó-3 foi a mais difícil. O motivo foi sua fala, que às vezes se tornava inaudível.

A Mãe-3 (46 anos) nasceu no rio Ninim (AM), próximo de Barcelos (AM), e reside em Manaus há 22 anos. A casa é localizada no bairro Parque das Laranjeiras, na zona norte. A casa é de madeira, tipo palafita em encosta íngreme. Atualmente Mãe-3 mora com quatro filhas e uma prima que está desempregada. A sala é também cozinha, composta de: televisão, conjunto de som, fogão e prateleiras com utensílios de cozinha. Não havia cadeiras ou mesa. Havia alguns colchões encostados na parede. Durante as entrevistas, sentamos no chão, recostadas no colchão. Existiam duas portas que pareciam ser dois quartos. Não houve privacidade. A Neta-3 (16 anos) nasceu em Manaus, é a caçula de oito filhos. Atualmente é estudante do ensino médio.

Família-4: a Avó-4 (68 anos) nasceu em S. Paulo de Olivença (AM), morou também em Tabatinga (AM). Veio para Manaus há 23 anos. Seu avô materno e o paterno são cearenses que vieram para o Amazonas e casaram com mulheres amazonenses no interior do Amazonas. Atualmente está com problemas de saúde, obesidade e não consegue mais andar. As três gerações desta família moram juntas em casa no bairro da Cidade Nova. A casa é de alvenaria, não tem forro, o assoalho é de cimento, mobília simples, com mesa e cadeiras de plástico. A entrevista com Avó-4 foi na cozinha, com a bisneta de quatro meses no colo na maior parte do tempo, e sem privacidade. As entrevistas com a Mãe-4 e a Neta-4 foram no quarto desta última, com ar-condicionado, onde houve privacidade.

A Mãe-4 (38 anos) nasceu em S. Paulo de Olivença (AM), e mora em Manaus há 16 anos. Atualmente não trabalha. Tem problemas de saúde, de obesidade e dificuldades para caminhar. Apresentou quadro de saúde psíquica e física fragilizadas. A entrevista com Mãe-4

teve duração de três horas. Foi feito encaminhamento para recebimento de ajuda psicológica para Mãe-4.

A Neta-4 (16 anos) nasceu em Manaus, e foi adotada por Mãe-4 ainda bebê. Atualmente é estudante do curso médio. Ela tem uma filha de quatro meses, e passou por sérios problemas de saúde durante e após sua gravidez. A criança nasceu com hermafroditismo (genitália dos dois sexos). Ela narrou que os exames médicos indicam a prevalência de hormônios femininos.

Foi com essas famílias, descritas sucintamente acima, que buscamos alcançar os objetivos dessa pesquisa: conhecer características da condição feminina; das relações familiares; da maternidade; da conjugalidade; da sexualidade e expectativas de vida, na perspectiva de três gerações de mulheres amazonenses de uma mesma família de Manaus. Buscamos também, explorar as repercussões transgeracionais das várias dimensões abordadas.

A concepção e o desenvolvimento da pesquisa foram pautados em princípios éticos que se estendem para além das diretrizes normativas estabelecidas pelo Código de Ética Profissional dos Psicólogos. Antes mesmo da preocupação com as normas, é princípio ético o comprometimento com os interesses individuais e coletivos da pesquisa, uma vez que esta configura além de um instrumento ético, também um instrumento político, se levamos em consideração os efeitos conferidos pela produção científica. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da UnB (Anexo A).

O trabalho ficou dividido em três artigos no formato adequado para divulgação em revistas indexadas da área de psicologia e afins. Cada artigo relata parte de pesquisa qualitativa realizada com doze mulheres de baixa renda de Manaus. Segue a descrição do conteúdo de cada artigo:

1º Artigo - O objetivo desse artigo foi compreender o impacto transgeracional de influências culturais e históricas no cotidiano de vida das participantes da pesquisa. A importância de adotar a perspectiva transgeracional familiar e histórica é possibilitar apreensões de ocorrências recursivas nas gerações familiares em função de seu contexto sócio-cultural regional.

2º Artigo - O objetivo desse artigo foi delinear a condição feminina, o ser mulher, a maternidade e as expectativas de vida, na perspectiva de três gerações de mulheres – avó, mãe

e neta de uma mesma família de baixa renda de Manaus. As várias dimensões foram abordadas sob as perspectivas de gênero e da transgeracionalidade.

3º Artigo – Esse artigo analisou dimensões da conjugalidade e da sexualidade, na perspectiva de três gerações de mulheres de uma mesma família de baixa renda de Manaus – avó, mãe e neta. Explorou as repercussões transgeracionais das várias dimensões abordadas e analisou a interação gênero, classe e cultura.

O propósito final dessa pesquisa foi produzir conhecimento que possa facilitar o manejo e a intervenção clínica com famílias e mulheres pobres do Amazonas. Outro objetivo fundamental foi gerar subsídios para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e promoção de saúde; construção de políticas públicas que priorizem as questões de gênero e que tragam melhoria de qualidade de vida para mulheres e famílias deste segmento social.

INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS E CULTURAIS NO COTIDIANO DE MULHERES POBRES DE MANAUS

Resumo. Este artigo apresenta dados parciais de pesquisa qualitativa cujo objetivo geral foi conhecer dimensões da condição feminina de mulheres de baixa renda de Manaus. O objetivo específico desse trabalho é problematizar o impacto de influências culturais e históricas no cotidiano de doze mulheres pobres - avó, mãe e neta - de quatro famílias residentes em Manaus. Os dados foram coletados através de questionário demográfico e entrevistas semi-estruturadas e foram analisados por meio de estratégia de análise de discurso. A análise de dimensões da vida intrafamiliar desvelou singularidades culturais passadas entre as gerações. Essa constatação facilitou o entendimento de peculiaridades regionais que ainda estão presentes na dinâmica familiar na atualidade. Os relatos das participantes revelaram situações de assimilação e de acomodação ao modo de vida urbano, que são o resultado de processos migratórios e econômicos. Os cotidianos das mulheres pesquisadas parecem ancorados na lenda das Amazonas: dinâmica familiar matrilinear; liderança familiar exercida pelas mulheres; ausência do homem na família; a paternidade e a conjugalidade são marcadas por laços afetivos superficiais; exercício precoce da conjugalidade e da sexualidade; autonomia sexual das mulheres; díade privilegiada entre mãe e filha.

Palavras-chave: Família; mulheres pobres de Manaus; transgeracionalidade; influências cultural-históricas; matrifocalidade.

CULTURAL AND HISTORICAL INFLUENCES IN THE DAY TO DAY EXPERIENCES OF IMPOVERISHED WOMEN OF MANAUS

Abstract. This article presents partial data of a qualitative study that had as its main objective to identify dimensions of the feminine condition of low income women of Manaus. The specific objective of this paper is to discuss the impact of cultural and historical influences in the day to day experiences of twelve impoverished women - grandmother, mother and granddaughters - of four families resident in Manaus. Data were collected with a demographic questionnaire and a semi-structured interview and were analyzed with a discourse analysis strategy. The analyses of dimensions of family life revealed cultural singularities that are transmitted from one generation to the other. This finding facilitated the understanding of the regional peculiarities that remain present in the family dynamics nowadays. The participant's reports exposed situations of assimilation and accommodation to the urban life style as a result of migratory and economic processes. The day to day experiences of the women that participated in the research seem to be anchored in the legend of the Amazon – a tribe of female warriors: the family dynamic is matrilineal; family leadership is exercised by the women; absence of men in the family; both the paternity and conjugality are marked by superficial affective bonds; women experience sexuality and conjugality precociously; females have sexual autonomy; the privileged dyad is composed by mother and daughter.

Key Words: Family; impoverished women of Manaus; transgenerational transmissions; cultural and historical influences; matrifocal.

INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS E CULTURAIS NO COTIDIANO DE MULHERES POBRES DE MANAUS

Este artigo relata parte de pesquisa qualitativa realizada com doze mulheres de baixa renda de Manaus. O objetivo geral da pesquisa foi conhecer dimensões da condição feminina: as relações familiares, a maternidade, a conjugalidade e a sexualidade dessas mulheres, sob o enfoque transgeracional e de gênero. O objetivo específico desse artigo é compreender o impacto de influências culturais e históricas nas experiências de vida dessas mulheres. A importância de adotar perspectiva transgeracional e histórica é possibilitar apreensões de significados do cotidiano e da vida familiar das participantes em função de seu contexto sócio-cultural regional.

O processo sócio-cultural é dinâmico e imbricado com o econômico. Em estudo sobre as conseqüências da economia neoliberal no Brasil do século XX na família brasileira, Sales (2007) aponta para a invisibilidade da pobreza para o país. Convive-se com o descaso do poder público para com a superação da pobreza e conseqüente desigualdade social.

A partir de 2005 teve início uma grande mobilidade social no Brasil em função de mudanças na política econômica e do desenvolvimento de projetos governamentais voltados para a erradicação da pobreza. Processo que se acentuou em 2010, ano em que 30 milhões de brasileiros ascenderam da classe D e E para a classe C. Conforme a pesquisa do “O Observador Brasil” (2011), em 2010 a classe C alcançou o índice proporcional de 53% da população do país; as classes A e B obtiveram 21,9%; e as classes D e E totalizaram 25% da população. Essa migração de uma classe sócio-econômica para outra mudou o perfil da população brasileira. Se antes tínhamos uma pirâmide, tendo como base as mais populosas classes D e E, hoje a figura é a de um losango, pois a classe C é que conta com o maior número de pessoas.

Costa, Pinheiro, Medeiros & Queiroz (2005) discutem em texto do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) a hipótese de que houve um processo de feminização da pobreza no Brasil, e questionam se há uma sobre-representação feminina nas camadas pobre. Esse estudo aponta que a sobre-representação feminina nas camadas pobres reflete a feminização da pobreza ao longo da história. Para essas autoras, no entanto, as políticas públicas institucionais voltadas para a mulher e a pobreza utilizam homoganeamente e acriticamente dados estatísticos que nem sempre são fiéis à realidade.

Na vida real, existem famílias e mulheres inseridas em contextos diversos: social, econômico, cultural, de raça e etnia, de idade e geração (Macedo, 2008). O objetivo maior

desse estudo é compreender o cotidiano de mulheres de baixa renda de Manaus, pertencentes a três gerações (avó, mãe e neta) de quatro famílias, sob o enfoque transgeracional familiar, histórico-cultural e de gênero.

Explorar sentidos nas redes de relações familiares que tecem os estilos de vida de mulheres de baixa renda de Manaus é um desafio. Requer do(a) pesquisador(a) atenção cuidadosa sobre as contradições de sua época, de sua classe social, de influências culturais e históricas transgeracionais. Segundo Torres (2005): “Trata-se de uma herança e experiências culturais acumuladas em milhares de anos, cujos conteúdos e significados permanecem vivos até os dias atuais, apesar da amalgamação sofrida no processo histórico da era moderna” (p. 19).

O entendimento de influências culturais, históricas e transgeracionais sobre o cotidiano de mulheres de baixa renda de Manaus requer, portanto, a compreensão de especificidades regionais, como diversidades culturais e sócio-ambientais, questões rurais, urbanas e a mescla rural-urbana. São elementos que contextualizam as singularidades das famílias, que delimitam os processos comuns e as diferenças que ocorrem no percurso histórico e entre as gerações. A inclusão desses elementos expande e dá dinamismo ao conhecimento. Possibilita, segundo Torres (2005): “Um veio de múltiplas interpretações centradas no núcleo homem/natureza/sociedade, cujas indagações são inesgotáveis como fonte de conhecimento” (p. 18). Nessa perspectiva, contextualizaremos brevemente alguns processos constituintes da vida no Amazonas e na Amazônia.

A Amazônia e a gente da floresta

Vivemos em um país de dimensão continental e configurado por diversidades culturais e territoriais/espaciais. Há apenas 40 anos a Amazônia passou a ser objeto de debates e de estudos no âmbito das ciências sociais. Estudos esses que apontam ser a Amazônia uma região dotada de natureza e cultura singular. Diversos elementos a diferenciam de outras regiões do Brasil. Entre eles, cabe destacar o isolamento geográfico, que se desdobra em isolamento cultural e humano, típicos do habitat amazônico, que determina aos seus habitantes a percepção de um tempo e de um espaço quase estáveis.

Dados do IBGE (2010) – referentes ao PNAD 2009, mostram algumas peculiaridades relevantes para o nosso estudo sobre as famílias da região Norte em relação às demais regiões do país. Segundo o item pesquisado - *Número de cinco moradores ou mais permanentes em domicílios*, na região Norte as famílias são as mais numerosas: o percentual na região Norte foi de 29,7%, enquanto na região Nordeste foi de 24,9%. O item pesquisado - *População*

residente na faixa etária de 0 a 24 anos, a região Norte concentra o maior índice de população jovem, com 50,2%; na região Nordeste foi de 45,9%. A região Norte detém o maior índice de população parda, com 71,2%; na região Nordeste foi de 62,7%. A região Norte ficou com o segundo menor índice de população preta com 4,7%; na região Sul foi de 3,6%. Estes são alguns dados que justificam o olhar diferenciado da psicologia clínica para estudar a mulher pobre da região norte do país. Elegemos a cultura para iniciar a compreensão desse diferencial.

A cultura é uma projeção do que sentimos por influência do ambiente. É no contato direto com a região amazônica, com seus habitantes, e navegando em seus rios que se pode ter uma noção do que é ser amazônida (Araújo, 2003). Esse autor associa à natureza local os atributos da pessoa da Amazônia, como o espírito de hospitalidade, de cooperação e a grande liberalidade com que encara tudo na vida: “É natural de seu temperamento, que tem raízes na grandeza de sua terra, na imensidão de suas florestas, na largueza de suas paisagens (...). Tenho a impressão que ele é um avançado no campo da tolerância e da compreensão das coisas humanas” (p. 190).

O que rege a vida nessa região é a mãe-natureza, confirma Torres (2005): “As populações indígenas locais têm na natureza uma grande referência. Dir-se-ia que a grande floresta, a terra e os rios representam o ponto de equilíbrio da própria vida” (p. 19). Segundo a autora, ainda hoje, as experiências de vida dos índios e seus descendentes caboclos refletem esse referencial. São peculiaridades que se diferenciam da lógica e da cultura ocidentalizada. Os estilos de vida possuem dinâmicas baseadas na ação e contemplação, no trabalho e tempo-livre, na espiritualidade e temporalidade da vida.

A Amazônia brasileira é multifacetada, não representa uma única Amazônia, mas várias Amazônias (Scherer, 2009). Na história do estado do Amazonas encontramos características regionais relevantes para o estudo de famílias de baixa renda que precisam de investigação. Conhecer dimensões do cotidiano de mulheres de baixa renda de Manaus sob o enfoque transgeracional nos levou a resgatar processos evolutivos da história do Amazonas, apresentados a seguir.

Entrecruzamento de Histórias – o Amazonas e as Famílias de Baixa Renda.

A história do Amazonas é marcada por ciclos econômicos que atravessaram diversas épocas: 1. A colonização, instaurando o mercantilismo. 2. O extrativismo da borracha. 3. A industrialização com a instalação da Zona Franca de Manaus (Ranciaro, 2004). Enfocaremos as migrações advindas desses ciclos como fatores essenciais para compreender a realidade

social e cultural da região amazônica. Apresentaremos brevemente esses processos, pois eles foram relevantes para a constituição da família, com repercussões sociais, culturais e étnicas para a população amazonense.

Antes da colonização e migração dos europeus a região amazônica era densamente ocupada por povos indígenas. O cotidiano dos nativos era de liberdade junto à natureza: os homens trabalhavam entre três a quatro horas diárias na produção de gêneros para o sustento (pesca, caça e plantio), dedicando o resto do tempo para diversão e descanso; as mulheres dedicavam-se às crianças e à alimentação da comunidade em geral. A liberdade é um dos aspectos mais interessantes da gente da floresta (Figueiredo, 2002).

O trabalho era coletivo, isto é, todos trabalhavam na produção que era distribuída entre os membros da tribo. Esse trabalho envolvia múltiplas atividades, que ainda hoje fazem parte do cotidiano alimentar e econômico amazônico: a coleta de produtos da floresta como a castanha e a pupunha; a caça às capivaras, quatis, antas, etc.; a pesca abundante e variada de peixes, de cujo excedente resulta o piracuí (espécie de farinha originada do peixe assado e desidratado); a pesca de tartaruga, cuja gordura serve para conservação de alimentos (Figueiredo, 2002).

Na organização familiar dos povos indígenas havia casamentos monogâmicos e poligâmicos. Alguns chefes casavam com várias mulheres, como sinal de prestígio e liderança. Com as mulheres acontecia o mesmo, segundo Figueiredo (2002): “As mulheres, nas sociedades matrilineares, também tinham direito de casar com vários homens” (p. 19).

O processo de desintegração da vida tribal indígena e de sua incorporação à sociedade regional amazônica teve início no começo do século XVII com a chegada dos europeus (Wagley, 1988). Esse processo trouxe uma quebra nos costumes, alterando o modo de viver dos povos da Amazônia. A partir daí, a população nativa foi sendo reduzida sistematicamente com a colonização. A introdução do trabalho forçado obrigava-os ao confinamento em guetos vigiados para desarticular fugas e levantes. Revoltados, índios se jogavam voluntariamente nos rios para morrerem afogados e não servirem de escravos aos brancos; as mulheres indígenas, quando grávidas, jogavam-se contra os bancos das canoas, batendo o ventre contra estes, para matarem o/a filho/a, evitando que também fossem escravizados pelos europeus. O processo de colonização provocou mudanças em sua cultura: passaram do totemismo ao monoteísmo, do nomadismo à atividade sedentária (Batista, 2003).

A política de Pombal criou o Diretório dos Índios, considerado o primeiro instrumento de esfacelamento das culturas nativas. Esse diretório obrigou os índios a: usarem a língua

portuguesa como língua oficial e proibiu o uso de línguas nativas; batizarem seus descendentes com sobrenomes portugueses, sendo discriminada a mãe e a criança que se recusasse a tal; construírem suas moradias no estilo das casas dos europeus. O casamento entre índios e brancos era incentivado com doações de terra como forma de re-povoamento e de "melhoramento" da raça dos nativos. Essas transformações provocaram repercussões na auto-estima, identidade e valores culturais dos povos nativos (Batista, 2003).

A identidade é incorporada pelo sujeito, segundo Bauman (2005), a partir do cuidado com a coesão, apego às regras, agir respeitando o precedente e mantendo-se fiel à lógica da continuidade. Os portugueses percebiam a cultura e a identidade nativas como sintomas de privação e de fracasso, ou seja, de desvalorização social. Essa visão produziu estigmas que marcaram a região e seus habitantes, pois foi retirado deles o direito de preservar sua identidade, conforme seus valores e costumes (Araújo, 2003).

Novas normas, pautadas no etnocentrismo, interferiram nas tradições e costumes dos nativos, fato que aponta para possíveis problemas de identidade e de baixa auto-estima nas gerações futuras. Estudo de Couto-Oliveira (2007) mostra que mulheres pobres sofrem com a violência da discriminação. E esta tem várias dimensões: a discriminação de gênero, a de classe social e de raça ou etnia. São discriminações vividas em seu cotidiano que podem suscetibilizar mulheres pobres a problemas relacionados à saúde mental (Mendes, 2004). São contextos que merecem atenção e estudos da psicologia, e, em especial, da psicologia clínica em sua articulação com a cultura.

A cultura amazônica traz em sua história o viés de transgeracionalidade. A miscigenação entre os portugueses os indígenas - mamelucos - deu origem aos primeiros brasileiros na região Amazônica. Esses descendentes traziam consigo as tradições, as crenças e os conhecimentos que aprenderam com suas mães indígenas. Wagley (1988), em sua pesquisa sobre comunidades amazônicas, observou a conservação de tradições indígenas em diversas esferas da vida Amazônica. Este autor analisa os processos de assimilação e aculturação dos nativos da Amazônia: "Formara-se uma cultura regional, fundamentalmente européia em suas principais instituições, mas profundamente influenciada pelo ambiente típico da Amazônia e pelas culturas nativas da região" (Wagley, 1988, p. 60).

Outro processo histórico importante foi o Ciclo da Borracha, consolidado nos fins do século XIX. Foi uma época de impactos sócio-econômicos e culturais na história do Amazonas. Santos (2007) narra que: "A pequena Vila da Barra (primeiro nome de Manaus) transmutava-se em metrópole das selvas (...). Manaus nasceu em meio à euforia do luxo de alguns e miséria de muitos" (p.91).

Um grande número de nordestinos veio para a região amazônica a partir de 1877. Eles vieram trabalhar nos seringais amazônicos, povoando a região ao longo dos rios e paranás. A migração de nordestinos para a Amazônia foi consequência de conjunturas: da seca na região nordeste e da necessidade de mão de obra nos seringais da Amazônia. Os nordestinos e sua descendência assimilaram os hábitos e cultura local, do caboclo amazônico. Em contrapartida, trouxeram mudanças nos métodos de trabalho, nas moradias indígenas, nos hábitos alimentares. Tudo isso produziu modificações profundas na estrutura familiar amazonense (Batista, 2003; Figueiredo, 2002).

Por volta de 1913, a borracha brasileira entra em declínio, devido à produção asiática. O fim da época áurea da borracha provocou a ruína econômica no Amazonas. Santos (2007) relata que: “Seguiu-se uma estagnação econômica na região durante cerca de quarenta anos” (p. 91). Nos 54 anos seguintes o Amazonas ficou predominantemente em situação de abandono. A pesquisadora Gondim (1996) analisa o processo de ascensão e decadência econômica da Amazônia, e descreve esse último como: “O período das trevas, época em que até sal faltava na cozinha amazonense” (p. 95).

O Governo é chamado a intervir e, em 1967 é criada a Zona Franca de Manaus (ZFM). As consequências da criação da Zona Franca de Manaus para a sociedade amazonense é problematizada por Ranciaro (2004): “O desenvolvimento do maior pólo industrial de eletroeletrônicos da América latina, deu notório destaque para a cidade de Manaus. Entretanto (...) gerou distorções sociais sem precedentes: a concentração econômica na capital amazonense; o êxodo rural acelerado em direção à Manaus” (p. 56).

A migração rural, decorrente da fase de industrialização de Manaus, tem relevância em nosso estudo. A maioria das famílias de baixa renda que moram em Manaus tem o êxodo de comunidades ribeirinhas como parte de suas histórias. São pessoas de acentuada cultura indígena, chamadas de caboclos, originadas dos beiradões dos rios da bacia amazônica, que vieram para Manaus, mais precisamente para o entorno da cidade (Batista, 2003).

A situação que esses migrantes encontravam era de trabalhos limitados, pois os melhores empregos estavam reservados aos mais preparados. Muitos tiveram que ir para o subemprego, gerando um bolsão de “excluídos” de baixa renda, morando no entorno de Manaus, convivendo com graves problemas sociais e familiares (Figueiredo, 2002). Estudos (Pochmann, 2001; Mendes, 2004) sobre as possibilidades de emprego para as pessoas com baixos níveis de escolaridade e qualificação evidenciam as dificuldades de inserção no mercado de trabalho. As chances de enfileiramento e competição diminuem diante das exigências atuais, principalmente do nível educacional.

Em suma, a formação da família amazonense, em especial a de baixa renda, tem como base a miscigenação entre indígenas, caboclos, portugueses, nortistas e nordestinos (Araújo, 2003). A vinda para o Amazonas de estrangeiros como os espanhóis, ingleses, alemães, e posteriormente também os árabes, judeus, sírio-libaneses, japoneses e coreanos não foi significativa para a formação da família de baixa renda de Manaus.

Diante desse contexto histórico-cultural cabe colocar a questão: Como é o cotidiano das famílias e mulheres na Amazônia? Em estudo bibliográfico sobre a mulher amazônica, Costa (2005) aponta para: “Um comportamento diferenciado da mulher amazônica em relação às mulheres do sul e sudeste, no tocante à maternidade, matrimônio e sexualidade. Tais diferenças se expressam de forma mais nítida em relação ao segmento social mais pobre” (p. 28-29).

Torna-se fundamental, portanto, problematizar o modo como a história do Amazonas pode contribuir para o entendimento de dimensões do cotidiano de mulheres de baixa renda de Manaus. Influências históricas e culturais podem ser úteis na compreensão do processo de transmissão transgeracional. De acordo com essa perspectiva, a pessoa se insere em uma história preexistente, da qual ela é herdeira e prisioneira (Falcke & Wagner, 2005). Cabe então colocar a pergunta: até que ponto esses processos históricos influenciam o cotidiano de mulheres pobres participantes dessa pesquisa na atualidade? Apresentamos a seguir a metodologia e os resultados de pesquisa que teve como um de seus objetivos encontrar possíveis respostas para essa pergunta.

METODOLOGIA

O objetivo geral dessa pesquisa qualitativa foi conhecer dimensões da condição feminina: as relações familiares, a maternidade, a conjugalidade, a sexualidade e as expectativas de vida, na perspectiva de três gerações de mulheres de uma mesma família de baixa renda de Manaus. O objetivo específico desse artigo é compreender o impacto de influências culturais e históricas nas experiências de vida dessas mulheres. Ressaltamos a relevância da pesquisa qualitativa no contexto da Psicologia Clínica e em nosso trabalho, por ter como principal finalidade caracterizar, compreender e interpretar um determinado fenômeno (Seidl de Moura & Ferreira, 2005). Dado o caráter transgeracional do trabalho optou-se por uma das estratégias da metodologia qualitativa que é o estudo de caso múltiplo. As evidências resultantes de casos múltiplos são consideradas mais convincentes, e o estudo global é visto, por conseguinte, como algo mais robusto (Yin, 2005).

Utilizamos como instrumentos de coleta de dados um questionário de levantamento de informações sócio-demográficas (Anexo C) e entrevista individual do tipo semi-estruturada (Anexo D). As famílias foram contatadas através do CRAS – Conselho Regional de Assistência Social de Manaus, cadastradas no Programa do Governo Federal Bolsa Família. Foram indicadas 04 (quatro) famílias de Manaus, de classe socioeconômica de baixa renda. O indicador de pobreza para seleção neste Programa é pertencer à classe E, cuja renda domiciliar total de uma família corresponde a R\$ 804, a preços de novembro de 2008 (Ministério da Fazenda, 2010).

Participaram da pesquisa doze mulheres que tinham preservadas três gerações de mulheres - avó, mãe e neta. Nossa pesquisa contou com quatro avós com 68, 64, 60 e 57 anos; quatro mães com 46, 41, 38 e 37 anos; e quatro netas com 17, 16, 16 e 14 anos.

As entrevistas foram individuais, realizadas nas residências, em horário conveniente para cada participante. Houve a leitura em voz alta e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B). Em seguida, foi respondido o questionário sobre informações sócio-demográficas (Anexo C), e foi feita a entrevista individual semi-estruturada (Anexo D). As falas foram gravadas com o consentimento das participantes e transcritas literalmente. As narrativas foram analisadas por meio da análise de discurso, segundo as proposições de Rocha-Coutinho (1998). Foi considerado neste estudo o caráter de historicidade e provisoriedade peculiar do universo da pesquisa (Minayo, 2008). O projeto foi submetido e aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (Anexo A).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão dos resultados neste artigo tem os seguintes enfoques: A história sócio-cultural e as histórias de vida; Cultura e vida familiar: a matrilinearidade e o papel periférico do homem; Influências culturais no exercício da sexualidade.

A História Sócio-Cultural e as Histórias de Vida

As marcas da história local estão presentes na constituição das famílias que participaram da pesquisa. O entrecruzamento de ciclos econômicos e os processos migratórios é uma constante nos relatos das histórias de vida. A maioria dos genitores das avós entrevistadas veio do norte e nordeste do país para o interior do Amazonas sonhando com melhores condições de vida: Ceará (Família-4), Paraíba (Família-2), Pará e Piauí (Família-3). Alguns casaram com mulheres amazonenses. Todas as avós e três entre as quatro mães participantes nasceram no interior do Amazonas, em comunidades à beira dos rios da Amazônia, e por isso são referenciadas como ribeirinhas. Todas as netas nasceram em Manaus.

A maioria relatou histórias que falam de migrações e da conseqüente miscigenação. Houve uma assimilação de nordestinos à grande floresta. Em contrapartida, o amazônida também assimilou a cultura do nordestino. A cultura amazônica, segundo Torres (2005): “Também absorveu e se amalgamou à cultura dos nordestinos. As formas rústicas e tradicionais de lavrar a terra (...) muitos cabocos amazônicos vão aprender. Os nordestinos trouxeram consigo a sua culinária, o seu folclore, a mitologia, a sua religiosidade popular” (p. 21).

A Avó-3 conta sobre a vinda para Manaus e as dificuldades com questões rural-urbanas: “Cabocla do interior, não sabia nem nada, nada! Pra lá só se vê mesmo é bicho. É porco, é anta, é pássaro, é tanta coisa!”. Ela fala da diferença entre a habitação rural tradicional de influência cultural indígena e o modo de viver urbano: “Eu vou chamar meu filho pra me ajudar a fazer a casa. Se fosse no interior, não, era só fazer um buraco, toca-lhe pau mesmo; mas aqui se fizer um esteio de pau, vão dizer que é caboco, índio”.

A Mãe-3, ao descrever evento de socialização, deixa claro que o principal meio de transporte entre comunidades ribeirinhas é o barco: “Vizinhos que moravam próximos pegavam barco pra vir. E a bebida era cachaça pura mesmo e a mamãe fazia aluá de abacaxi”. Ela fala de sonhos entremeados de costumes e tradições de ser mulher ribeirinha e os conflitos com as questões urbanas cotidianas: “Quando a gente casa quer casa. Não era casa, nós ia pros tapiris, pros secos, pro seringal (...) sonhava com a minha roça, minha canoa, era meu

sonho de criança”; “Eu sou louca por interior. Uma vez gastei quatrocentos e tantos reais pra gente curtir lá do outro lado (rio Negro). Voltamos quase sem dedo, a piranha quase come o dedo da gente (ri)”.

As falas sobre as festividades familiares mostram que estas incluem comidas típicas regionais e revelam influências da diversidade cultural local. A Avó-4 fala de tradições culinárias que refletem o meio ambiente em que viveu: a cultura indígena mesclada com a cultura hispânica, pois seu interior é São Paulo de Olivença, que fica próximo à fronteira do Amazonas com a Colômbia e o Peru: “No ano-novo a gente faz festa, comida, leitoa, sancocho, a gente faz tartarugada”. A Mãe-3 também fala do principal elemento da culinária local: “No interior vivia de farinha, plantava roça e vendia farinha”. A Mãe-3 comenta, ainda, os preparativos para festas tradicionais do interior, com destaque para a culinária regional de tradição indígena: “Meu avô pegava aquela tartarugooona, fazia o sarapatel (cozido feito com os miúdos e o sangue de tartaruga). A minha avó matava sempre um capado, que ela dava muita castanha prá ele comer, que lá era castanhal, e os porcos tudo gordão”.

As narrativas das avós e mães participantes evocam conteúdos diversos de assimilação de costumes indígena. A exceção foi constatada na Família-1, devido a Avó-1 ter sido criada em Manaus pela madrinha desde os sete anos. Esse episódio marcou a sua história de vida e bloqueou as lembranças de sua origem familiar de cultura ribeirinha. Houve assim, uma quebra transgeracional cultural nas gerações de Mãe-1 e Neta-1 nessa família. Não constam em suas falas lembranças com conteúdos de origem indígena.

Os processos históricos de migrações trouxeram para a região Amazônica elementos significativos que resultaram em diversidade cultural. Esta diversidade faz parte da história de vida e do cotidiano das famílias participantes desta pesquisa, ou seja, constatou-se que as vivências familiares cotidianas estão imbricadas em processos transgeracionais históricos (Falcke & Wagner, 2005).

Alguns aspectos do cotidiano das mulheres participantes parecem ancorados em rede mitológica, evidenciando que figuras do folclore da Amazônia fazem parte do imaginário da família amazonense. A Avó-3 conta um episódio na qual recebeu os conselhos da madrinha, em situação após ter um filho e na qual ela pretendia voltar para casa por meio de transporte ribeirinho: “Tem que esperar oito dias, porque o boto acompanha a mulher, é arriscado ele pegar do jeito que ela tá, assim do parto, e ela vai pegar outro filho de bicho”. A fala acima revela dimensões culturais características da Amazônia e presentes no cotidiano familiar. Merece destaque nessa narrativa a presença do mito amazônico - a lenda do boto.

A análise de Tocantins (2000) relaciona os teares mitológicos ao cotidiano do amazônida, na metáfora do rio: “O Amazonas já nasceu historicamente de uma lenda” (p. 64). Segundo o autor, a Amazônia seria o cenário mais propício para o véu mitológico e supersticioso que paira no subconsciente de quem mora nessa região. A lenda das amazonas - guerreiras de um império feminino, onde as mulheres viviam sós e eram exímias na caça, na equitação e na guerra, parece estar presente na construção da identidade. Esta lenda, em especial, ajuda a compreender o fato de grande parte das famílias serem monoparentais e as mulheres chefes de família cumprirem duplo papel, de homem e de mulher, em seus cotidianos.

No propósito em compreender o significado de ser mulher amazonense para as participantes, obtivemos a definição “Guerreira” para a maioria. Predominaram narrativas com conteúdos onde ser mulher tem valor positivo, em oposição à condição masculina vista com desvalia; ser mulher é alçado a uma nova categoria que não se limita a ser mulher ou ser homem, é ser mulher e homem.

No quesito sobre a opinião de pessoas de outras regiões sobre ser mulher amazonense, os relatos das participantes foram marcados pela desvalorização da etnia indígena: “A discriminação é grande! Pensam que é índio, que aqui o jacaré passeia no meio da rua” (Mãe-4); “Eles chamam a gente sempre de caboco, de índio” (Avó-4); “Lá no Amazonas só tem índio, andam com roupa quase nu” (Mãe-1); Avó-3 narra como a sua mãe a tratava: “Até ela, só me chamava de índia macuxi”. As participantes falam de desigualdades regionais, étnicas históricas e transgeracionais que necessitam ser problematizadas para definição de estratégias de intervenções social, educativas, preventivas e de promoção de saúde.

As dificuldades cotidianas de ser mulher no interior amazonense também foram relatadas pelas participantes: “Não é fácil não. A mulher que vem do interior, lá ela tinha que remar, pescar, descascar a mandioca, fazer farinha” (Mãe-4). A Avó-2 fala sobre o cotidiano em Tapauá – Lábrea: “Nasci e me criei no interior e pra lá não tem nada. Não sei ficar parada. Me criei tirando sorva, cortando seringa, plantando roça, cana, arroz, castanha, tudo isso era meu ramo de vida lá”. A Avó-3 conta a luta para conseguir alimentação para os filhos quando morava em uma ilha de Barcelos: “Na beira do igarapé eu ia pegar traíra (...) no mato eu não tinha medo de onça, mas tinha medo da cobra”.

A conjugalidade das famílias participantes da pesquisa é descrita, em alguns aspectos, de forma similar aos conteúdos da dinâmica familiar descrita por historiadores locais: o casal discute negócios; a mulher administra as finanças familiares, ajuda o marido na roça, planta e colhe mandioca, faz a farinha, extrai a borracha e pesca (Wagley, 1988; Araújo, 2003). A

narrativa de Avó-3 evidencia, ainda, os costumes de origem indígena e o papel da mulher na conjugalidade do ribeirinho: “No tempo do interior, eu cortava seringa junto com o meu marido. Eu tinha a minha estrada, ele tinha a dele. Eu mariscava, pegava cabeçudo (diversos tipos de tartaruga), jogava tarrafa e pescava peixe”.

São relatos que refletem o ser mulher de origem ribeirinha vivendo em Manaus. A mulher ribeirinha no trabalho, sozinha ou com o cônjuge, na sobrevivência da família. As participantes narraram costumes, tradições e culinárias regionais de origem marcadamente indígena e passadas entre as gerações em cada família.

Vimos que a pesquisa transgeracional histórica da família pode fornecer elementos sobre o feminino no passado e a condição feminina hoje. Permite compreender a construção de identidades das mulheres participantes: a sua opinião sobre ser mulher, como ela se vê como mulher amazonense, e como ela acha que outras pessoas a vê. O gênero institui as identidades das pessoas, e esta é construída na interação com a diversidade de seu contexto e de sua cultura (Petrini, 2005).

É fundamental a reflexão sobre heranças culturais que influenciaram dimensões e valores presentes no cotidiano familiar atual das participantes. A negação da origem indígena encontrada nos relatos dessas mulheres parece ter sido construída a partir do outro que (sub)julga. São estigmas que marcaram e ainda marcam a região e seus habitantes, negando a eles o direito de preservar sua identidade, conforme seus valores e costumes. O etnocentrismo de ontem vivificado nas pessoas de fora da região, continua a estigmatizar a população descendente de indígenas de hoje. As narrativas de algumas participantes sugerem baixa autoestima por serem percebidas, de geração em geração, como sendo exóticas no sentido de inferioridade racial.

Esse sentimento de menos-valia também foi encontrado por Torres (2005) em pesquisa com mulheres trabalhadoras de Manaus. Conforme suas palavras: “A maioria das mulheres entrevistadas não se sente à vontade para falar de sua origem indígena, estando, pois, implícita uma certa predisposição para renegá-la” (p. 99).

Esse processo de negação parece estar intimamente vinculado ao etnocentrismo histórico, pois este nos mostra que os portugueses percebiam a cultura e a identidade nativas como sintomas de privação social e estigmas de fracasso, de desvalorização e de inferioridade. O fato é que a construção da identidade dessas mulheres é, no mínimo, paradoxal. Ao lado de sentimentos de menos-valia está o reconhecimento da competência para viver e lidar cotidianamente com situações adversas.

Cultura e Vida Familiar: A Matrilinearidade e o Papel Periférico do Homem

O cotidiano das participantes sugere que influências transgeracionais históricas fizeram e ainda fazem a mulher ser a principal referência da família há várias gerações. Por consequência existe uma sobrecarga em função do acúmulo dos papéis de mãe e de pai em seu cotidiano. Esse fato aponta para marca transgeracional presente na vida das mulheres de baixa renda de Manaus: a matrilinearidade, ou seja, o perfil de “família de mulheres” e para o papel periférico do homem em suas famílias.

Foi comum nas narrativas das gerações de avós e mães a frase: “Eu sou a mãe e o pai dos meus filhos”. A maioria das participantes reconhece que suas mães vivem cotidianamente o papel de mãe e de pai. Durante a pesquisa, das doze mulheres entrevistadas somente duas viviam com cônjuges. Em todas as narrativas das entrevistadas ficou evidente a dificuldade de falar sobre o papel masculino em suas vidas.

Processos históricos do Amazonas apontam que a mulher desta região conviveu com freqüentes ausências do homem no meio familiar. No início da colonização, por iniciativa dos portugueses, os índios eram retirados de suas tribos e de seus familiares para servir de mão-de-obra escrava. A consequência dessa ausência do homem na família é relatada pelo padre Antônio Vieira em suas cartas à Coroa, nas quais dizia que os missionários, em suas visitas às aldeias indígenas, freqüentemente nelas só encontravam algumas mulheres, crianças e velhos famintos (Wagley, 1988).

Pistas das situações familiares também podem ser vislumbradas nas históricas narrações de viajantes europeus. Elizabeth Agassiz, em viagem ao Brasil, efetuada entre 1865 e 1866, registrou a imagem da mulher amazônica. A representação que dela faz a cronista mostra o confronto entre a lógica ocidental e o modo de vida das amazônidas. Concepções deterministas são percebidas ao longo da obra dos Agassiz (Elizabeth e o marido suíço e naturalista). Na passagem pelo Amazonas, Elizabeth narra que as mulheres índias se referiam aos seus filhos órfãos de pai sem vergonha ou culpa. A cronista atenua essa realidade associando-a a lenda do boto, na qual não raro se amparam as famílias e mães solteiras da Amazônia. Assim, segundo Elizabeth, muitas crianças não sabiam nada sobre seus pais, e os cuidados e toda a responsabilidade pelos filhos eram encargos da mãe (Agassiz & Agassiz, 1869/1969).

O ano da expedição do casal Agassiz coincide com a guerra do Paraguai (1864-1870). Novamente Elizabeth descreve que por onde passava a expedição era percebida a ausência

dos homens em função da guerra. Isto obrigava as mulheres a ocupar posição de direção das famílias e dos empreendimentos locais (Agassiz & Agassiz, 1869/1969).

Outro episódio histórico reitera o constante papel da mulher como chefe na dinâmica familiar amazonense. Os “soldados da borracha”, como eram conhecidos os homens seringueiros da Amazônia, desenvolviam atividades de natureza nômade. Devido à necessidade de mudanças constantes para encontrar os caminhos de árvores seringueiras, era comum deixarem durante semanas as mulheres sozinhas cuidando da família (Wagley, 1988).

A decadência da borracha e o conseqüente empobrecimento dos moradores do Amazonas provocaram um grande êxodo da população masculina para o sul, atrás de oportunidades para vencer as dificuldades regionais (Batista, 2003). Esse processo tem novamente como conseqüência a ausência do homem na região.

São notórios os indícios de que no desenrolar da história nessa região, as mulheres de baixa renda do Amazonas e de Manaus são freqüentemente deixadas a sós com o encargo de criar os filhos. E, por terem sido freqüentemente deixadas sozinhas essas mulheres precisaram desenvolver estratégias de sobrevivência. Passaram e continuam a desempenhar o papel de autoridade e de chefe de família.

A matrilinearidade e o papel periférico do homem na conjugalidade estão, portanto, diretamente correlacionados com a história local. Os episódios históricos freqüentes de situações de abandono vivenciados pelas mulheres influenciaram a dinâmica familiar. As conseqüências são: o papel periférico do homem na família; a dinâmica familiar de característica matrilinear; o favorecimento de múltiplas ocorrências de relações afetivo-sexuais, com conseqüentes paternidades diferentes para seus filhos.

Este acúmulo de papéis de mãe e de pai sempre gera uma sobrecarga de responsabilidades e de tensão nas vidas dessas mulheres. Soma-se a essa situação outra dupla função – cuidar do lar e ser profissional. Forma-se, assim, um quadro de sobrecarga e conflitos nada desprezíveis (Silva, Amazonas & Vieira, 2010).

Passagens da história do Amazonas analisadas neste artigo sugerem, portanto, que processos de transmissão transgeracional marcam o cotidiano familiar de mulheres de baixa renda da região. Problematizaremos a seguir a relação do contexto sócio-cultural histórico com o exercício da sexualidade das mulheres participantes da pesquisa.

Influências Sócio-Culturais Históricas no Exercício da Sexualidade

Em todas as épocas, são impostas restrições à vida sexual, através da cultura, da economia, da política e da religião. Cada sociedade estabelece, portanto, costumes e rituais de iniciação sexual, de normas morais de acordo com sua história e sua herança étnica (Costa, 1986).

Ao refletir sobre a história das mulheres no Brasil, Fonseca (2007) aponta que a organização familiar dos grupos populares seguiu uma linha de evolução diferenciada se comparada às de outras classes sociais. A autora relata em seu estudo haver semelhança, no entanto, entre o comportamento familiar dos pobres das cidades brasileiras com o de populações da Europa pré-moderna: era complicado distinguir esposos de concubinos; o casamento tinha duração de 14 a 15 anos; a gravidez pré-nupcial era freqüente, pois as relações sexuais e a coabitação eram comuns; e quanto aos “sentimentos paternos”, estes não se assemelhavam ao modelo contemporâneo de cuidados familiares reservados às crianças.

Nesse contexto, a organização familiar dos grupos populares é diferenciada. Fonseca (2007) aponta que tal estrutura é: “Herdeira de uma cultura popular vigorosa, que muitas vezes vem de encontro às normas e aos valores da sociedade dominante” (p. 521).

A história do Amazonas, em sua singularidade, nos convida a problematizar dimensões da sexualidade das mulheres participantes. Sabemos que a sexualidade, por si só, já é um tema complexo e difícil de analisar. Mais ainda quando precisamos da história para sua compreensão, pois a maioria dos escassos textos históricos foi escrito por homens, e em geral de forma parcial. No entanto não podíamos nos furtar de examinar algumas especificidades da sexualidade de mulheres pobres amazonenses em um estudo que trata das influências transgeracionais e históricas no cotidiano de mulheres. Somos convidadas a refletir sobre a dimensão da sexualidade na identidade dessa mulher, pois acreditamos que como as demais dimensões do cotidiano, ela tenha sido construída transgeracionalmente a partir da imagem da mulher índia na sociedade colonial.

Os colonizadores portugueses precisavam garantir a posse da terra Brasil, por isso existia a necessidade de povoamento do Brasil colônia. Nesse contexto, a nudez feminina indígena era favorável ao poder público, mas, motivo de conflito aos olhos da igreja. O padre Manoel da Nóbrega solicitou que Portugal enviasse mulheres prostitutas para distrair os colonos, pois: “Qualquer mulher seria melhor do que uma índia” (Torres, 2005, p. 72).

A análise de Torres (2005) revela paradoxos do contexto histórico-político dessa época e denuncia o interesse escuso dos portugueses na construção da imagem das mulheres

índias: “É perceptível o propósito da dominação portuguesa em buscar construir um plasma social em torno da imagem das índias, associada ao papel de mulheres parideiras e fogosas, para promover a política de povoamento da região” (p. 69). Na percepção da autora, imagens de mulher “fácil” e de menos-valia foram construídas pelos portugueses e assimiladas pelas mulheres da região. Permanece, portanto, no imaginário das mulheres amazonenses, trazendo dificuldades e sofrimento psíquico em seus cotidianos.

Constatamos em nossa pesquisa o exercício precoce da sexualidade e a presença de autonomia sexual nas histórias das mulheres participantes. Na Família-1 a Avó-1 casou aos 16 anos, enviuvou, teve a segunda conjugalidade e separou dele por causa da bebida. A Mãe-1 fica grávida aos 12 anos, casa aos 16 anos, assume a sua infidelidade conjugal, abandona o marido e vive com os filhos autonomamente. Na Família-2 a Avó-2 casa, fica viúva, casa novamente, abandona o marido por um rapaz de menor e retorna para o marido. A Mãe-2 engravida aos 16 anos e tem histórico de cinco cônjuges. A Neta-2 engravida aos 16 anos. Na Família-3 a mãe de Avó-3 abandona o marido em Belém e vem para Manaus com um filho, sem conhecer ninguém em Manaus. A Avó-3 foi estuprada no início da adolescência e teve três cônjuges. A Mãe-3 iniciou a vida sexual e conjugal aos 11 anos e teve três cônjuges. Na Família-4 a Avó-4 teve um cônjuge. A Mãe-4 teve experiência de tentativa de abuso sexual do pai aos 15 anos e teve três cônjuges; A Neta-4 iniciou a vida conjugal e sexual aos 13 anos e teve uma filha com 14 anos.

O exercício da sexualidade na Amazônia pode ser compreendido também a partir de registros históricos sobre hábitos e costumes da população de Belém. Um deles era o de tomar banhos ao longo da margem do rio pela manhã e à tarde, e estes eram descritos como promiscuidades. Somente em 1916, a Lei 723 do Código de Postura, determinou a proibição de: andar em completa nudez ou traje indecente ou dilacerado; tomar banho despido nos lugares públicos, litoral ou interior do município; tomar banho nos poços e fontes públicas (Costa, 2005).

Em nosso estudo, durante as entrevistas, foi possível constatar a naturalidade com que algumas participantes ficam enroladas em toalhas na presença de visitas. A Mãe-3 fala da filha caçula – Neta-3: “A minha bebê é aquela que veio de toalha roxa”. E a descrição de Mãe-4 ao receber a visita do primeiro marido após anos de separação: “Ele chegou e disse: tu não vai me dar meu abraço? Eu disse: Calma menino! Eu to tomando banho aqui atrás (no quintal). Aí, eu saí de toalha e ele me abraçou”. São relatos que delineiam hábitos cotidianos executados com naturalidade em público, no entanto considerados pela norma social como íntimos e privados, o que sugere especificidades culturais regionais.

Ficou evidente em nossa pesquisa a influência de processos históricos e culturais na vida cotidiana, inclusive no exercício da sexualidade. A forma como a sexualidade dos povos nativos da região foi vista e documentada abriu espaço para uma série de preconceitos presentes ainda hoje no cotidiano das mulheres. Torna-se necessário, contudo, ousar lançar um olhar diferenciado sobre a questão. Uma releitura desses mesmos registros históricos mostrou outra forma de analisar a dinâmica sexual dessas mulheres. As práticas em torno do exercício da sexualidade, vistas de forma ampla, têm indubitavelmente origem nas raízes da cultura amazônica indígena descrita pelos historiadores. No entanto, podem ser vistas com um outro olhar – que não seja punitivo e nem preconceituoso. Tal postura permitiria a construção de uma versão que pudesse dar leveza e tratar com naturalidade a identidade sexual em questão, que poderia assim ser assimilada e vivenciada com orgulho por fazer parte da herança cultural dessas mulheres. Tomamos brevemente aqui a liberdade de exercitar esse novo olhar.

Costa (2005) apontou em seu trabalho que a autonomia da mulher influenciou também a vida íntima: “Traduz-se também, no exercício de uma sexualidade mais liberada” (p. 29). Elizabeth Agassiz (Agassiz & Agassiz, 1869/1969) em visita à Amazônia e ao Amazonas apontou que as mulheres amazônicas gozavam de uma liberdade impensada, e que essa autonomia tornava-se mais visível no comportamento sexual. Figueiredo (2002) reitera essas idéias ao citar a liberdade como um dos aspectos mais interessantes da gente da floresta: a sexualidade era espontânea e livre, próxima da natureza; e a vida sexual dos jovens começava cedo. Essa autonomia, liberdade e naturalidade podem e devem ser vistas de forma construtiva, principalmente se informadas por um olhar de gênero e pelas críticas feministas que apontam que o exercício da sexualidade feminina foi uma área marcada pelo preconceito e pela necessidade do patriarcado de exercer controle e dominação sobre a mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Episódios históricos do Amazonas permitiram problematizar dimensões do cotidiano das mulheres participantes dessa pesquisa. Conexões entre a história sócio-cultural local e as histórias de vida foram evidenciadas. Influências transgeracionais na dinâmica familiar foram percebidas: na organização familiar matrilinear, no papel periférico do homem e no exercício precoce da sexualidade e conjugalidade. Certamente, são processos singulares regionais que necessitam de mais investigação.

A transgeracionalidade está presente e marca a experiência de mulheres no Amazonas. O cotejo entre a vivência de mulheres que deram embasamento a essa reflexão e o percurso histórico encontrado no levantamento bibliográfico, possibilitou um viés de compreensão de dimensões da condição feminina e familiar. Foi observado que influências culturais e do percurso histórico regionais são transmitidos pela família de uma geração à outra e estão presentes na atualidade.

É importante pensar que processos históricos deixam marcas nas identidades e na vida das pessoas e podem influenciar a construção da identidade, a vida conjugal e familiar de mulheres na atualidade. Adotar um olhar focado na transmissão transgeracional resultou, assim, na compreensão de aspectos da vida que apontam para especificidades regionais nas dinâmicas familiares. Os relatos das participantes neste artigo descrevem vivências diárias junto à natureza da Amazônia, sua história, suas tradições, costumes e culinárias. Descrevem um modo de ser na vida rural amazonense, de marcante influência indígena. E, falam também de um cotidiano repleto de situações de assimilação e de acomodação ao modo de vida urbano, provocado pelos diferentes processos econômicos e migratórios.

Aspectos relevantes da experiência de vida das participantes podem ser ancorados em mitos e lendas amazônicas, tais como a lenda das Amazonas, uma nação de mulheres guerreiras que recebiam os guerreiros de outras tribos para acasalar. Findo o prazo de concupiscência indígena, os homens eram obrigados a voltar para suas tabas. O filho do sexo masculino era devolvido ao pai, se fosse mulher aconchegavam-na ao peito com amor (Secretaria de Estado de Trabalho e Serviços Sociais, 1981).

Foi possível constatar nas narrativas das mulheres participantes a presença de dimensões similares aos da lenda acima citada: a dinâmica familiar matrilinear - a família de mulheres e a liderança da mulher na família; a ausência do homem em sua vida e os laços afetivos superficiais na conjugalidade e na paternidade; o exercício precoce da conjugalidade e da sexualidade e a autonomia sexual; e a díade privilegiada entre mãe e filha.

O percurso histórico mostrou a construção da idéia de sub-raça que gerou transgeracionalmente o sentimento de menos-valia, que pode provocar sofrimento psíquico em função de baixa auto-estima. Essa situação aponta para a necessidade de suporte institucional para o resgate e valorização da história do Amazonas, que é também parte das histórias de vidas das mulheres entrevistadas e de suas famílias, há muitas gerações.

A Organização Mundial de Saúde (2002) preconiza que devem ser regulamentados programas e políticas em saúde mental de mulheres que valorizem as questões de gênero, de classe social, de etnia ou raça, e as diversidades culturais regionais (Couto-Oliveira, 2007). Fica aqui também a proposta para que políticas e ações voltadas para mulheres e suas famílias valorizem sua capacidade de superação de adversidades. O conceito de resiliência, na qual não se elimina os desafios, mas estes são (re)significados de forma positiva, precisa ser levado em conta.

Essas reflexões são o resultado de estudos de caso de três gerações de mulheres de quatro famílias de baixa renda de Manaus. São como pistas para a compreensão de um universo complexo, que precisa ser mais estudado. Procuramos conhecer dimensões da experiência dessas mulheres sob a perspectiva transgeracional e refletir também sobre aspectos comuns encontrados nas famílias sob a perspectiva transgeracional histórica, sem perder de vista as singularidades de cada família. O cotidiano complexo vivido por essas mulheres é produto do entrecruzamento de fatores, aos quais temos acesso limitado. É preciso, portanto, entender as limitações que envolvem esta pesquisa. Sabemos que produzimos um recorte da experiência de vida dessas mulheres e suas famílias. Conforme aponta Passos (2005) o que foi relatado aqui: “Não corresponde jamais à profusão de laços que enredam o grupo familiar e seus desdobramentos” (p. 14).

Novas pesquisas sobre dimensões da vida de mulheres e de famílias amazonenses precisam ser realizadas. Chamamos atenção para o fato de que os estudos sobre essas famílias não devem ser restritos a obter parâmetros de universalidade. Segundo Heilborn (2004), deve haver mais estudos que priorizem conhecer as especificidades contidas na diversidade de contextos de vida, além da dinâmica singular de cada família.

Este estudo apontou que processos transgeracionais acompanham as histórias de vidas das mulheres participantes. Este contexto remete aos ensinamentos da história da cultura amazonense, na narrativa de que existia um ritual indígena de acomodar seus mortos em vasos de barro e enterrar. Como eram nômades, no momento de migrar, desenterravam os vasos, levando-os consigo amarrados na costa. Atualmente, as mulheres convivem com a herança de experiências culturais de seus antepassados.

Ao se dar voz às mulheres de diferentes gerações participantes deste estudo, iniciamos o processo de conhecimento da perspectiva de cada uma delas sobre sua história de vida, sobre suas heranças. Sabemos, entretanto, que esse processo não é fácil. Como constata Couto-Oliveira (2007): “Ainda temos muito trabalho até chegarmos a um contexto em que a pluralidade seja não apenas revelada, mas refletida e incentivada” (p.13). Esta história e herança precisa ser (re)significada e integrada à experiência cotidiana para que as mulheres participantes dessa pesquisa, e, na verdade todas as mulheres da Amazônia possam valorizar e usufruir da riqueza de seu passado.

SER MULHER, MÃE E POBRE EM MANAUS: UMA PERSPECTIVA TRANSGERACIONAL E DE GÊNERO DA CONDIÇÃO FEMININA

Resumo. Este artigo apresenta dados de pesquisa qualitativa sobre dimensões da condição feminina de mulheres pobres de Manaus. Doze mulheres participaram da pesquisa. As reflexões de três gerações de mulheres - avó, mãe e neta - de quatro famílias sobre o ser mulher, a maternidade e suas expectativas de vida são os temas discutidos aqui. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário demográfico e de entrevista semi-estruturada. Essa estratégia favoreceu os relatos das participantes sobre suas histórias de vida. A análise dos dados foi feita através da análise de discurso. Os resultados revelaram ocorrências de processos transgeracionais similares na maioria das famílias: matrifocalidade e chefia feminina da família associada ao papel periférico do homem como esposo e pai. O cuidar e a maternidade são percebidos como privilégios; as três gerações de mulheres vêm suas mães como pessoas fortes e guerreiras por acumularem os papéis de mãe e de pai. Os resultados apontam para a necessidade de políticas sociais e de saúde pautadas na perspectiva de gênero. Tais políticas precisam levar em consideração as singularidades das experiências de mulheres pobres da Região Norte do país.

Palavras-chave: Gênero; mulheres pobres de Manaus; condição feminina; maternidade; transgeracionalidade.

BEING AN IMPOVERISHED WOMAN AND MOTHER IN MANAUS: A TRANSGENERATIONAL AND GENDER PERSPECTIVE OF THE FEMININE CONDITION

Abstract. This paper presents data from a qualitative research regarding dimensions of the feminine condition of impoverished women of Manaus. Twelve women participated in the research. The thoughts of three generations of women - grandmother, mother, granddaughter - of four families regarding being a woman, a mother and their life expectations are the themes discussed here. Data were collected with a demographic questionnaire and a semi-structured interview. This strategy favored the participants' reports of their lives' histories. Data were analyzed with discourse analysis. Results showed that similar transgenerational processes were present in the majority of the families: matrifocal families and female headed households associated with a peripheral role of the men as husbands and fathers. The caring of children and the maternity role are perceived as privileges; the three generation of women see their mothers as strong persons, as "warriors" for accumulating the roles of mothers and fathers. The results point out the need of public policies in the areas of health and social care informed by a gender perspective. These policies must take into consideration the singularities of the experiences of impoverished women of the North Region of the Country.

Key Words: Gender; impoverished women of Manaus; feminine condition; maternity; transgenerational processes.

SER MULHER, MÃE E POBRE EM MANAUS: PERSPECTIVA TRANSGERACIONAL E DE GÊNERO DA CONDIÇÃO FEMININA

Este artigo analisa dados de pesquisa qualitativa sobre repercussões transgeracionais na condição feminina, na perspectiva de três gerações de mulheres de uma mesma família de baixa renda de Manaus. O interesse por essa investigação nasceu de experiências clínicas e de campo com famílias e mulheres que vivem nesse contexto. O trabalho com essa população revelou questões instigantes que mereciam ser averiguadas. O objetivo da pesquisa foi compreender sentidos atribuídos ao ser mulher, a maternidade e expectativas de vida, nas relações familiares de três gerações – avós, mães e netas. Essas dimensões do cotidiano vivenciadas em distintas gerações familiares foram analisadas através dos seguintes eixos: a) A família e a transgeracionalidade; b) A condição sócio-econômica e as mulheres pobres; c) O gênero, a condição feminina e a maternidade.

A família e a transgeracionalidade

As famílias são grupos onde coexistem relações sociais e de reprodução, tanto biológica quanto ideológica. Por isso, é nelas que são transmitidos e questionados hábitos, costumes, valores e padrões de comportamento. Na convivência familiar são efetuadas trocas afetivas e de informações; nesse contexto são tomadas decisões de natureza diversa. As relações familiares são entremeadas de emoção, complexidade e contradições internas (Rocha-Coutinho, 2006).

A família passa por metamorfoses contínuas; entretanto as dinâmicas familiares parecem evidenciar velhas funções já vividas por outras gerações engendradas nas experiências de cada membro da família na atualidade. Esse imbricado tecido entre o velho e o novo é um processo da subjetividade complexo, nem sempre visível, com atravessamentos intra-subjetivos (realidade interna), intersubjetivos (entre sujeitos) e transubjetivos (dimensão social) (Passos, 2005).

Compreender os acontecimentos atuais torna necessário o entendimento do passado. É preciso ter acesso à herança cultural, de sentidos, que passa de geração em geração nas relações familiares. O processo familiar tem uma dimensão linear no tempo, um impacto modelador de relacionamentos e de várias dimensões da vida de uma geração para outra (Carter & McGoldrick, 1995/1998).

Geração, na perspectiva da transgeracionalidade na família, é a expressão de valores e padrões de comportamento relativos a um grupo de idade em determinado período de tempo. Os valores e padrões podem mudar conforme a sociedade se transforma. A coexistência, às

vezes conflituosa, do tradicional passado entre gerações e das mudanças sociais, permeia os valores e os padrões familiares (Rocha-Coutinho, 2006).

As relações primordiais estabelecidas quando se nasce servem de base para futuras relações na vida social, sendo passadas para as gerações seguintes. Isso ocorre porque a identidade do indivíduo se constitui a partir desse legado familiar que, por sua vez, define o lugar que ele passa a assumir na família (Falcke & Wagner, 2005).

Esse fenômeno de transmissão transgeracional, constituído desde uma perspectiva histórica, não só dá identidade à família, como também explica o significado das idiossincrasias e transações que caracterizam o funcionamento familiar da última geração (Falcke & Wagner, 2005). A transgeracionalidade é, portanto, uma dimensão importante de ser investigada, no contexto familiar cotidiano de mulheres de baixa renda de Manaus. Constitui um desafio teórico a análise das relações femininas no passado, como também a ligação entre a história do passado e as práticas atuais (Scott, 1991).

A condição sócio-econômica e as mulheres pobres

A família participa dos dinamismos próprios das relações sociais e sofre a influência do contexto político, econômico e cultural no qual está imersa (Petrini, 2005). Soihet (2007) aponta: “A organização familiar dos populares assumia uma multiplicidade de formas, sendo inúmeras as famílias chefiadas por mulheres sós. Isso se devia não apenas às dificuldades econômicas, mas igualmente às normas e valores diversos, próprios da cultura popular” (p. 362). Precisamos entender a problemática de mulheres chefes de família a partir de diversidades e desigualdades: de gênero, classe, raça ou etnia e geração. Assim, essas mulheres que chefiam famílias podem ser vistas como sujeitos de sua história de vida (Macedo, 2008).

Estudos da Organização Internacional do Trabalho (2010) mostram que existem determinantes de gênero na pobreza das mulheres. Segundo essa análise, os processos que contribuem para a sobre-representação da mulher na pobreza são: a) desigualdades na participação no mercado de trabalho; b) desvalorização social e econômica do trabalho efetuado por mulheres; c) atuação tímida de mulheres em situação de comando no setor público e privado. O debate sobre pobreza e gênero desvela questões importantes como a desigualdade de gênero, que encontramos em todos os segmentos sociais (Costa, Pinheiro, Medeiros & Queiroz, 2005; Diniz, 1999, 2004).

O estudo sobre a história de mulheres pobres no Brasil urbano é marcado por diversas violências: de opressão, de dominação e de expropriação. O intuito era tolher sua autonomia

(Fonseca, 2000; Saffioti, 1979, 2001; Toledo, 2003). Os hábitos populares sempre foram alvo de medidas de adequação aos valores e normas de comportamento vigente na organização familiar. Das camadas populares, em especial das mulheres, coercitivamente espera-se uma força de trabalho doméstico adequado e disciplinado (Soihet, 2007). Porém, o cotidiano de mulheres populares tem peculiaridades, observadas pela autora: “Eram mulheres que trabalhavam e muito, em sua maioria não eram formalmente casadas, brigavam na rua, pronunciavam palavrões, fugindo em grande escala aos estereótipos atribuídos ao sexo frágil” (Soihet, 2007, p. 367).

As famílias se estruturam, portanto, de várias formas em função do lugar, tempo, do contexto socioeconômico, entre outros fatores. É a partir da influência desse macro sistema que surgem as funções do grupo familiar (Passos, 2005). Neste contexto macro encontramos sentidos para os conflitos e vivências familiares que fazem parte do cotidiano de uma classe social periférica e urbana.

Estatísticas apontam que a chefia familiar feminina é uma realidade nos vários segmentos sociais, e em crescente expansão no país. No IBGE (2010) – PNAD - Séries históricas, no tema *Pessoas de referência da família do sexo feminino no Brasil*, houve crescimento de 31,39% (2006) para 35,17 (2009). A mesma pesquisa aponta peculiaridades regionais: a região Norte detém o maior índice na proporção de mulheres chefes de família do país, em ritmo ascendente: de 32,54% (2006) para 34,95 (2009); a região Nordeste também apresentou índices de crescimento de 32,05% (2006) para 34,84% (2009). Os índices neste tema para o estado do Amazonas são superiores à média nacional e às regionais: 37,13% em (2006) e 37,9% em 2009.

Macedo (2008) ressalta a complexidade de processos que envolvem a vida dessas mulheres chefes de família: “A ampliação dos domicílios com chefia feminina é um processo multideterminado e, portanto, também multifacetado” (p. 395). Exige do pesquisador uma reflexão crítica para evitar a generalização de um perfil uniforme de mulheres em situação de chefe de família. Deve-se considerar, segundo a autora, diversos fatores que estão na gênese e ampliação da condição de chefia feminina de famílias, conforme o pertencimento de classe social: a precarização das condições de vida da população em função da falta de reestruturação dos meios de produção, de redefinições de regras do mercado de trabalho e do papel do Estado; ocorrências de novos fluxos migratórios; redução da fecundidade; o aumento do número de divórcios; a ampliação da expectativa de vida associada à manutenção da taxa de sobrevivência masculina; o crescimento relativo das uniões consensuais.

As mulheres pertencentes à classe socioeconômica de baixa renda vivem há gerações diversas mazelas sociais. Essa realidade faz parte do cotidiano tanto a nível global quanto local. Há, porém, um agravante: o Brasil ser reconhecido por entidades internacionais como um dos países de maior desigualdade do mundo (Azeredo, 2010). A sociedade brasileira detém ainda hoje, graves problemas sociais nas áreas de emprego, educação, saúde e saneamento, integrando a história de profundas injustiças sociais e descaso com as classes sociais menos privilegiadas. A cultura política concebida no Brasil, da colônia aos dias de hoje, tem sido caracterizada por discriminações sociais, étnicas, de gênero e culturais, por polarização entre privilégios e carências, que demanda tempo para superar (Ramos & Carvalho, 2008; Sales, 2007).

Ser mulher, pobre e analfabeta torna a vida cotidiana tarefa de imensa dificuldade. Exige esforço e táticas diárias para superar as preocupações relativas à sobrevivência, aos conflitos familiares e ao relacionamento afetivo. Requer solidariedade entre familiares, amigos e vizinhos (Soihet, 2007). A maioria das mulheres precisa fazer uso cotidianamente de resiliência para enfrentar e superar situações adversas, seja em processos pessoais e/ou que envolvam as relações familiares e/ou da comunidade (Yunes, Garcia & Albuquerque, 2007; Couto-Oliveira, 2007).

Este trabalho lança um olhar da psicologia clínica sobre a experiência cotidiana de mulheres de famílias pobres. A reflexão de dimensões da condição feminina, do ser mulher e do exercício da maternidade impõe um diálogo tanto com a questão de classe quanto com uma perspectiva de gênero.

O gênero, a condição feminina e a maternidade

Gênero é uma categoria fundamental para pensar a situação de mulheres, em especial de mulheres que vivem em contexto de baixa renda de Manaus. Permite problematizar múltiplas condições femininas, especialmente quando associado a outras categorias: de classe, cultura, etnia e nível educacional. A interação entre esses fatores permite abarcar diversas experiências em sua complexidade. Refletir sobre as construções sociais em termos de sistemas culturais, em contextos específicos, é necessário para compreender realidades empíricas diversas (Piscitelli, 2004).

A psicologia tem dificuldades quanto à incorporação efetiva da categoria de gênero, seja em estudos teóricos quanto na pesquisa. A crítica à produção científica tanto na psicologia quanto em outras áreas do conhecimento estava assentada nos seguintes argumentos: a tendência a reproduzir a lógica da polarização de sexo; a falta de

aprofundamento das dimensões histórico-sociais; a presença de forte androcentrismo (Diniz & Coelho, 2003; Narvaz & Koller, 2006).

A necessidade de se opor a essa forma de construção do conhecimento, fez surgir na década de 1970 uma psicologia feminista (*feminist psychology*), influenciada pela segunda onda do feminismo que recebeu a adesão de mulheres acadêmicas de diversas áreas das ciências nos Estados Unidos, na Europa e posteriormente no Brasil. Esta corrente desenvolveu epistemologias que dialogam com questões étnicas, de raça e de classe, localizando na construção social as diferenças de gênero. Os temas principais estudados dentro dessa abordagem são relacionados à condição da mulher: a saúde, a violência, o trabalho, a subordinação, e os meios para mudar essa realidade (Diniz, 1999, 2004, 2011; Espíndola, Bucher-Malushcke & Santos 2004; Narvaz & Koller, 2006; Nuernberg, 2008).

Estudos sobre questões de gênero vêm crescendo no Brasil. Esses estudos vêm sendo desenvolvidos predominantemente por pesquisadoras das ciências sociais e humanas interessadas em um modelo crítico e socialmente comprometido de pesquisa. Nuernberg (2008) aponta que: “Os estudos de gênero no Brasil estabeleceram alianças com teorias e campos que valorizam a cultura, o contexto social e a dimensão ativa e subjetiva do sujeito” (p. 29). Assim, gênero vem se fortalecendo enquanto categoria de análise no contexto da produção científica e no campo da psicologia.

No âmbito dos estudos de gênero destaca-se a perspectiva da história social. Nesta perspectiva se engajam correntes revisionistas marxistas que têm a preocupação com a inter-relação entre os contextos micro e global. Para isso, assumem a abordagem do cotidiano de sujeitos e dos papéis informais mediados pelo social. Soihet (1997) aponta que esses elementos são considerados básicos na apreensão das vivências de grupos sociais, suas expectativas, suas formas de luta e de resistência, tornadas visíveis quando se capta o significado de sutilezas. Soihet defende que: “A criatividade, sensibilidade e imaginação tornam-se fundamentais na busca de pistas que permitam transpor o silêncio e a invisibilidade que perdurou por tão longo tempo quanto ao passado feminino” (p. 113). Esse é o caso das mulheres, especialmente das mulheres pobres da Amazônia. As singularidades de suas experiências de vida precisam ser desveladas.

A condição feminina é marcada pelo exercício da função materna. A idealização da maternidade e o acúmulo de responsabilidades atribuídas à mãe, aparentemente vistas como natural, são funções relativamente recentes (Rocha-Coutinho, 2003). Antes do século XVIII, o provimento da família era tarefa de homens e mulheres, que trabalhavam lado a lado dentro e nos arredores da casa. A necessidade de sobrevivência tornava o trabalho de produção

prioritário às preocupações reprodutivas. Na família feudal, a criação dos filhos não era considerada uma das principais tarefas da mulher. A função de criar os filhos encontrava-se diluída entre diversos afazeres.

A transição da família feudal para a família burguesa moderna cria uma nova realidade familiar, baseada na afeição e na incorporação da intimidade e da individualidade nas relações familiares. Nesse contexto analisa Rocha-Coutinho (2003): “A maternidade inscrita no corpo feminino passa a estar indissociavelmente ligada à maternagem, isto é, aos cuidados com as crianças” (p. 95). A família patriarcal burguesa passa a seguir prescrições normativas de papéis na dinâmica familiar: os homens receberam atribuições do sustento econômico e as mulheres do cuidado do lar e dos entes familiares, em especial, os filhos (Narvaz & Koller, 2006).

O questionamento da maternidade como essência da vida da mulher torna-se parte dos debates promovidos pelo movimento feminista do século XX. O objetivo foi alterar a imagem social da mulher, e a identidade feminina focada no lar e na família, e criar possibilidades de construção de outras identidades às mulheres. Nesse ínterim, somou-se aos benefícios das lutas políticas o desenvolvimento tecnológico, como a pílula anticoncepcional, que oportunizou a opção pela maternidade, dissociando sexualidade de procriação. Esses processos trouxeram impactos para o cotidiano da mulher, como o decréscimo do número de filhos e suas conseqüências. Rocha-Coutinho (2003) ressalta nesse contexto que: “A queda dos níveis de fertilidade é, em grande parte, conseqüência do aumento tanto das aspirações educacionais quanto ocupacionais das mulheres” (p. 96).

Nesse contexto social de mudanças, cabe pensar a experiência de mulheres pobres. A situação da mulher na família pobre sempre foi diferente. Fonseca (2007) destaca que: “A mulher pobre, diante da moralidade oficial completamente deslocada de sua realidade, vivia um dilema imposto pela necessidade de escapar à miséria com o seu trabalho e o risco de ser chamada de mulher pública” (p. 519). Para as famílias pobres o contexto socioeconômico era de instabilidade de emprego e salários irrisórios para o homem, ou seja: “As mulheres pobres sempre trabalharam fora de casa” (Fonseca, 2007, p. 517). A mulher pobre, mãe e trabalhadora necessita cotidianamente acionar estratégias coletivas de conciliar o seu trabalho com a sobrevivência das crianças.

O exercício da maternidade na família popular deve ser compreendido dentro das redes sociais que envolvem a unidade doméstica. Elas contam com o apoio de redes consangüíneas e outras redes – avós, parentes, madrinhas, criadeiras, mães de criação e vizinhos. Atualmente, a parentela consangüínea parece ter ocupado um espaço prioritário nas

redes de cooperação mútua (Dias, Costa & Rangel, 2005; Fonseca, 2007). E, em caso de ausência de proteção secundária, utiliza-se a alternativa de “circulação de crianças”, conforme descrição de Fonseca (2002): “Cuidar das crianças não se limita à mãe, nem ao casal. Mobiliza-se uma rede de adultos que se estende para além do grupo familiar” (p. 57). Narvaz & Koller (2006) constataram que apesar das prescrições normativas, as famílias pobres encontram criatividade para viverem papéis familiares cotidianos de forma plural e heterogênea.

Constitui um desafio compreender a diversidade e os atravessamentos que envolvem o ser mulher. Além do exercício da maternidade, mulheres que vivem num contexto social de pobreza, precisam ainda lidar com o fato de serem vistas como inferiores, quando se trata de status, poder e direitos de mulheres de outras classes sociais. A condição feminina de mulheres pobres, mães e chefes de família precisa ser problematizada levando em conta também características de cada região em nosso país.

Em nosso estudo, as histórias das mulheres participantes são compreendidas inseridas no contexto sócio-histórico da Região Norte. A história da cidade de Manaus, no tocante à população de baixa renda, mostra que o abandono histórico do interior do Amazonas provoca a imigração de ribeirinhos para a capital. Essas pessoas passam a morar na periferia, em áreas de invasão e de risco. As mulheres, analfabetas em sua maioria, são levadas a trabalhar em casas de famílias, pois elas não têm o grau de escolaridade exigido para ser operária nas indústrias da Zona Franca de Manaus. É a partir desse contexto que tentaremos compreender o cotidiano das mulheres participantes com base em suas narrativas de vida. Assim, tentaremos conseguir dar visibilidade aos mecanismos produtores de desigualdades e de opressões sociais subjacentes em suas vivências (Narvaz & Koller, 2006).

Compreender dimensões da condição feminina na perspectiva de três gerações de mulheres de uma mesma família de baixa renda de Manaus tornou-se objeto desse trabalho. Diversos atravessamentos de questões são imprescindíveis nessa tarefa: o contexto sócio-econômico, a herança cultural regional, um olhar de gênero são, portanto, fundamentais para a problematização de dimensões da vida dessas mulheres.

METODOLOGIA

O objetivo geral dessa pesquisa foi conhecer características da condição feminina, o ser mulher, a maternidade e expectativas de vida, na perspectiva de três gerações de mulheres de uma mesma família de baixa renda de Manaus. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (Anexo A).

O caráter exploratório do trabalho associado à natureza do tema – conhecer dimensões da condição feminina e das relações familiares de mulheres amazonenses de baixa renda – nos levou a optar por uma das estratégias da metodologia qualitativa que é o estudo de caso múltiplo. Alvez-Mazzotti (2006) argumenta que o estudo de caso facilita a compreensão do que se pretende investigar, coletando tanto o que é comum quanto o que é particular a cada caso. Utilizamos como instrumentos de coleta de dados um questionário de levantamento de informações sócio-demográficas (Anexo C) e entrevista individual do tipo semi-estruturada (Anexo D).

A amostra de conveniência foi escolhida de acordo com as características demarcadas pelo objetivo geral da pesquisa. As famílias foram contatadas através do CRAS – Conselho Regional de Assistência Social de Manaus, cadastradas no Programa do Governo Federal Bolsa Família. Foram indicadas 04 (quatro) famílias de Manaus, de classe socioeconômica de baixa renda. O indicador de pobreza para seleção neste Programa é pertencer à classe E, cuja renda domiciliar total de uma família corresponde a R\$ 804, a preços de novembro de 2008 (Ministério da Fazenda, 2010).

Participaram do estudo doze mulheres que tinham preservadas três gerações de mulheres (avó, mãe e neta). Foram quatro avós com 68, 64, 60 e 57 anos; quatro mães com 46, 41, 38 e 37 anos; e quatro netas com 17, 16, 16 e 14 anos.

As entrevistas foram realizadas nas residências, em horário conveniente para as participantes. Após etapa de apresentação da pesquisadora e construção de *rapport*, a pesquisa foi explicada e foi feita a leitura em voz alta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B). Dúvidas foram esclarecidas e só então foram obtidas as assinaturas. O questionário sobre informações sócio-demográficas foi respondido em seguida. Por último foi feita a entrevista semi-estruturada (Anexo D) com cada mulher separadamente. As falas foram gravadas com o consentimento das participantes e transcritas literalmente.

Para analisar as entrevistas, fizemos uso da análise de discurso conforme proposta de Rocha-Coutinho (1998). Nas leituras foram priorizados os objetivos da pesquisa, com vistas a

apreender os diferentes posicionamentos e significações na fala de cada uma das mulheres de cada geração sobre o conteúdo investigado. Em seguida, essas falas foram reunidas de acordo com os temas de estudo delineados através dos objetivos específicos. É importante salientar que a análise foi realizada à luz do corpo teórico que norteou a pesquisa.

A preocupação ética é parte deste trabalho tanto na produção do conhecimento quanto na utilização do conhecimento produzido. O olhar de gênero impõe o compromisso de produzir conhecimento que dê visibilidade à realidade de mulheres de diferentes classes e que mostre a diversidade de experiências femininas presentes neste país imenso que é o Brasil. O objetivo maior é produzir conhecimento que possa gerar ações transformadoras (Couto-Oliveira, 2007). Apresentamos a seguir reflexões sobre o ser mulher, as relações familiares, a maternidade e expectativas de vida, na perspectiva das participantes da pesquisa, divididas em tópicos: a) Histórico das famílias; b) Análise geral de experiências das famílias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As narrativas neste estudo foram feitas por mulheres simples, que se mostraram aturdidas e confusas pelo processo de reflexão sobre o ser mulher misturado com o ser filha, às vezes ser mãe, avó, cônjuge, trabalhadora ou estudante. Ao contar suas histórias de vida, selecionaram lembranças a serem ditas na entrevista, revelaram papéis idealizados, ou simplesmente omitiram o que era indizível naquele momento. Narraram lembranças possíveis de serem ditas, como é o caso da letra de Caetano Veloso na música “Tigresa”: “Ela me conta, sem certeza, tudo o que viveu”.

Histórico das famílias

A análise das histórias de vida das três gerações na Família-1 revelou as seguintes ocorrências transgeracionais: 1. Definições similares para suas histórias de vidas: “É um romance” (Avó-1) e “É tipo uma novela” (Mãe-1); 2. Similaridades de tipo de inserção no trabalho: Avó-1 e Mãe-1 empregadas em casa de família; 3. A mesma idade e contexto de início da vida laboral ainda na infância: Avó-1 (aos sete anos) e Mãe-1 (aos sete anos); 4. Processos de doação de filhos repetem-se em suas histórias: a Avó-1, aos sete anos, é doada para a madrinha; a Avó-1 doa três filhas para famílias diferentes; e a Mãe-1 doa a filha mais velha para a madrinha criar; 5. Mesma idade de início da conjugalidade: Avó-1 e Mãe-1 casaram-se aos 16 anos; 6. Relacionamentos conjugais formais duradouros: Avó-1 (25 anos) e Mãe-1 (22 anos).

Uma diferença importante encontrada entre a Avó-1 e Mãe-1 é na área de educação dos filhos. A Avó-1 foi criada com rigidez pela madrinha e a criação dos seus filhos reflete essa rigidez. A Mãe-1 foi criada com muitas dificuldades – enfrentou fome, surras, gravidez na adolescência, e experiências sexuais traumáticas. Essas experiências fizeram com que a Mãe-1 optasse por educar os filhos também com rigidez, mas temperada com diálogo e evitando surras.

A vida de Neta-1 mostra a mudança transgeracional na Família-1: nível de instrução de médio incompleto, não trabalha, sonha em fazer advocacia. Ela entende que a sua geração tem privilégios em relação às histórias de vida de suas antecessoras: “Hoje, eu tenho uma possibilidade de estudar mais, de não ter que trabalhar, e ter um elevado grau na sociedade”.

Na Família-2 também encontramos várias repetições nas histórias de vida: 1. A gravidez na adolescência está presente nas três gerações de mulheres; 2. O início da vida laboral foi precoce e no mesmo contexto de trabalho infantil: Avó-2 e Mãe-2 começaram a trabalhar aos doze anos; 3. A morte dos pais e conseqüente convivência com padrastos - Mãe-

2 aos dois anos e Neta-2 aos quatro anos; 4. As três gerações de mulheres relataram a vivência de conflitos familiares e conjugais acompanhada de violência conjugal - surras e brigas com faca e terçado; 5. Presença de alcoolismo nos parceiros.

As três gerações de mulheres têm opinião similar sobre a maternidade e a educação dos filhos - amar é orientar, aconselhar e corrigir. Esta postura está expressa nas falas: 1. “Eu faço tudo pra minha família ser feliz, eu sofro pra minha família ser feliz. Sou amiga das minhas filhas, eu dou conselhos pra elas” (Mãe-2); 2. “A mãe ser amiga, leal, aconselhar, orientar, se ela faz isso é porque ela te ama, ela quer te corrigir” (Neta-2).

Os papéis de avó e de mãe parecem misturados nessa família: quando a Avó-2 ficou viúva, sua mãe quis ficar com seus dois filhos pequenos; a Avó-2 ao falar da filha caçula que tem um bebê diz: “É eu que crio”. A fala da Mãe-2 sobre seu futuro neto: “Vou amar meu neto como se fosse meu filho”; Mãe-2 descreve a relação entre ela e sua avó materna: “Eu via minha avó como minha segunda mãe, era mais que a minha mãe”. São narrativas com conteúdos de laços afetivos profundos na relação entre avós e seus netos(as), que se repetem entre as várias gerações.

A história de vida de Neta-2 reflete dificuldades vividas na infância e na adolescência, mas mantém expectativas positivas quanto ao futuro. Aos quatro anos seu pai é assassinado. Aos dezesseis anos morou com homem de 30 anos. Engravidada e eles se separam. Ela voltou a morar com a mãe e o padrasto, e mantém com este relação conflituosa e violenta. Ela parou os estudos do ensino médio, e nunca trabalhou. Ela sonha em dar uma boa educação ao filho e voltar a estudar, pois segundo ela: “Seu marido é o trabalho, seus estudos é o seu marido”.

As histórias de vida da Família-3 espelham, da mesma forma que nas famílias anteriores, circunstâncias de repetições e de transformações intergeracionais: 1. Analfabetismo (Avó-3 e Mãe-3), e Neta-3 cursando o curso médio; 2. As três gerações falam de violência conjugal na família (tentativas de assassinatos, surras, fome); 3. Exercício da mesma função laboral: trabalho de empregada doméstica (Avó-3 e Mãe-3) e Neta-3 somente estudava; 4. As três gerações de mulheres falam que se ressentem de surras que a mãe lhes aplicava; 5. A ausência do pai por separação conjugal e convívio com padrasto (Mãe-3 e Neta-3).

Elementos promotores de resiliência ajudam a Família-3 a superar essas e outras dificuldades cotidianas: a coesão e afeto nas relações familiares de Mãe-3 com os filhos; os sonhos e expectativas vividos por Mãe-3 e Neta-3. O sonho da Mãe-3 é aprender a ler e principalmente escrever. A Neta-3 gosta de escrever versos e poesias nas horas de folga, e

revela tentar realizar os sonhos da mãe, descritos em sua fala: “Procuro estudar para realizar o sonho dela. O sonho dela era terminar os estudos dela, fazer a faculdade dela e casar”.

A Neta-3 descreve a sua vida e a das irmãs com consciência dos privilégios que possuem em relação às gerações anteriores em sua família: “Mamãe sempre conta que desde que a vó dela morreu, ela e a vovó sofreram muito, elas chegaram a comer folha! E diz que eu e minha irmã de 17 anos nascemos em berço de ouro”. Ela expressa temor da repetição das histórias de vida familiar em sua vida: “Só espero que no meu futuro eu não sofra tanto, que eu não quero passar pelo que a minha mãe passou”.

Neta-3 não conheceu o pai, devido à separação dos pais. Seus sonhos são: ir conhecer o pai no interior onde tem família constituída; conseguir um emprego bom, e viver a vida. Perguntada o que faria se pudesse mudar algo em sua vida, Neta-3 responde: “O que eu mudaria? Nada”. A análise de estudos sobre monoparentalidade, pobreza e resiliência realizada por Yunes, Garcia & Albuquerque (2007) em famílias pobres revelou essa percepção positiva de que os familiares “vivem bem”. Elas apontam que alguns processos possibilitam essa resiliência nesse perfil familiar. Entre esses processos, os principais são: a percepção da alteridade e solidariedade na relação com o outro e a coesão nas relações familiares.

A Família-4 também revela em seus relatos a presença de ocorrências transgeracionais similares: 1. As três gerações falam de educação rígida e de excesso de proteção: “A mamãe, até os meus quinze anos, me dava mamadeira, e ainda chupava pipó” (Mãe-4). Paradoxalmente, há relato de abuso sexual intrafamiliar (Mãe-4); 2. O ser mãe aparece misturado com o ser avó, ser filha, ser irmã nos relatos das três gerações de mulheres; 3. A ausência do pai marca a vida de Mãe-4 e Neta-4; 4. Problemas cotidianos com a saúde foram relatados pelas três gerações de mulheres.

A pergunta: “Na relação conjugal quem é o chefe da casa?” teve como resposta para as três gerações de mulheres da Família-4: “Eu”. Transparece na unicidade das respostas o poder da mulher na família. Os sonhos e desejos das mulheres da Família-4 são semelhantes, sintetizados na fala de Avó-4: “No tempo da minha bisa não se estudava, minha avó também era analfabeta, mamãe mal assinava o nome. Hoje em dia a gente quer que os filhos estudem, que progridam, façam faculdade, e tenham seu emprego”.

A Neta-4 foi adotada por Mãe-4 aos quatro meses de idade. Estudante do nível médio, nunca trabalhou. A adolescente tem histórico de fugas de casa: aos 13 anos morou com um homem de 39 anos, e em menos de um ano ocorreu a separação. Ela tem uma filha de um

namoro casual. Sonha em dar à filha o carinho que ela não teve da mãe biológica e uma boa educação. Também quer terminar os estudos e fazer advocacia, e assim dar estabilidade financeira à filha, aos irmãos e à mãe adotiva.

Análise geral de experiências das famílias

O termo transgeracionalidade faz referência a processos de transmissão que ocorrem entre as gerações sucessivas de uma família. A análise desse termo aponta que o prefixo trans (através) resgata os componentes que perpassam a história familiar e se mantêm presentes ao longo das gerações. Encontra-se claramente assumida a idéia de repetição, reedição e reprise de determinados processos familiares, que são transmitidos pela família de uma geração a outra e se mantêm presentes ao longo da história familiar, ao modo de um mito (Falcke & Wagner, 2005). As repetições que ocorrem nas gerações de cada uma das famílias participantes podem, portanto, ser vistas como processos transgeracionais.

É importante apontar o contexto sociocultural onde vivem as mulheres participantes desta pesquisa. A situação populacional da cidade de Manaus é singular, e resulta em enorme complexidade e desafio: dos 3.480.973 habitantes do Amazonas, 1.802.525 moram em Manaus, perfazendo 51% da população do estado do Amazonas, composto de 62 municípios. O município com a segunda maior população é Parintins com 102.066 habitantes (IBGE, 2010). A realidade da estrutura física da cidade de Manaus, onde há predomínio de população de baixa renda, são bairros originados a partir de invasões de terrenos e aglomerações populacionais.

Todas as famílias participantes moram em bairros periféricos: dois bairros têm origem em invasão (Avó-3 e Mãe-3 que moram em casas mistas (madeira e alvenaria); um bairro originado em antiga colônia de hansenianos (Avó-2 que mora em casa de alvenaria e Mãe-2 em casa de madeira); um bairro na zona leste (Avó-1 e mãe-1 moram em casas de alvenaria) e um bairro planejado - Cidade Nova (Família-4 que mora em casa de alvenaria). Digno de nota é que todas moram em casa própria.

Em geral, o nível de instrução tem relação direta com o tipo de inserção no mercado de trabalho. Nesta pesquisa foi constatado gradual acesso à melhoria educacional nas gerações das famílias. As avós (Avó-1, Avó-2 e Avó-3) são analfabetas e trabalharam como empregadas domésticas; a Avó-4 concluiu o 1º grau e aposentou como professora do interior. Duas mães cursaram o primeiro grau: Mãe-1 é empregada doméstica e Mãe-2 trabalha com serviços gerais. A Mãe-3, analfabeta, é empregada doméstica. A Mãe-4 cursou o 2º grau, trabalhou com vendas, e está desempregada. As netas não trabalham, têm nível de instrução

médio incompleto. Somente a Neta-2 parou os estudos ao se amigar e ficar grávida. São dados que apontam para o paradoxo de que a melhoria na educação nem sempre significa garantia de melhor emprego.

Mulheres que estão em situações de pobreza vivem uma realidade contundente: baixo salário e falta de oportunidade de acesso a trabalho que lhes possibilite melhor qualidade de vida. Por outro lado, vimos que maior nível de escolaridade não garante necessariamente ascensão laboral. Esse é um círculo vicioso difícil de escapar. Pinto (2003) evidencia nuances dessa complexidade em sua pesquisa: “As mulheres das camadas populares eram, na maioria das vezes, mães de muitos filhos, trabalhavam em casa ou ganhavam salários irrisórios, viviam em regiões distantes e perigosas“ (p. 81). As mulheres de Manaus participantes dessa pesquisa mostraram que querem mudar esse círculo vicioso negativo. Isso fica evidente na constatação de que todas as mães não deixam a neta entrevistada trabalhar como doméstica na intenção e esforço de que elas possam vir a estudar na faculdade e, assim, conseguir bons empregos.

Os pais e avós de algumas mulheres são imigrantes de estados do norte e nordeste do país, que vieram para o Amazonas e casaram com amazonenses: vindos do Ceará (Família-4), Paraíba (Família-2), Pará e Piauí (Família-3). As avós e mães participantes deste estudo nasceram no interior do Amazonas: Família-1 em Manicoré; Família-2 em Lábrea; Família-3 em Barcelos e a Família-4 em São Paulo de Olivença. A exceção é a Mãe-1 que nasceu em Porto Velho - Rondônia e veio com cinco anos para o Amazonas. Todas as netas nasceram em Manaus.

As avós contaram histórias de seus pais e avós vividas no interior do estado, onde a família sobrevivia do trabalho com juta, seringa, castanha, gado e outras atividades típicas da região amazônica. São relatos de mulheres ribeirinhas que conviviam com as mazelas advindas do abandono social do interior, fato histórico no Amazonas.

Os dados encontrados expressam essa realidade rural da região: analfabetismo e semi-analfabetismo das avós e da maioria das mães; alto índice de natalidade e alto índice de mortalidade infantil; narrativas de violências familiares, de fome, de falta de perspectivas de trabalho. O motivo de vir para Manaus para a maior parte das participantes foi referente à saúde, reiterando o abandono, a falta de recursos e a limitação de acesso a bens e serviços no interior do Amazonas.

O lugar da maternidade na vida das mulheres pesquisadas merece atenção. Encontramos vários achados comuns sobre o cuidar e o exercício do papel de mãe: nas três

gerações das famílias as filhas mais velhas exercem o papel de cuidar dos irmãos mais novos, da casa e da comida, enquanto a mãe trabalha. Foi freqüente acontecer inversão de papéis entre mães e filhas, ou seja, as avós hoje sendo cuidadas por suas filhas, como na fala: “Eu já fui a mãe, e digo pra ela, que agora ela é quem é minha mãe” (Avó-1).

O posicionamento das participantes sobre o papel de mãe expressa o privilégio da maternidade na família: “Um pedacinho do céu” (Avó-2); “É a coisa mais linda do mundo” (Avó-4); “É um dom, poucas tem” (Neta-4); “Ser responsável, carinhosa, ter cuidado” (Mãe-3); “Muito guerreira, muita coragem” (Neta-3).

A maior parte das mulheres tem uma opinião comum: a de que suas mães são “Guerreiras”. Tal percepção fica evidente na descrição de Neta-1 sobre a sua mãe: “É uma pessoa que dá o triplo dela por nós, ela dá corpo, sangue e alma”. Neta-3 tem percepção similar sobre sua mãe: “Muito guerreira, muita coragem”. São falas de reconhecimento do papel que a maioria das mulheres desempenha como chefe da família, ao acumularem o papel de pai e de mãe.

A descrição de Mãe-2 de sua mãe destoa, entretanto, das anteriores: “A minha mãe era ruim com nós. Ela batia amando. Eu gosto, eu amo minha mãe”. Essa aparente ambigüidade aponta para a possível presença de sentimentos antagônicos, ou seja, um misto de amor e ódio. É indicativa de que mesmo percebendo limitações e maus tratos no jeito de sua mãe, estes são associados ao desejo da mãe de educar, e percebidos pela filha como amor e cuidado.

O exercício da maternidade nas famílias pesquisadas sugere que essa é uma área caracterizada por frágeis demarcações transgeracionais, ou seja, o cuidado maternal é tarefa não só das mães, como também das avós e das netas com os irmãos menores. Algumas vezes essas funções familiares ficam confusas e sem limites claros. O que ressalta é a intensidade afetiva na relação entre avós e netas: “Eu morro pelos meus netos. Eles me chamam de “mãe velha”. Esses “cabocos” são tudo pra mim” (Avó-4); “Se ser mãe é cuidar do filho, avó já redobra” (Avó-3); “Eu via minha avó como minha segunda mãe. Acho que a minha avó era mais que a minha mãe” (Mãe-2). Foi freqüente acontecer inversão de papéis entre mães e filhas, ou seja, as gerações de avós hoje sendo cuidadas por suas filhas, e até demandando esse cuidado como aparece na fala de Avó-1: “Eu já fui a mãe, e digo pra ela, que agora ela é quem é minha mãe”.

São percebidas diversas maternidades em suas vidas. As mulheres falam de suas infâncias como filhas, como uma extensão da mãe, às vezes assumindo o seu lugar nas tarefas

diárias; e, falam delas hoje, já adultas, assumindo responsabilidades pelos netos. O resultado desses processos é a priorização da maternidade em seus cotidianos e o surgimento de conflitos nas relações familiares.

Em pesquisas realizadas com mulheres de segmentos de baixa renda de Brasília, Diniz & Coelho (2003) e Diniz & Coelho (2005) constataram uma ênfase no cuidar dos familiares: em seus cotidianos as mulheres relegavam suas necessidades pessoais, suas identidades, para exercerem o papel de cuidadoras em suas famílias de origem e na família atual. O resultado desse processo é a falta de projetos pessoais e a priorização da criação dos filhos, marcada por dedicação para que eles tenham uma vida melhor. Esse empenho em favorecer a melhoria de vida dos filhos está presente nas mulheres participantes de Manaus. As narrativas das participantes evidenciam que o cuidar é uma marca em suas relações familiares. Entretanto, é interessante constatar na pesquisa em Manaus uma singularidade: falaram também sobre o cuidado pessoal. A maioria das mulheres participantes afirmou que nas horas de folga gostam de se cuidar.

Questionadas sobre como elas se viam no papel de filha, elas verbalizaram várias emoções: amor, culpa e ressentimento; algumas mulheres fizeram uma auto-análise. Merece destaque o exercício precoce da função materna presente na maioria das famílias e narrada com ressentimento e culpa: as filhas mais velhas eram colocadas no papel de cuidar dos irmãos mais novos, da casa e da comida, enquanto a mãe trabalhava. Outras situações de dificuldades nas relações entre mãe e filha foram contadas: a Avó-1, em visível expressão corporal e verbal de tristeza, diz: “Eu fui uma filha rejeitada”, em associação ao fato de ter sido doada para a madrinha aos sete anos. A Mãe-3 relatou desejo de estar mais próxima de sua mãe no cotidiano, pois esta tem saúde fragilizada por inúmeros derrames, e desabafa: “Eu sou uma filha muito ingrata”. E durante a narrativa de lembranças do convívio com a mãe desde a infância até o momento de casar, a Avó-2 fala de sua relação afetiva: “Eu não queria outra coisa na vida, era cuidar da minha mãe até ela ficar velhinha”.

Foi comum entre as gerações de avós e mães a frase: “Eu sou a mãe e o pai dos meus filhos”, como também a percepção de que suas mães foram “Meu pai e minha mãe”. Este acúmulo de papéis de mãe e de pai provoca uma sobrecarga de responsabilidades e de tensão nas vidas dessas mulheres. Soma-se a essa situação outra dupla função – cuidadora do lar e profissional. Forma-se assim um quadro de conflitos nada desprezíveis (Silva, Amazonas & Vieira, 2010).

A sobrecarga de papéis de mãe e de pai entre gerações de uma mesma família aponta para uma repetição transgeracional nos cotidianos das participantes: a de terem o perfil de

“família de mulheres”. A compreensão do perfil de “família de mulheres” encontrada nas famílias pesquisadas é diversa: advém do papel periférico de pai e de cônjuge; de ocorrências de tragédias cotidianas - quatro pais morreram enquanto elas eram crianças ou adolescentes (três assassinados e um de câncer); três mulheres conviveram com a separação dos pais e duas não sabem ou não conhecem o pai; seis conviveram com padrastos. Das doze mulheres entrevistadas somente duas viviam com os cônjuges. Essa conjuntura elucida dificuldades das entrevistadas de falar sobre o papel masculino em suas vidas.

Parece existir correlação entre o papel periférico do homem na vida dessas mulheres e a força da mulher na família: quanto mais “ausente” é esse papel de homem mais fortalece a matrifocalidade - a família centrada na mulher, num sistema de realimentação constante. A matrifocalidade e o papel periférico do homem repercutem na dinâmica familiar das participantes. Os dados encontrados nesse estudo evidenciam as seguintes influências transgeracionais no cotidiano das famílias: díades femininas geracionais (avó/mãe) que provêm a família; os filhos permanecem com mãe em caso de separação; dez entre doze mulheres entrevistadas declararam ser seu o papel de chefe da casa - isso aconteceu mesmo entre aquelas que vivenciam uma conjugalidade.

A estrutura e dinâmica familiar têm sofrido mudanças em função dos novos arranjos familiares. Alguns exemplos citados na literatura são as famílias monoparentais, mulheres sozinhas de todas as idades, os casais em coabitação; os casais recasados; (Perlin & Diniz, 2005; Passos, 2005; Diniz & Coelho, 2003, 2005).

A reflexão de Fonseca (2007) sobre a família popular ressalta a diversidade de formas familiares. Seu artigo considera que a organização familiar dos grupos populares é herdeira de uma cultura que, muitas vezes, contraria as normas e os valores da sociedade dominante. Conforme a autora: “Vislumbramos uma sociedade de pessoas que se esquivavam aos controles legais: juntavam-se sem casar, pariam filhos sem fazer certidão de nascimento, separavam-se sem fazer divórcio” (Fonseca, 2007, p. 523).

Fonseca (2007) alerta para a necessidade de adotarmos novas perspectivas nos estudos de famílias no Brasil: “Desmistificar a família conjugal moderna, mostrando-a não enquanto unidade “natural” ou universal, mas sim enquanto construção histórica (...). Sugerir a possibilidade da existência de formas familiares específicas às camadas populares” (p. 522). A autora aponta para a importância de adotarmos uma forma diferenciada de olhar que possa dar suporte teórico para a compreensão da dinâmica familiar de mulheres pobres. No caso dessa pesquisa a reflexão em torno da interação gênero, classe e transgeracionalidade forneceu subsídios importantes para a compreensão da realidade das mulheres participantes.

A maior parte das mulheres participantes da pesquisa concebe o ser mulher de forma positiva, seja na concepção de si, seja como vê a mulher na família ou como ser mulher amazonense. Ao serem perguntadas sobre como vêem as mulheres da família usaram com frequência os adjetivos: “Guerreiras, fortes, valentes, brabas e esquentadas”. A exceção foi a Família-2. A Mãe-2 associa sua resposta com as histórias das mulheres da família e a violência conjugal: “Tirando eu, acho umas mulheres bestas (...). Eu não sou besta pro meu marido. Já as minhas irmãs! tem uma que apanha como eu apanhava”. A Avó-2 compara as filhas com ela mesma: “Eu considero todos os filhos, tanto os homens quanto as mulheres fracassadas, não acho que sejam como eu, batalho e vivo até hoje”. A Avó-2, nesse contexto, faz referência aos problemas financeiros dos filhos em geral.

Relevante foi o adjetivo “Guerreira” ser citado na descrição sobre ser mulher e ser amazonense, por nove das doze mulheres participantes. Outras citações relevantes foram: “Lutam para sobreviver, sacrificoso” (Avó-1); “Muito difícil, muita discriminação” (Mãe-1); “Pouquinho homem e pouco mulher” (Neta-1); “Parte feminina e parte masculina” (Avó2); “Tão bom, tão bonito, não queria ser homem nem um minuto” (Avó-4); “Uma glória! Jamais queria ser homem” (Neta-3); “Eu sou uma mulher só isso” (Mãe-1) e “Todas as mulheres são iguais” (Neta-1).

A condição feminina no Brasil até meados do Séc. XX era enrijecida pela cultura patriarcal. Estudos e reflexões do movimento feminista a partir da década de 1960 levam ao questionamento da suposta fragilidade, fraqueza e inferioridade do sexo feminino (Diniz & Coelho, 2003). O uso do adjetivo “guerreira” demonstra a percepção de si como ligadas à resistência, à força para vencer adversidades vividas em seus cotidianos, à resiliência (Yunes, Garcia & Albuquerque, 2007; Couto-Oliveira, 2007). Algumas narrativas evidenciam elementos tidos como facilitadores da resiliência na vida feminina, como por exemplo, o humor: “Os médicos dizem que eu tenho fôlego de gato, porque eu já morri umas três vezes (ri) tem mais quatro” (Avó-1, após cirurgia cardíaca); “Todo mundo diz que eu sou a mulher mais forte do mundo, sou eu. Porque tem gente com dois, duas vezes o derrame, né? passa a pá! E eu tive seis! E to resistindo” (Avó-3).

Os relatos da vivência dessas famílias refletem mudanças transgeracionais que repercutem nas expectativas de vida dessas mulheres. Essas expectativas são percebidas de modo similar em cada geração das famílias pesquisadas. Na geração de avós o que elas querem para suas vidas é “Saúde”. A maioria, na geração de mães quer: “Casa para os filhos”, seguido de: “Estudos para os filhos” e “Saúde”. Na geração das netas, elas foram unânimes em afirmar que elas querem: “Estudar”, “Fazer faculdade” e “Ter bom emprego”.

Os dados encontrados em nosso estudo diferem da pesquisa de Mendes (2004). Essa autora descreve pesquisa com mulheres pobres da várzea de Recife: a condição socioeconômica de dificuldades da família de origem direciona para caminhos e escolhas similares entre as gerações familiares. Nesse contexto se fez presente a obrigatoriedade do trabalho em detrimento do estudo. Em nosso estudo, foi digno de nota o posicionamento da geração de mães sobre a pergunta “O que você quer para suas filhas?”. Todas as mulheres dessa geração deram respostas no sentido de expectativa de mudança transgeracional, de melhoria social que elas percebem que só pode ter um caminho: a possibilidade de suas filhas fazerem faculdade e conseguirem um bom emprego.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das relações familiares de mulheres de baixa renda exige esforço para desvendar as preocupações e táticas relativas à sobrevivência, crenças, aspirações e conflitos, assim como as regras que norteiam sua existência e conformam sua cultura (Soihet, 2007). Nesse estudo, priorizamos as narrativas das mulheres participantes sobre suas experiências de vida. Concordamos com Couto-Oliveira (2007), quando ela afirma que precisamos dar voz às mulheres nas pesquisas: “Para que o exercício do conhecimento sobre as realidades das mulheres contribua para sua emancipação, é preciso falar com elas, não sobre elas” (p. 13).

Nas entrevistas, experiências traumáticas foram narradas como re-vivências de sofrimento atualizado com as lembranças, perceptíveis na expressão corporal, na voz infantilizada, em tom baixo, na gagueira e no choro. São falas com conteúdos de abuso sexual, estupro, surras, prisão, fome, mortes frequentes na família e abandono na infância. São experiências que permeiam seus relacionamentos familiares e o ser mulher em seus cotidianos atuais.

Houve mudanças nas relações familiares dessas mulheres? Esse estudo sobre a condição feminina das mulheres participantes constatou o papel primordial do exercício da maternidade em seus cotidianos. Esse papel continua sendo o pilar da identidade da mulher. As mulheres pesquisadas estão vivendo uma transição marcante em suas famílias, visível nos relatos de cada geração. Entendemos, entretanto, que estes são ainda os primeiros passos de muitas mudanças que estão por vir. Por enquanto, a experiência de analisarmos os sentidos que essas mulheres dão ao ser mulher e ao exercício da maternidade em suas relações familiares, remete para a letra de Belchior na música “Como nossos pais”: “Apesar de termos feito tudo, tudo que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais”.

Esta pesquisa revela a evolução social que vem acontecendo na última década no Brasil. A partir de uma pequena amostra de doze mulheres podemos perceber mudanças sociais repercutindo no cotidiano dessas mulheres de classe de baixa renda do norte do Brasil: todas as mulheres moram em casa própria com infra-estrutura como eletricidade, água encanada, banheiro interno; elas possuem geladeira, fogão a gás e celulares. Em três casas, as entrevistas foram realizadas em quartos com ar-condicionado. Das sete casas visitadas, somente uma não tinha móveis na sala.

Processos relevantes foram encontrados nesse estudo. Houve mudanças transgeracionais na educação, nas perspectivas e sonhos de estudar em faculdade e conseguir bons empregos. A possibilidade de transformação da condição feminina aparece

primordialmente na geração de netas: todas as netas da pesquisa nunca trabalharam, porque suas mães desejam que elas curse faculdade para obter um bom emprego; todas elas têm o segundo grau incompleto. As netas percebem que a condição feminina e social vem melhorando a cada geração, e são conscientes do privilégio que têm de somente estudar, situação muito diferente da vivida pela geração de suas avós e mães.

As mulheres vivem cotidianos marcados pelas constantes mudanças trazidas pelos processos sociais. E, essas mudanças interferem nos sistemas tradicionais familiares e em outras dimensões da vida (Giddens, 2007). Assim, na contemporaneidade, é cada dia mais visível nas famílias a questão da escassez de empregos entre as gerações mais jovens. Tal fato foi constatado na geração das netas nessa pesquisa. Essa é apenas uma das questões que devem ser observadas para a oferta de políticas públicas voltadas para a superação da pobreza, que inter-relacionem desigualdades de gênero, classe, raça ou etnia e idade ou geração (Macedo, 2008). São necessárias políticas públicas específicas para mulheres pobres. Medidas governamentais voltadas para a erradicação de desigualdades no mercado de trabalho, tanto de acesso a postos quanto a remuneração e ascensão (Costa, Pinheiro, Medeiros & Queiroz, 2005).

A condição feminina é tema complexo, de difícil elaboração, e deve ser alvo de novas pesquisas. Azeredo (2010) aponta que: “A mulher vem merecendo destaque na esfera pública como pessoa de referência para o recebimento de benefícios sociais” (p. 577). De acordo com essa autora, as soluções para o enfrentamento da pobreza, em especial no tocante às mulheres chefes de famílias, devem estar pautadas em perspectiva de gênero, e permitir “O acesso a equipamentos sociais de qualidade, como creches, escola em tempo integral, serviço de saúde, entre outros que poderiam aliviar a carga de trabalhos domésticos e gerar melhores oportunidades de vida, emprego e rendimentos” (p. 587)

Este estudo revela a premência de que sejam desenvolvidos projetos de natureza multidisciplinar voltados para a orientação familiar de mulheres de baixa renda. Um exemplo seria o oferecimento de palestras educacionais regulares em comunidades carentes sobre questões que afetam o cotidiano de vida das mulheres, suas família e que geram possibilidades de mudanças e melhoria em sua saúde física e mental.

Essa pesquisa deixa claro que é preciso dar atenção às singularidades das experiências de mulheres de diversas classes sociais, em cada região do país. Esse foi nosso objetivo. A produção de conhecimento sobre essa temática é fundamental para subsidiar construções teóricas e futuras intervenções clínicas, tanto em nível público quanto privado.

CONJUGALIDADE E SEXUALIDADE DE MULHERES DE BAIXA RENDA DE MANAUS: UMA PERSPECTIVA TRANSGERACIONAL E DE GÊNERO

Resumo. Esse artigo discute aspectos da conjugalidade e da sexualidade de mulheres pobres de Manaus a partir de perspectiva transgeracional e de gênero. Participaram da pesquisa doze mulheres (avó, mãe e neta) de quatro famílias. A estratégia metodológica foi o estudo de caso múltiplo. Foi aplicado questionário sócio-demográfico e realizada entrevista individual semi-estruturada. A análise dos dados foi feita através da análise de discurso. Os resultados revelaram que marcas da história e da cultura regional repercutem no cotidiano das mulheres. A conjugalidade, em geral, é o concubinato; ficou evidente o exercício precoce da sexualidade e conjugalidade. As famílias são matrilineares e o papel do homem é secundário, como parceiro, provedor e pai. As narrativas das netas revelaram percepção crítica em relação ao destino das mulheres nas famílias e na sociedade e o receio de repetição desses processos transgeracionais em suas vidas. Políticas públicas para famílias carentes devem levar em conta as peculiaridades das experiências em torno da conjugalidade e da sexualidade e ter como eixo estruturante das ações a interação gênero, classe, cultura.

Palavras-chave: Gênero; sexualidade; conjugalidade; mulheres pobres; transgeracionalidade.

**CONJUGALITY AND SEXUALITY OF LOW INCOME WOMEN OF MANAUS:
A TRANSGENERATIONAL AND GENDER PERSPECTIVE**

Abstract. This paper discusses aspects of the conjugality and sexuality of impoverished women of Manaus from a transgenerational and gender perspective. Twelve women – grandmother, mother and granddaughter of four families participated in the research. The methodological strategy used was the multiple case study. A social-demographic questionnaire and a semi-structured interview were used for data collection. Data were analyzed with discourse analysis. The results showed that imprints of the history and cultural background of the region are present in the daily lives of the women. The form of conjugality is by large the concubinage; the precocious initiation of sexuality and conjugality became evident. The families are matrifocal and the men have a secondary role as husbands, providers and fathers. The narratives of the granddaughters revealed that they have a critical perspective regarding the destiny of the women in families and in society and that they fear the repetition of these transgenerational patterns in their lives. Public policies geared towards impoverished families must take into consideration the peculiarities of the experiences of conjugality and sexuality and have as the structuring base of their actions the interaction between gender, social class and culture.

Key words: Gender; sexuality; conjugality; impoverished women; transgenerational processes.

CONJUGALIDADE E SEXUALIDADE DE MULHERES DE BAIXA RENDA DE MANAUS: UM OLHAR TRANSGERACIONAL E DE GÊNERO

Este trabalho tem o intuito de pensar a dinâmica familiar a partir do resgate de histórias familiares da Região Norte. Compreender a conjugalidade e a sexualidade de mulheres pobres de Manaus, a partir das perspectivas de gênero, da transgeracionalidade e da cultura foi o desafio proposto nesse estudo, que é parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado.

Os temas serão analisados sob as seguintes perspectivas: a) Aspectos culturais regionais e a transgeracionalidade; b) A condição sócio-econômica e a conjugalidade; c) O gênero e a sexualidade. Entendemos que essas perspectivas possibilitam problematizar e compreender a complexidade e a singularidade das vivências conjugais e sexuais de mulheres de baixa renda de Manaus.

Aspectos culturais da Região Norte e a transgeracionalidade

A cultura facilita a compreensão do cotidiano. Possibilita a apreensão de especificidades do grupo pesquisado, e evidencia os alicerces de um mundo simbólico a partir de crenças, valores e práticas que dão sentido à vida cotidiana (Silva, 2006). Morin (2007) aponta que precisamos reconhecer a complexidade humana e as influências que uma cultura grava nos espíritos dos indivíduos.

A cultura regional do Amazonas tem raízes na natureza e em hábitos naturais de vida. A concepção de historiadores como Araújo (2003) deixa clara a singularidade que marca a cultura da região: “A cultura na Amazônia tem nuances diferenciadas da cultura de qualquer outro ponto do Brasil” (p. 525). Wagley (1988) reforça essa posição: “No vale amazônico, com seu ambiente típico de chuvas e florestas, e seu imenso sistema entrelaçado de vias fluviais, mais do que em qualquer região, persistiu a herança indígena do Brasil” (p. 54). As falas dos autores ressaltam o fato que a natureza impõe limites ao Estado do Amazonas. O isolamento geográfico e hidrográfico natural dificulta a acessibilidade por via terrestre. As conseqüências desse isolamento para a cultura regional são a redução de influências culturais de outras regiões do país e a intensificação da herança cultural regional.

Na história do Amazonas do século XIX, o contexto sociocultural instaurava o cotidiano do pobre. A conjugalidade tomava a forma de concubinato, visto por eles com naturalidade; a vida sexual era espontânea e livre, próxima da natureza; as mulheres movimentavam-se pelos espaços públicos com maior liberdade; o preconceito da virgindade era menos rígido, não sendo condição para a futura conjugalidade; a vida sexual dos jovens

começava cedo; muitas vezes tinham filhos e se amasiavam depois sem dificuldades. Em geral, as mulheres caboclas trabalhavam muito, cooperavam com o marido, sem perder sua função sexual (Araújo, 2003). Este autor descreve a autoridade do pai como branda, mínima, silenciosa, e exercida sem coação. Em lugar do homem dominador, controlando e sustentando a família, é a mulher, freqüentemente, sua figura central.

Os processos familiares têm uma dimensão linear no tempo, produzindo um impacto modelador de relacionamentos e de várias dimensões da vida de uma geração para outra (Carter & McGoldrick, 1998). Estudar os acontecimentos atuais torna necessária uma localização na cultura e um entendimento do passado. É fundamental, portanto, compreender como essa herança cultural da região norte, passou de geração em geração nas relações familiares.

Geração, na perspectiva da transgeracionalidade, é a expressão de valores e padrões de comportamento relativos a um grupo de idade em determinado período de tempo. Os valores e padrões podem mudar conforme a sociedade se transforma. Rocha-Coutinho (2006) chama a atenção para a coexistência, às vezes conflituosa, entre o passado e o presente, em função de mudanças de tradições e costumes entre gerações e as mudanças sociais. Conflitos dessa natureza permeiam os valores e os padrões familiares.

Esse processo de transmissão transgeracional, constituído desde uma perspectiva histórica, não só dá identidade à família, como também explica o significado das idiosincrasias e transações que caracterizam o funcionamento familiar da última geração (Falcke & Wagner, 2005). A transgeracionalidade é, portanto, uma dimensão importante de ser investigada ao se estudar a conjugalidade e a sexualidade de mulheres de baixa renda de Manaus.

A condição sócio-econômica e a conjugalidade

Mulheres das camadas populares apresentam características próprias, padrões específicos, ligados às suas condições concretas de vida. Em geral, elas comportam-se de forma avessa aos estereótipos atribuídos ao feminino: submissão, delicadeza e fragilidade (Fonseca, 2007; Soihet, 2007). A compreensão da experiência de famílias e mulheres pobres se faz a partir de normas e valores inseridos em sua cultura específica e adversidades econômicas cotidianas, diversos, portanto, daqueles da família nuclear tradicional (Soihet, 2007).

Em pesquisa sobre conjugalidade realizada com famílias de baixa renda no Pará, Costa (2005) defende que a ausência de casamentos entre os pobres na Amazônia era mais uma

questão cultural que econômica. Segundo a autora: “A escassez de juízes e padres e a prevalência de códigos culturais atrelados a hábitos naturais de vida, típicos dos silvícolas sobre os códigos dos “civilizados”, pesaram na ausência de casamentos legais, talvez mais que a questão econômica” (p. 286).

O sentido de vínculo conjugal em nosso estudo foi adaptado à realidade sócio-cultural da região, ou seja, levamos em conta a relação afetivo-sexual do casal sob o mesmo teto, desvinculada do sentido formal de casamento. Tomamos por base a definição de Magalhães (2003): “Conjugalidade é uma dimensão referida à vivência compartilhada dos parceiros, alicerçada no vínculo conjugal” (p. 225). Consideramos também resultados de estudo sobre mulheres pobres no Brasil, no qual Soihet (2007) constatou que: “No seio dos populares o casamento formal não preponderava” (p. 368).

Estudos com mulheres no contexto social de pobreza (Couto-Oliveira, 2007; Yunes, Garcia & Albuquerque, 2007; Narvaz & Koller, 2006) identificaram em seus cotidianos experiências que revelam transgressões às normas sociais. Esses estudos apontam a criatividade e engenhosidade dessas mulheres em superar adversidades. Revelam, portanto, elementos facilitadores de resiliência.

A conjugalidade na classe social de baixa renda apresenta outra dimensão singular e paradoxal. Existe uma tendência de formação de famílias matrilineares, ou do tipo “matrifocal”, com o homem em papel secundário em suas vidas. Pesquisas no Brasil (Narvaz & Koller, 2006; Fonseca, 2007; Matsunaga, 2008) evidenciam essa característica matrifocal na organização familiar de classe popular em oposição à estrutura clássica de organização de tipo patriarcal. Estudo sobre mulheres pobres realizado por Fonseca (2007) analisou a relação entre a matrifocalidade e o papel periférico do homem: “Nesse tipo familiar, mãe e filhas adultas já com os filhos destas, formam o eixo do grupo doméstico, tendo os “maridos” eventuais um papel secundário” (p. 524).

Famílias chefiadas por mulheres enfrentam muitos desafios. Costa, Pinheiro, Medeiros & Queiroz (2005) ressaltam a dimensão de desigualdade presente no contexto de chefia familiar feminina: “As famílias chefiadas por mulher, além de contarem somente com um provedor de renda, podem estar numa situação pior que as de chefia masculina, em razão das inúmeras desvantagens sofridas pelas mulheres na sociedade, e, em especial, no mercado de trabalho” (p. 9).

O tema da monoparentalidade, em especial o de chefia feminina na família, tem sido alvo de estudos em diversas áreas do conhecimento científico. Segundo Woortmann &

Woortmann (2004) esse tema não é novo na classe popular; é um fenômeno secular, encontrado em estudos históricos no Brasil e na Europa.

Heilborn & Sorj (1999) há mais de uma década apontaram para a carência de estudos sobre as relações de gênero dessas mulheres chefes de família. As autoras apontam que a inovação é a inserção de famílias monoparentais na classe média e o seu crescimento proporcional entre a população.

A ênfase na monoparentalidade e chefia feminina recai sobre a “matrifocalidade”, definida como característica dos padrões familiares populares, no qual o poder na família está na figura feminina. Esse é o contexto privilegiado nesse estudo, que busca conhecer singularidades encontradas na vivência da conjugalidade e da sexualidade de famílias de baixa renda de Manaus.

O gênero e a sexualidade

O pensamento feminista mostrou novas perspectivas para pensar a sexualidade e a conjugalidade. A partir da inclusão da categoria de gênero foram abertas várias frestas, com possibilidades de reflexão sobre a importância da categoria alteridade para a compreensão da relação consigo mesmo e com o outro (Bandeira & Siqueira, 1997).

O gênero institui a identidade do sujeito, isto é, o gênero faz parte da pessoa e o constitui, aponta Louro (1997). A autora ressalta a importância do processo de mutabilidade da identidade: “Tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade, as identidades são sempre construídas, portanto passíveis de transformação” (p. 27).

O processo de obscurecimento e mascaramento da sexualidade feminina é histórico. Engendrada pela sexualidade masculina, a cultura dominante sempre temeu o poder natural da mulher de regulação da reprodução humana (Muraro, 1996). Essa questão primordial parece estar sempre latente quando refletimos sobre gênero e a sexualidade.

Bozon (2004) também concorda com o papel central da construção social na elaboração da sexualidade humana. A sexualidade é forjada pelo contexto cultural e familiar. Nessa perspectiva, a família tem uma função fundamental na legitimação e na representação da ordem das gerações.

Neste estudo, optamos por enfatizar a prática social e histórica de dimensões da sexualidade de mulheres pobres de Manaus. Adotamos a perspectiva de análise de Louro (1997) que enfatiza ser fundamental: “Recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos (...) que se constroem o

gênero” (p. 22). Segundo esta autora é relevante nesse contexto compreender as diversidades sociais, históricas e de grupos (étnico e de classe).

Adotar um olhar de gênero para abordar a sexualidade nesse estudo levou em consideração o fato de que não existe uma experiência única do ser mulher ou do exercício da conjugalidade e da sexualidade. Os efeitos de uma ordem social histórica injusta e discriminatória, presente há gerações no cotidiano de mulheres pobres da região norte do país, refletem no exercício da sexualidade e da conjugalidade. São mulheres, portanto, que vivem cotidianos marcados pelas dificuldades de sobrevivência, que merecem ser conhecidos e pesquisados.

METODOLOGIA

Esta pesquisa objetivou conhecer características da vivência da sexualidade e da conjugalidade, na perspectiva de três gerações de mulheres de uma mesma família de baixa renda de Manaus. Dado o caráter transgeracional do trabalho optou-se por uma das estratégias da metodologia qualitativa que é o estudo de caso múltiplo. As evidências resultantes de casos múltiplos são consideradas mais convincentes, e o estudo global é visto, por conseguinte, como algo mais robusto (Yin, 2005).

Os instrumentos de coleta de dados foram um questionário sobre informações sócio-demográficas (Anexo C) e entrevista individual do tipo semi-estruturada (Anexo D). A amostra de conveniência foi escolhida de acordo com as características delimitadas pelo objetivo geral da pesquisa. As famílias foram contatadas através do CRAS – Conselho Regional de Assistência Social – Manaus / Programa do Governo Federal Bolsa Família. O indicador de pobreza para seleção neste Programa é pertencer à classe E, cuja renda domiciliar total de uma família corresponde a R\$ 804, a preços de novembro de 2008 (Ministério da Fazenda, 2010).

Foram indicadas 04 (quatro) famílias de Manaus, que tinham preservadas três gerações de mulheres amazonenses - avó, mãe e neta. Participaram do estudo doze mulheres: quatro avós com 68, 64, 60 e 57 anos; quatro mães com 46, 41, 38 e 37 anos; e quatro netas com 17, 16, 16 e 14 anos.

A coleta de dados foi realizada nas residências, em horário conveniente para as participantes. No início da atividade foi feita a leitura em voz alta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B), seguida de esclarecimentos e da assinatura do mesmo. O segundo passo consistiu em responder o questionário sobre informações sócio-demográficas (Anexo C). Por fim, foi feita a entrevista semi-estruturada (Anexo D). As falas foram gravadas com o consentimento das participantes e, posteriormente, foram transcritas literalmente. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da UnB (Anexo A).

As entrevistas foram trabalhadas por meio da análise de discurso conforme proposta de Rocha-Coutinho (1988). Este estudo foi realizado à luz do corpo teórico que norteou a pesquisa. Apresentamos a seguir os resultados e discussão da pesquisa, organizados em dois eixos: a) As histórias conjugais e sexuais nas famílias e suas marcas transgeracionais; b) As dimensões sexuais e conjugais nas famílias: especificidades e generalidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As histórias conjugais e sexuais nas famílias e suas marcas transgeracionais

Este estudo teve como base as narrativas de mulheres de três gerações de famílias de baixa renda, moradoras na cidade de Manaus, sobre suas experiências conjugais e sexuais. Ao contarem suas histórias de vida aconteceram lapsos de memória, que depois eram narrados por outra pessoa da família. Assim, a narrativa de cada mulher era como retalho, que resultou em uma colcha de retalhos de histórias que revelam as experiências de sua família.

A Família-1 reside no bairro Cidade do Leste. A Avó-1 tem 64 anos, é analfabeta e mora sozinha em casa construída por uma de suas filhas, que a sustenta financeiramente. A Avó-1 trabalhou como doméstica, até ficar doente e ser operada do coração. Não tem recurso próprio e não é aposentada. A Mãe-1 tem 41 anos, cursou o 1º grau e mora com os filhos; ela sempre trabalhou como doméstica. O filho mais velho trabalha e ganha um salário. A renda familiar é de dois salários mínimos. A Neta-1 tem 14 anos e cursa 2º. Grau. Ela é virgem e nunca trabalhou. Merece destaque nessa família o sentido prioritário de sobrevivência nas conjugalidades e a ausência de cônjuges nas casas.

A Avó-1 diz saber pouco sobre seus antepassados. Os pais eram de Manicoré (AM). Ela narra: “Eu não cresci no interior (...) não conheci meu pai, porque ela (mãe) casou com outro homem e viajaram para Porto Velho”. E explica: “A minha mãe largou do marido dela e viveu um bocado de tempo sozinha, trabalhando para criar os filhos, e ela roçava, plantava, era mulher trabalhadeira. Aí casou com esse meu padrasto e viveu até a morte”. A Avó-1 foi dada para a madrinha aos cinco anos. Embora tenha sido babá dos filhos da madrinha, esta a criava com luxo e educação rígida.

A Avó-1 casou formalmente com um amigo de sua mãe biológica, homem do Rio Grande do Norte, de 50 anos e ela com 16 anos. Descreve educação rígida com os filhos, pouco diálogo e surras de extrema violência, semelhantes às que tinha de sua mãe. Ao ficar viúva e com oito filhos voltou a trabalhar de doméstica; dormia no emprego, com folga no domingo. Por essa razão, Avó-1 ficou ausente da criação de Mãe-1. A Mãe-1 narra situação familiar em decorrência do trabalho de Avó-1: “Eu era uma criança cuidando de várias crianças”. Dificuldades de sobrevivência fizeram a Avó-1 doar três filhos para criação. Manteve relacionamento afetivo sexual de oito anos com um segundo cônjuge, mas se separou deste por causa de bebida.

A Mãe-1 narra com emoção episódio de estupro na infância por parte de um conhecido de sua mãe. Aos 12 anos ficou grávida do namorado de 20 anos, que se suicidou na ocasião da

gravidez. Ela deu o bebê para sua madrinha criar. Casou formalmente aos 16 anos. A Mãe-1 fala sobre seu convívio conjugal, e descreve-se como “Amélia”: “Quando era casada eu só fazia o que ele queria”. A Mãe-1 relata também sua experiência de relacionamento extraconjugal: “Depende de circunstâncias, às vezes você trai, não porque é sem-vergonha. Você ta sofrida, humilhada, aí encontra uma pessoa que só fala coisa boa, te trata bem, aí a coisa vai”.

Narvaz & Koller (2006) analisam que a situação de infidelidade, principalmente a feminina, é marcada por visões provenientes das prescrições normativas do patriarcado às famílias. Normatizaram às mulheres papéis de cuidado de seus filhos e maridos. Elas foram confinadas ao mundo privado e tiveram suas necessidades pessoais ignoradas ou negadas. Porém, a sociedade patriarcal e capitalista não deu condições suficientes para o desempenho desses papéis. Segundo as autoras: “Residam talvez aí possibilidades, mesmo que perversas, de subversão à normatização” (p. 53).

Após 22 anos de casamento, Mãe-1 se separa informalmente e leva os filhos com ela. Dois anos depois o ex-marido foi assassinado. Ela ficou viúva com três filhos do casal e um filho do ex-marido de seis anos que ela cria desde bebê. Atualmente mora somente ela e os filhos. A Mãe-1 narra como se deu a separação: “Minha filha disse, por que a senhora não deixa o papai, todo dia ele lhe humilha, chama de vagabunda. Aí eu não agüentei e saí de casa, só com a roupa do corpo e os meus filhos”. E resume com orgulho a luta para reconstrução de sua vida: “Tudo que eu tenho aqui foi com meu suor, não botei ele na justiça, sempre deixei ele livre”. São narrativas que apontam para dificuldades de vida e para a autonomia dessa mulher.

Após a separação conjugal Mãe-1 elege o filho mais velho para cuidar e ser cuidada. Este filho trabalha como mecânico e ajuda nas despesas da casa. Ela descreve os cuidados que tem com esse filho: “Eu lavo, passo a roupa do meu filho, cuido dele (...) é o meu jeito, a mamãe sempre passava pra gente assim, que mulher quando casa é pra passar, pra cozinhar. Então não consigo mudar agora”. O papel de cuidar de seus familiares foi prescrito pelo capitalismo às mulheres e às famílias. Conforme apontam Narvaz & Koller (2006): “Essa prescrição parece ter atravessado séculos, materializando-se na crença de que a mãe deveria dedicar-se integralmente aos filhos” (p. 52). Dimensões transgeracionais do cuidar da família estão presentes ainda no cotidiano de mulheres.

Essa suposta submissão (re)produz uma relação de cuidar de um homem que lhe dá suporte financeiro, seja marido ou filho. Podemos supor uma construção e reprodução de relações entre Mãe-1 e os parceiros, onde expectativas relacionadas ao papel de gênero

instituem um estereótipo de identidade de mulher. Esta foi construída desde sua infância, na relação de cuidar dos irmãos menores, no aprendizado transgeracional nas relações com sua mãe. Na ocasião da entrevista, ela se mostrou impotente para transformar esse mandato.

Ocorrências similares conjugais são encontradas nas gerações de Avó-1 e Mãe-1: ambas disseram que não sentiram como namoro a vivência antes do casamento; tiveram em comum o curto tempo de relacionamento antes do casamento; as duas relataram que não estavam apaixonadas; ambas tiveram relacionamentos duradouros (25 e 22 anos); ficaram viúvas e com filhos; ambas têm histórias de doação de seus filhos; as duas não expressaram afetos como paixão ou amor em suas narrativas; ambas narraram que a união conjugal representava prioritariamente uma ajuda para sobrevivência. A Avó-1 e Mãe-1 relataram desejo de dissolução da união, mas se acomodaram à relação conjugal, expressos nas falas: “Mas era tarde demais, aí tive que continuar casada e agüentar até o final” (Avó-1) e “A mamãe dizia que quando se casa você tem que esquecer sua vida. Ruim ou bom é com ele que tu tem que ficar” (Mãe-1).

Constatamos que a violência permeia as relações conjugais das mulheres da Família-1. Quanto ao sofrimento psíquico decorrentes de violências, as opiniões de Avó-1 e Mãe-1 são similares: “É melhor você dar uma pancada do que uma palavra” (Avó-1) e “Mas com palavras era mais dolorido do que qualquer coisa” (Mãe-1). A violência apresenta dimensões complexas e diversas. Em geral, a violência contra a mulher no âmbito doméstico é marcada por ações que resulta em danos psicológicos, físicos e sexuais. Os impactos da violência sobre a saúde da mulher são significativos: depressão, ansiedade, fobia, somatizações, maior propensão à dependência química, disfunções sexuais, entre outros (Diniz, 1999, 2011; Couto-Oliveira, 2007).

A Neta-1 verbalizou receio evidente de repetir em sua vida a história de sofrimento familiar, em suas veementes afirmativas: “Não existe mais tradição de família, cada geração aprende alguma coisa diferente, nunca leva em conta o começo. Pouquíssimas coisas ficam e quase não dá pra relevar”. A Neta-1 apreendeu a dinâmica familiar, percebe mudanças acontecendo e acredita poder construir uma vida diferente, embora continue reticente quanto ao seu futuro: “Eu não penso em ter filhos, o meu agora (...) eu penso em trabalhar, ter a minha carreira, aí, depois vou pensar em ter filho”.

A sexualidade e a conjugalidade foram vividas precocemente nas gerações de Avó e Mãe na Família-1. As histórias de vida dessa família demonstram a realidade passada entre gerações. As dinâmicas conjugais e sexuais de Avó-1 e de Mãe-1 evidenciam o cotidiano familiar de dificuldades sócio-econômicas. Esse contexto comprometeu a construção e a

dinâmica da sexualidade de Mãe-1, que teve início em idade precoce: menarca aos dez anos; sofreu estupro; engravidou aos 12 anos; tornou-se mãe aos 13 anos e doa a filha. As narrativas de Mãe-1 assinalam o tempo reduzido de relacionamento para a efetivação da relação afetivo-sexual: “Começa a namorar, aí rola essas coisas, assim. Engravidei que nem sabia que tava grávida”. Com o futuro marido o tempo também foi curto. Ela narra: “Também foi muito rápido. Eu conheci ele numa tarde e noutro dia a gente já passou o natal juntos, e aí pronto não se largamos mais” (Mãe-1).

A relação conjugal e a sexualidade mantêm estreita relação. É o que demonstra as narrativas de Avó-1 e de Mãe-1 sobre seus relacionamentos conjugais e o sexo, expressos por afetos negativos: “Não era bom. Um dever que uma mulher tem com seu esposo, eu não me sentia bem” (Avó-1); “Era a pior coisa na hora da cama, do sexo. Eu me sentia suja, nojenta, foi muito difícil” (Mãe-1).

O exercício precoce da sexualidade e da conjugalidade pode ter diversos ônus, entre eles a maternidade. As vivências de Avó-1 e Mãe-1 mostraram o quão é difícil superar essas dificuldades cotidianas. Essa percepção está sendo passível de transformação pela geração de neta. Isso pode ser visto na resposta à pergunta *Nessa parte de sexo tu vês diferenças e semelhanças entre a vida da tua avó, da tua mãe e a tua?* “Existe sim, sobre o aborto, eu sou contra, minha mãe é contra, minha avó é contra. E de diferenças acho que no modo de se preservar” (Neta-1).

A Família-2 reside no bairro Colônia Oliveira Machado (antiga colônia de hansenianos); tem renda de três salários mínimos. A Avó-2 tem 57 anos, é analfabeta e mora com o marido, três filhos adultos e suas famílias (dez pessoas ao todo). Ela exerceu trabalhos de doméstica, costureira e vendedora da Avon. A Mãe-2 tem 37 anos e estudou até a 5ª série. Ela trabalhou como doméstica e manicure, e hoje trabalha assalariada em serviços gerais. A Neta-2 tem 17 anos, tem o 2º grau incompleto, nunca trabalhou.

A vivência da conjugalidade na Família-2 é marcada pela presença de violência na família em geral. As narrativas sobre as relações conjugais familiares contêm afetos intensos e passionais. Durante a pesquisa, entre as famílias entrevistadas, a Família-2 foi a única em que encontramos cônjuges convivendo com as mulheres participantes (Avó-2 e Mãe-2).

A Avó-2 relatou brevemente sua história com o 1º cônjuge: “Fiquei grávida aos 19 anos, casei, tive dois filhos, aí ele morreu, fiquei viúva e vim pra Manaus com dois filhinhos”. Nas narrativas sobre o 2º cônjuge foram observados freqüentes sentimentos de acomodação e de sobrevivência, como nessas palavras de Avó-2: “Aí sofria, arranjei esse daí, a gente

precisa”. Convivem há 33 anos e tiveram oito filhos. Episódios de violências na relação conjugal atual de Avó-2, envolvendo alcoolismo e brigas de terçado, fazem parte das narrativas de Mãe-2. Esta conta que essa violência foi desencadeada por uma união afetivo-sexual vivida por Avó-2 aos 39 anos com um rapaz de menor. Pressão familiar a fez voltar para o atual marido. A Mãe-2 ouviu o seguinte desabafo de Avó-2: “Eu tava envolvida pela paixão, pelo amor”.

A história de vida da Mãe-2 é marcada por sexualidade e conjugalidade precoces. Múltiplas experiências de conjugalidade, resumidas assim: “Eu fui casada cinco vezes, fiquei viúva uma e três nós se larguemos”. Ela relata que aos 16 anos teve com um namorado sua 1ª relação sexual que resultou em gravidez; o parceiro não assumiu a paternidade e terminou o namoro. A sua 1ª relação conjugal teve duração de oito anos, da qual ela relata: “Em um mês nós se conhecemos e fomos morar junto. Eu sofri demais. Eu tava lavando o chão, grávida, e ele me bateu muito. Levantei, peguei a faca, e furei ele. Eu não agüentava mais apanhar”. Separou, mas deu uma segunda chance à relação: “Voltei, eu amava ele ainda. Aí ele começou a me bater de novo, e não voltei mais”.

A Mãe-2 relata que a 2ª relação conjugal teve duração de cinco anos, quando ele morreu assassinado, deixando-a grávida. Ela teve depressão pós-parto. Sobre a 3ª e a 4ª conjugalidades, ela relata não haver filhos. Com o 5º cônjuge, o atual, teve seis filhos. A Mãe-2 analisa assim a relação atual: “Vivo aos trancos e barrancos”. Essa situação é exposta nesse diálogo conjugal: “Se não fosse tu beber, tu ficar me esculhambando e me dando macho (amantes), a nossa vida era um mar de rosas” (Mãe-2).

A Neta-2 repete a história de vida conjugal e sexual precoces. Na ocasião da entrevista encontrava-se grávida de quatro meses de uma relação afetivo-sexual com duração de oito meses, com homem de 30 anos. Desde então ela interrompeu os estudos. Sobre essa experiência ela relata: “Ele descobriu que eu tava grávida e foi embora. E ele ainda me batia”. A Neta-2 voltou a morar com a mãe e o padrasto, e com este mantém relação conflituosa e violenta.

Na Família-2 os sentidos prevalentes nas relações conjugais variam entre a sobrevivência, afetos passionais e o companheirismo. A complexidade dessas relações aponta para diversas identidades dessas mulheres - ser mulher, trabalhadora, amante, companheira, cônjuge, mãe, avó, filha e neta - que parecem ser contraditórias e conflitantes, até para elas mesmas. A fala de Avó-2 ressalta esses conflitos, ao expressar necessidades distintas, que oscilam entre acomodação, companhia e sobrevivência na relação conjugal: “A gente tem companhia, a gente precisa”.

Nas palavras de Mãe-2 também podemos perceber a sua busca por um companheiro (cinco tentativas), diante das dificuldades cotidianas, sejam afetivas, financeiras ou de sobrevivência: “É muito bom ter um companheiro, ter alguém do seu lado pra lhe ajudar, porque só pra gente fica difícil, até a despesa da casa”. Na descrição sobre sua experiência conjugal, percebe-se na fala da Neta-2 uma paixão pelo ex-cônjuge e uma carência afetiva por um personagem masculino positivo em sua vida: “Ele pra mim era tudo. É porque eu não tenho pai, não mora comigo. Então, eu tinha ele como um pai, como uma mãe, era quem tava ali do meu lado, quem sabia da minha vida”.

A violência familiar e conjugal foi uma constante nos relacionamentos das mulheres da Família-2. O mais grave é a banalização e naturalização da violência percebida na fala de Neta-2: “Às vezes tem alguns desentendimentos, mas depois volta ao normal. Às vezes até a minha mãe chega a bater e se desentender com meu padrasto, mas isso é vida de casal”.

A sexualidade é vista de forma prazerosa, mas é vivenciada de forma distinta pelas três gerações de mulheres da Família-2. A Avó-2 relata gostar de sexo, mas aponta não estar vivendo a sexualidade de forma satisfatória na relação atual: “Eu não gosto mais dele (marido), não me interessa mais por sexo”; porém, ela aponta que o homem ideal é: “Que cumpra com seus deveres de cama legal, eu gosto. Pode ser feio, velho, não importa”. A Mãe-2 é clara e objetiva: “Eu adoro, só não todo dia”. A Neta-2 passa por fase de abstinência em função do trauma vivenciado na primeira relação: “Desde que me separei dele, eu não tive mais sexo; eu tenho muito medo de me entregar pra outro homem”.

Foram percebidas recorrências transgeracionais entre as histórias de vida da Mãe-2 e da Neta-2: as duas foram criadas por padrasto; tiveram adolescências conflituosas com a família; o exercício precoce da vida sexual e conjugal; e ficaram grávidas pela primeira vez com a mesma idade. Essa repetição transgeracional fica constatada por fala da Mãe-2: “Ela tá vivendo o que eu fui na minha vida”. A Neta-2, embora esteja marcada por vivência de gravidez e abandono na adolescência, expressa sonhos de mudar sua vida com o estudo e um bom emprego.

Encontramos na Família-3 indicações de marcas de sobrevivência nas relações conjugais. A história da família de Avó-3 foi narrada assim: o pai era amazonense, de raça negra; a mãe era paraense, “branquinha” (conforme Mãe-3). A mãe de Avó-3 era paraense, parteira, e veio de Belém - Pará com um filho, fugindo do marido que queria matar os dois. Em Manaus, a mãe de Avó-3 conheceu o futuro sogro (avô paterno de Avó-3), piauiense, que tinha batelão (barco que faz comércio no rio Amazonas), e ele a levou para trabalhar com sua família na comunidade Nova Esperança, em Barcelos (AM), em atividade seringueira. Foi

nesse lugar que os pais de Avó-3 se conhecem, conforme palavras de Avó-3: “Aí ela se amigou com o papai e saiu do sofrimento”. A Avó-3 é a filha primogênita de sete filhos.

A Avó-3 tem 60 anos, é analfabeta, aposentada. O filho caçula trabalha como ajudante de pedreiro, e moram juntos na mais famosa e antiga invasão de terra de Manaus chamada Carlinhos da Carbrás. Ela trabalhou como seringueira quando morava no interior, e como empregada doméstica em Manaus. A Mãe-3 tem 46 anos, é analfabeta e mora com três filhas em um terreno de barranco próximo ao bairro Cidade Nova. A renda familiar é de um salário mínimo da mãe que trabalha de doméstica. A Neta-3 tem 16 anos, é virgem, estudante do 2º grau, e nunca trabalhou.

As experiências de vida de Avó-3 e de Mãe-3 são narradas com humor em contraste com o sofrimento vivenciado em seus cotidianos. Chama atenção a precocidade nas relações conjugais e sexuais dessas mulheres; a vivência de violências (brigas, surras) nas relações familiares e afetivo-sexuais. Constatou-se na Família-3, como na Família-1, a ausência de cônjuges na vida das mulheres entrevistadas. A Família-3 é a única entre as famílias participantes em que não houve registro de casamento formal.

O início da vida sexual foi precoce na vida de Avó-3 e de Mãe-3, marcado por experiências traumáticas e muito sofrimento. Interpelada se perdeu a virgindade com o 1º cônjuge, Avó-3 respondeu que foi com um namorado, mas ela não sabe dizer as idades dos dois, e narrou que ele era: “Homem formado já (...) e eu era tão nova”. Nessa narrativa, ela reviveu o sentimento de ser estuprada, chorou ofegante e sussurrou: “Esse homem parece que me partiu foi duma vez”. A Avó-3 escondeu esse episódio da família.

A Avó-3 teve seis derrames, e por isso apresenta dificuldades com a memória. Ela conta que teve três experiências de uniões afetivo-sexuais e seis filhos. A 1ª relação é resumida com emoção: “Eu era maltratada, comia no dia que dava na veneta (...) aí deixei ele por causa desse motivo, passava muita fome (voz diminuindo) fome, fome, uma hora dessa eu tava com uma fooomel!”. Dessa relação teve cinco filhos. Na 2ª relação teve o filho caçula, que a Avó-3 define assim: “Apareceu um gaiato, eu fiquei gestante, aí quando tá gestante, se manda”. A Avó-3 descreve a 3ª e última relação: “Aí me ajuntei com esse outro. Sempre agradava o velho e o bicho era malvado”. Avó-3 relata que este cônjuge batia nela e na filha, e em função desse tratamento ela se separou.

A história de Mãe-3 é narrada por Avó-3 e revela a dureza da dimensão social como fator desencadeador da primeira experiência de conjugalidade da filha: “Ele (padrasto) deu ela pro cara, não tinha nem doze anos, e um dia ele se enfezou, tanta boca pra dar de comer”. A

Mãe-3 conta: “Conheci ele num igarapé, a gente nunca namorou. Numa festa, minha família me entregou pra ele. Fiquei até meus 25 anos. Sofri muito!”.

A Mãe-3 teve três relações afetivo-sexuais e oito filhos. Na 1ª relação ela teve quatro filhos. Na 2ª relação ela teve mais quatro filhos e descreve assim: “Eu amava ele demais. O namoro foi pouco, conheceu uma semana e já fica na outra (ri). Aí a mamãe como não gostava dele expulsou de casa, e ele não voltou mais. Sofri muito”. A 3ª relação ela narra: “Conheci um pescador, todo cheio de pinta, me ajudou, dando coisas pro meus filhos. Aí perdeu o trabalho e já queria comer à custa de mim. Não!”. Atualmente ela não tem parceiro.

A Mãe-3 analisa sua experiência de ter tido várias relações afetivo-sexuais com restrições: “Eu não me casei, só me amiguei, e eu quero que as minhas filhas casem, e que viva com o marido; porque é muito ruim a gente se amigar, deixa, vai pegando outro. Fica muito chato”. A Mãe-3 exprime o desejo de um futuro melhor pras suas filhas: “Hoje eu não quero pras minhas filhas, eu não quero que elas casem crianças, queria que elas estudassem e que fizessem o melhor pra vida delas”. A pesquisa de Soihet (2007) ratifica esses aspectos encontrados em nossa pesquisa, que mostram a complexidade de ser mulher pobre no contexto social brasileiro. A autora aponta a diversidade da vivência da conjugalidade entre essas mulheres. Apesar da predominância de uniões informais, a autora encontrou entre as pesquisadas: “(...) a aspiração ao casamento formal”; com algumas mulheres: “(...) sentindo-se inferiorizadas quando não casavam” (p. 367).

As mulheres da Família-3 relataram a vivência do aborto. O modo como fizeram esse relato mostrou que essa é uma prática recorrente entre as gerações. Elas tendem a romper a norma ideológica da proibição devido às condições sócio-econômicas, e o peso concreto da maternidade nesse contexto. Depois da experiência do abuso sexual, Avó-3 conta ter se prevenido como via sua mãe fazer: “Eu via a mamãe fazer remédio pra não ter filho do papai”. A Mãe-3 racionaliza, mas depois usa de franqueza, ao falar: “É uma coisa ilegal. Até porque a mãe da gente não botou a gente, a gente ta aqui. Eu até tentei, essas minhas duas aí (ri), mas (...) aliás, esse meu caçula também! Mas não veio, né? Mas é a decepção da vida que faz a gente fazer isso”. A Neta-3 é virgem, e em sua resposta cita o exemplo de uma irmã: “(...) eu não acho bom, porque minha irmã até já chegou a abortar, e ela sofreu muito. A mamãe disse que isso é um grande pecado, e eu acho também”.

A dinâmica familiar examinada através das dimensões de gênero, conjugalidade e sexualidade são complexas na Família-3. Processos singulares são sintetizados na resposta de Mãe-3 à pergunta sobre como via os relacionamentos conjugais de sua família. Para ilustrar sua resposta ela relata episódio da relação afetivo-sexual vivida por uma de suas filhas: “O

marido sai pra trabalhar e ela se manda pros “brega” (casa de forró, que funciona na semana, durante o dia e à noite). Chega no dia seguinte. Ela ainda é abusada (ri): se o cara falar ela ainda bate”. Essa fala aponta para uma identidade de gênero, uma vida sexual e conjugal à margem de códigos e regras sociais habituais.

A Neta-3 é virgem. Perguntada sobre sua educação sexual ela comenta: “Minha mãe é uma boa mãe. Ela não me prende, mas também não é liberal”. Diferente de suas progenitoras, Neta-3 tem preocupações e dúvidas: “Tem que se prevenir. Na época da mamãe era um filho atrás do outro. Isso é o meu medo”. E fala do receio de repetição da história familiar e do desejo de mudança para sua geração: “Só espero que no meu futuro eu não sofra tanto (...) eu não quero passar pelo que a minha mãe passou. Quero ter emprego bom e viver a vida”.

A Família-4 reside no bairro Cidade Nova e vive da aposentadoria de Avó-4 (um salário mínimo). A Avó-4 tem 68 anos e cursou o 1º grau. Trabalhou como professora no interior. A Mãe-4 tem 38 anos, cursou o 2º grau, e está desempregada. A Neta-4 tem 16 anos, é estudante do 2º grau, e nunca trabalhou.

A história da família de Avó-4 é a seguinte: Os avôs (materno e paterno) vieram do Ceará, e casaram com mulheres amazonenses. Segundo Avó-4: “Casaram aqui, com as “cabocas” mesmo do Amazonas. Minha mãe teve “20, 25” filhos, tudo no interior, paridos mesmo com parteira. Mas morreu um bocado, de doença do interior”. Avó-4 é a filha primogênita. As atividades de subsistência familiar eram: “Sobreviviam de roça, capinando, muito gado, carneiro, tinha comércio, fazendo farinha, pescaria” (Avó-4).

A Família-4 apresentou as seguintes singularidades: é uma família multigeracional, com quatro gerações de mulheres morando na mesma casa (avó, mãe, netos e bisneta); das famílias participantes foi a que apresentou o maior nível de escolaridade nas várias gerações, e ausência do sentido de sobrevivência nas relações conjugais. Ademais, todas as mulheres disseram ser chefe da casa em suas experiências de relações afetivo-sexual.

A Avó4 é a única mulher entre todas as entrevistadas que apresentou em sua história de vida apenas uma experiência de relacionamento conjugal. A Avó-4 teve sua primeira relação sexual aos 29 anos com um aluno seu de 14 anos. Essa união resultou em dois filhos e três adotivos. Este cônjuge tinha esquizofrenia e acessos de violência. A Avó-4 fala desse relacionamento assim: “Eu nunca fui casada, sempre solteira. Passei quinze anos morando juntos (...) sofrendo juntos, que agüentar não é fácil. Não tive outro homem na minha vida, assim feito besta, perdi meu tempo”. Essas narrativas sobre sua conjugalidade revelam

resquícios de amargura e revolta: “Antes tivesse ficado solteira mesmo, e tivesse tido filho com outro e com outro”.

A Mãe-4 relata com emoção uma tentativa de abuso sexual por parte do pai aos 15 anos. Ela contou para a mãe, e ouviu: “Minha filha, se acontecer alguma coisa, conte, corra, grite, fale pra mim”. A Mãe-4 teve sua primeira relação sexual aos 17 anos. Ela conta que teve três relações afetivo-sexuais. A 1ª relação foi casamento formal. A experiência com o 1º cônjuge foi resumida da seguinte maneira: “Em três meses, nós nos conhecemos, namoramos, noivamos e casamos”. Ela diz ter se separado dele na ocasião em que ele foi transferido para o Rio de Janeiro. A separação desse cônjuge é associada à relação de Mãe-4 com a Avó-4: “Eu não podia deixar a mamãe, ela já tinha problemas de saúde”. Não tiveram filhos.

No 2º relacionamento afetivo-sexual de Mãe-4 nasceram dois filhos, mas ela descreve essa relação com indiferença, e novamente a separação é associada à relação com a Avó-4: “Era colombiano, não parava em casa, que ele viajava. Tinha brigas, cobranças, durou pouco tempo, e eu queria ficar mais perto da mamãe. Ele dizia de mamites e mamites, na saia da mãe”.

O 3º relacionamento conjugal também foi com um colombiano. Percebe-se novamente na narrativa a alusão à relação forte com a Avó-4: “A mamãe não gostava dele”. Não tiveram filhos. Ela narra envolvimento com tráfico de drogas com este cônjuge. Em função disso, ela cumpriu pena de cinco anos; ele ainda está na prisão. A Mãe-4 revela os vínculos afetivos frágeis presentes em suas experiências afetivo-sexuais: “Nunca tive uma relação estável. Não tinha um cotidiano, assim”.

A Neta-4 foi adotada por Mãe-4 aos quatro meses de idade. Sua história de vida mostra a precocidade nas relações conjugais e sexuais. Ela teve sua 1ª relação sexual aos 13 anos com o namorado, um homem de 42 anos. Moraram juntos durante cinco meses. Nesse período, o parceiro queria muito um filho, e como ela foi diagnosticada estéril, eles brigaram e se separaram.

Após a separação, a Neta-4 teve namoro com um vizinho, menor de idade como ela, e fica grávida da filha de quatro meses de idade. Ela narra que diante dessa situação, o rapaz ainda não reconheceu que seja o pai do bebê, mas quer continuar o namoro. Nessa época, o ex-cônjuge sentiu-se esperançoso quanto à paternidade e também pediu a reconciliação. Ela diz ter certeza que o pai é o adolescente, e afirma: “Ela é a cara dele”. Ela diz estar decidida a não manter relacionamento com nenhum dos dois. A Neta-4 acredita que pode trazer

mudanças positivas para a família e sonha: “Terminar os estudos, fazer faculdade. Dar estabilidade melhor pros meus irmãos, pra minha filha, pra minha mãe”.

A Avó-4 enfatiza que a separação entre os casais é comum em sua família. É uma regra geral nas histórias de vida de sua família de origem e na família atual. Ela resume assim: “Não dá certo, separa”. Neta-4 concorda com a complexidade da conjugalidade na família e analisa a partir de suas experiências conjugais: “O casamento na minha família não é muito fácil, nem um pouco. Vida de casada é difícil, tem que ter paciência”. A Neta-4 problematiza a evolução geracional da conjugalidade na família e admite a tendência negativa: “A minha avó casou, depois separou e criou os filhos, sozinha. A minha mãe também, e eu nem cheguei a casar”.

O homem é visto exercendo um papel secundário nas gerações da Família-4. Essa percepção é descrita por Neta-4: “Nós nunca precisou, acho que a gente conseguiu se tornar independente deles. Totalmente independente”. Esse sentimento de independência é reiterado nas palavras de Avó-4: “Homem? Em toda esquina tem. A mulher não precisa casar. Basta ter um bom emprego”. Percepção semelhante é colhida nas palavras de Mãe-4: “O melhor casamento é o seu emprego, seu estudo, porque a gente não pode contar com homem”.

A Neta-4 analisa o papel do homem no contexto familiar e transgeracional: “O que parece é que a gente sempre (...) exigiu muito dos homens, mas a gente botou um papel pra eles que eu acho que nenhum conseguiu cumprir até hoje nos relacionamentos”. Podemos perceber que essas narrativas em relação ao papel do homem em suas vidas são em geral ressentidas, idealizadas e polarizadas. As falas reticentes e a linguagem corporal mostraram as dificuldades de falar sobre os vários papéis desempenhados por eles, seja marido, pai ou irmão.

O fato de na Família-4 conviver várias gerações cotidianamente em uma mesma casa parece ter intensificado os vínculos. A história da relação entre a Avó-4 e Mãe-4 apresentou sinais de vínculos fortes, que parece dificultar a entrada do homem em suas vidas, principalmente no papel de cônjuge. Os sentimentos experimentados nesta convivência podem exacerbar tanto o apoio e proteção mútuos, como também os conflitos (Dias, Ataíde, Magalhães & Albuquerque, 2011). Merece destaque na Família-4 a fidelidade aos valores e atitudes no sistema familiar.

Esse tipo de relação familiar com características de apego e lealdade transgeracional também foi observado na pesquisa de Silva (2006) com famílias de ribeirinhos no Pará. A autora constatou a presença de um padrão familiar a ser seguido, nos quais as mulheres são

fiéis às regras familiares, inclusive na conjugalidade. Observamos que, em geral, as gerações de mulheres da Família-4 parecem determinadas a continuar o clã de mulheres, mantendo entre si vínculos intensos.

A Avó-4 trouxe uma perspectiva transgeracional na família, onde a precocidade do casamento e da iniciação sexual resultou em sofrimento. É o que narrou a Avó-4 sobre a sua avó: “Casou com doze anos, nem menstruava; aí quando ela foi ter relação e viu ele nu correu como doida, gritando, e ele agarrou ela à força. Elas sofreram muito, minha bisa também”.

A sexualidade foi vista de forma distinta pelas três gerações da família. A Avó-4 relatou ter uma perspectiva prazerosa em relação ao sexo: “A coisa melhor do mundo é o sexo”. A Mãe-4 apresentou dificuldades em relação às dinâmicas sexuais e conjugais. São singularidades que encontram respaldo em sua história de vida e apontam para conflitos emocionais. A Mãe-4 relatou: “Não penso, não tenho há anos, não faz diferença. Quando meu marido me visitava na prisão, eu já acordava mal humorada, era um incômodo”. A Neta-4 compartilhou a visão da avó, mas fala a partir de suas experiências precoces e conseqüências emocionais: “Gosto de ter relações sexuais. Mas hoje pra mim não faço questão. Tenho medo d’eu ficar com uma pessoa e engravidar de novo. Ficou aquele trauma na cabeça”.

Foram apresentadas nessa etapa as histórias conjugais e sexuais das famílias entrevistadas. A ênfase foi colocada nas questões de gênero e nas marcas transgeracionais. Cabe agora, refletir sobre os pontos comuns e distintos das experiências dessas famílias, levando em conta as especificidades geradas pela interação entre gênero, geração, classe e cultura.

Dimensões conjugais e sexuais e conjugais nas famílias: especificidades

A análise de dimensões conjugais e sexuais neste estudo priorizou elementos presentes nas gerações das mulheres participantes: as dificuldades da realidade de sua classe socioeconômica; a dinâmica familiar e o contexto cultural - crenças, valores e tradições vistos sob um olhar de gênero. São fatores encadeados entre si e que deixam marcas em seus cotidianos.

A grande desigualdade, insegurança e desequilíbrio socioeconômico e cultural atuam há gerações como fatores de estresse e conflitos nas famílias. Os/as jovens ressentem-se desse contexto, tornando-se pessoas menos amparadas e cuidadas tanto pela sociedade quanto pelo contexto familiar (Taquette & Vilhena, 2008).

O papel de influências culturais, em especial da miscigenação entre a cultura local e de outras regiões no cotidiano das gerações familiares faz parte da história de vida das

participantes. Todas as avós e mães entrevistadas nasceram no interior do Amazonas, em localidades ribeirinhas, com exceção de Mãe-1 que nasceu em Porto Velho - RO. Todas as filhas nasceram em Manaus. As origens das famílias das avós trazem consigo miscigenações culturais. A Avó-1 teve mãe amazonense e pai de origem indeterminada; a Avó-2 teve pais paraibanos; Avó-3 teve pai amazonense e mãe paraense; a Avó-4 teve pai cearense e mãe amazonense.

Os historiadores Batista (2003) e Figueiredo (2002) apontam a relevância da influência da cultura nordestina na sociedade amazonense. O processo de miscigenação do nordestino com os habitantes de regiões ribeirinhas durante o ciclo da borracha desenvolveu-se com sucesso, devido à característica de facilidade de adaptação do nordestino com a região, ao compor família com os habitantes locais. Constatamos nessa pesquisa, que a diversidade cultural regional da Amazônia e do nordeste influenciou a dinâmica familiar dessas mulheres. A cultura do Amazonas ribeirinho vivido nas gerações são constantes nas histórias de vida da Família-2, da Família-3 e da Família-4. A Família-1 teve prevalente cultura urbana.

Na Família-1 a educação rígida proveniente da família de classe social rica amazonense que criou a Avó-1 repercutiu nas gerações de sua família: ocorrência de conjugalidade duradoura (Avó-1 e de Mãe-1); a Neta-1 é virgem e tem história de vínculo afetivo com o pai. Ela apresentou posicionamentos definidos quanto às dimensões da sexualidade e conjugalidade precoces e revelou sonhos e planos positivos para seu futuro. A sexualidade precoce de Mãe-1 pode ser compreendida pelas dificuldades sócio-econômicas do contexto familiar vivido na infância; “ausência” do pai (tripulante de navio que ficava meses fora de casa) e súbita morte paterna; convivência de oito anos com padrasto.

Na Família-2 podemos observar influências da cultura familiar paraibana rígida: convívio com os pais até a idade adulta; casamento aos 19 anos; conjugalidade atual duradoura (Avó-2). A Mãe-2 é filha do 1º casamento de Avó-2; em função de morte súbita do pai ainda na infância, conviveu com o padrasto. A Neta-2 não conviveu com o pai, conviveu com diversos padrastos, e mantém relação conflituosa com o padrasto atual. A Mãe-2 e a Neta-2 têm histórias de dificuldades sócio-econômicas familiares. As duas apresentaram dinâmicas sexuais e conjugais precoces.

A Família-3 apresentou histórias de dificuldades sócio-econômicas vividas nas gerações de Avó-3 e Mãe-3. A Avó-3 foi criada pelos pais e teve experiências sexuais e conjugais precoces. A Mãe-3 foi criada por padrasto e conviveu com experiências muito precoces nas dimensões sexuais e conjugais. Ambas apresentaram senso de humor diante das dificuldades da vida, processo facilitador de resiliência familiar. A Neta-3, virgem, é filha da

2ª relação conjugal de Mãe-3; não conviveu com o pai, e teve convivência temporária com um padrasto. Constatou-se em Neta-3 desejos de satisfazer os sonhos de Mãe-3, inclusive o de um futuro promissor.

A Família-4 teve influência da cultura familiar cearense rígida descrita nas várias narrativas. A Avó-4 conviveu com os pais, e revela vínculo afetivo com o pai. A Avó-4 teve sua única experiência sexual e conjugal aos 29 anos. A Mãe-4 teve experiência de assédio sexual paterno, e, talvez por consequência, teve três experiências conjugais com desapego afetivo relacional. A Neta-4 é filha adotiva, e não sabe quem é seu pai. Tem histórico de sexualidade e conjugalidade precoces. Ela sonha com um futuro promissor profissional.

Dimensões sexuais e conjugais comuns entre as famílias

O cotidiano das doze mulheres entrevistadas mostrou adversidades. Ficou evidente a tendência de aumento entre as gerações nesse estudo, tanto de experiências conjugais - as avós tiveram nove relacionamentos e as mães treze relacionamentos; quanto de gravidez na adolescência - Avó-2, Avó-3, Mãe-1, Mãe-2, Mãe-3, Neta-2 e Neta-4. Na geração das netas, como na das mães e avós, os relacionamentos também tiveram início em idade precoce.

O aumento do número de relacionamentos conjugais entre os grupos de avós e mães gerou a presença de pais diferentes entre os filhos que em geral são criados pela mãe. Embora o número de relacionamentos conjugais seja alto, é freqüente a ausência do papel do homem como pai e como cônjuge. É marcante o convívio entre os filhos e diferentes padrastos. É uma situação paradoxal. A aparente fragilidade nas relações conjugais e consequentes troca de parceiros, encontrada entre as participantes, sugere o que Bauman (2004) cita como amor líquido, no qual os laços podem até ser passionais, mas são temporários, frouxos e fluídos, com potencial de desengajamento e de rompimento.

O elevado número de relações afetivo-sexuais também pode ser analisado sob a ótica sócio-econômica de Cancela (2007). Ela constata em seu estudo a flexibilidade com que a conjugalidade pode ser vivida e rompida em segmentos populares. A autora aponta fatores que contribuem para essa efemeridade dos vínculos: as adversidades e carências materiais; carência de bens de valor; instabilidade de moradia e de trabalho; atual autonomia da mulher que tem trabalho e consequente condição de auto-sustentação; dificuldades do homem, principalmente das camadas mais desfavorecidas, de manter o papel de provedor.

Ficou evidenciado nas famílias entrevistadas o papel secundário do homem no cotidiano das mulheres. Digna de nota foi a ausência de cônjuge, de pai ou padrasto morando junto com a maioria das famílias (Família-1, Família-3, Família-4) na ocasião da coleta de

dados, com exceção da Família-2. São constatações que corroboram os dados do IBGE (2010) – PNAD 2009, que apontam a região Norte com o maior índice de mulheres chefes de família do Brasil - 34,95%, e coloca o Amazonas proporcionalmente com o maior índice do Brasil – 37,9%.

Relacionamentos sem vínculos duradouros foram, portanto, constantes nos relatos das famílias participantes, na convivência entre cônjuges, e nas relações familiares envolvendo filhos e pais e/ou padrastos. Paradoxalmente, essa percepção não tira os anseios das participantes de viver junto com um cônjuge/parceiro, expresso em algumas narrativas, e ratificado na pesquisa de Soihet (2007).

Em estudo sobre as variáveis que afetam a qualidade conjugal, Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006) sugerem que esta é fruto de um processo dinâmico e interativo no sistema familiar. Alguns fatores são importantes para essa compreensão: a análise da história conjugal familiar das famílias de origem, pois estas influenciariam transgeracionalmente as experiências conjugais atuais; o nível educacional e as fases do ciclo vital. As análises das famílias participantes mostram essa tendência entre as gerações de repetição de histórias de conjugalidade vividas por seus familiares. Foram evidenciadas também influências do momento vivido no ciclo de vida de cada mulher e a evolução do nível de educação de geração em geração.

O número de filhos comparado entre as gerações mostrou uma tendência singular de pouca queda, com as mães ainda em idade de procriação: avós com idades entre 57-68 anos, tiveram 26 filhos; mães com idades entre 37-46 anos tiveram 23 filhos e netas com idades entre 14-17 anos têm um filho e uma está grávida. Esse contexto reflete a realidade regional e do estado do Amazonas: no Brasil a população residente na faixa etária de 0 a 14 anos foi de 23,24%, enquanto no Amazonas o índice foi bem maior: 31,4%; conforme o PNAD 2009 (IBGE, 2010). Chama atenção, portanto, o grande número de jovens sujeitos ao início de um exercício precoce da sexualidade. A falta de acesso a programas educacionais e preventivos coloca esses jovens em risco de vivências precoces de conjugalidades, de sexualidade e de gravidez, além de contrair doenças como as DST - Doenças Sexualmente Transmissíveis. Essa é uma questão social que não pode passar despercebida.

Entendemos que os exercícios de conjugalidades e sexualidades precoces nessas mulheres/famílias podem ser compreendidos a partir do contexto sócio-econômico e da dinâmica familiar. O estudo de Figueiro (2002) destaca a repercussão negativa na vida sexual do adolescente que convive em família que não tem estrutura de proteger e cuidar. Esse fator pode levar o/a jovem a relacionamentos sexuais desprotegidos, no intuito de suprir essa

carência emocional. A pesquisa de Taquette (1992) apontou que não ter pai afetivamente presente pode ser fator de risco ao exercício precoce da sexualidade.

A sexualidade constitui elemento fundamental na formação da identidade adulta, nos relacionamentos pessoais, e é facilitadora da auto-estima. Segundo Camarano (1998) a fecundidade é reconhecida como “precoce” quando ocorre até a idade de 19 anos, por motivos biológicos relacionados ao desenvolvimento humano. Nas últimas décadas houve postergação e redução da fecundidade na população feminina em geral. Fato não observado na faixa etária de 15 a 19 anos e no grupo de adolescentes com idade inferior a 15 anos (Taquette & Vilhena, 2008). Pesquisas apontam a pobreza, o baixo nível socioeconômico e a baixa escolaridade como fatores de risco à atividade sexual precoce (Sabroza, Leal, Gama & Costa, 2004; Taquette, Vilhena & Paula, 2004). Segundo Taquette e Vilhena (2008): “As adolescentes providas de investimento afetivo familiar se apropriam mais de sua sexualidade (...) elas têm iniciação sexual em condições mais seguras e com menos risco” (p. 112).

As histórias das gerações familiares das participantes revelaram precocidade no exercício da sexualidade e nos relacionamentos afetivo-sexuais. Em nosso estudo, a idade mediana do início da vida sexual entre as gerações foi: mães - 14,5; e netas: 14,5. A idade média de 14,5 anos na primeira relação sexual nas gerações de mães e netas mostrou precocidade transgeracional em relação à média de 17,8 anos encontrado no estudo de Heilborn (2006) com jovens do nordeste, sul e sudeste. As histórias de vida de duas netas mostraram dificuldades com a sexualidade precoce e gravidez na adolescência, embora elas tivessem o nível de escolaridade de médio incompleto.

A primeira relação sexual das mulheres de Manaus participantes dessa pesquisa foi com parceiros pelo menos cinco anos mais velhos. As diferenças etárias encontradas entre os parceiros foram elevadas (5, 8, 13, 15, 26 e 34 anos de diferença), e a mediana da diferença de idade encontrada foi de 16,8. O estudo de Heilborn (2006) com jovens do Nordeste, Sudeste e Sul apontou que, em geral, o mais comum no momento da iniciação sexual é ter um parceiro homem com diferença de idade, mas a mediana da diferença encontrada em seu estudo foi de três anos. A profunda diversidade de medianas encontradas é uma singularidade relevante para o estudo de experiências de mulheres de Manaus.

Foi percebida entre as participantes a similaridade do início da sexualidade com a idade da menarca. A descoberta do corpo e o interesse sobre o sexo foi marcado por gravidez precoce, vivenciado por metade (seis) das participantes. Ocorrências traumáticas de abuso sexual foram encontradas em três das quatro famílias pesquisadas, e esse é um dado relevante. As narrativas das mulheres mostraram que são episódios vividos como traumas com

conseqüente sofrimento psíquico, que perturbam a auto-estima e suas relações afetivas e sociais.

As participantes em geral não concordam com a prática do aborto. Nos casos em que o aborto ocorreu, as falas remetiam para as condições socioeconômicas. Narrativa de aborto não espontâneo fez parte somente das histórias de vida da Família-3. Conforme verbalizado pelas participantes, o exercício da maternidade é uma função primordial da mulher na família.

É notória a preocupação da geração de netas quanto à dinâmica sexual familiar. Apesar das experiências de vida conjugal e sexual precoces de duas netas (Neta-2 e Neta-4), todas as netas narram receio de repetição de histórias de vida de suas mães e avós. Esse processo também foi identificado por Silva (2006) em sua pesquisa com ribeirinhos no Pará: “No contexto ribeirinho não há uma preparação dos adolescentes para o estado posterior da vida, o que implica em dificuldades para a nova família que podem acompanhá-la por toda a geração seguinte” (p. 254).

As práticas sexuais na adolescência podem ser entendidas a partir do significativo papel da família na vida do jovem. Estudos apontam que a família é o principal transmissor de valores e atitudes na prática sexual de adolescente (Borges & Schor, 2005; Dittus & Jaccard, 2000). Constatou-se em nosso estudo a carência de orientação e de conhecimentos das participantes sobre aspectos da vida conjugal e sexual da mulher que devem ser alvo de políticas públicas voltadas para essas questões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica conjugal e sexual descrita em registros da história regional continua a fazer parte do cotidiano das famílias participantes dessa pesquisa: a conjugalidade, em geral, é o concubinato; a vida conjugal e sexual das jovens é precoce, com ocorrências de gravidez e filhos na adolescência. Ressaltamos a frequência do exercício precoce da sexualidade encontrado nas histórias de vida das três gerações de mulheres participantes da pesquisa.

As melhorias sociais e econômicas mostraram-se presentes nos relatos das gerações de mulheres, na educação, nas perspectivas e sonhos de melhores empregos, de um futuro melhor. Esta pesquisa constatou indícios da transformação social que vem acontecendo na última década no Brasil. A partir de uma pequena amostra de doze mulheres podemos perceber mudanças sociais repercutindo no cotidiano dessas mulheres de classe de baixa renda do norte do Brasil: todas as participantes moram em casa própria com infra-estrutura como eletricidade, água encanada, banheiro interno; elas possuem geladeira, fogão a gás e celulares. Em três casas, as entrevistas foram realizadas em quartos com ar-condicionado. Das sete casas visitadas, somente uma não tinha móveis na sala.

Os indicadores de melhoria sócio-econômica e de nível de instrução, talvez por serem recentes, não parecem repercutir como deveriam no cotidiano da conjugalidade e sexualidade das jovens participantes. Sabemos que o ensino formal necessariamente não prepara os jovens para a vida conjugal e sexual, como também não promove necessariamente melhoria nas condições de vida. Será que as gerações de avós e mãe, em sua maioria analfabeta, encontram dificuldades em orientar os jovens nas dimensões em questão? As instituições públicas locais voltadas para os jovens não atingem os seus objetivos? Talvez, o peso da herança familiar transgeracional seja significativo. Pode ser que essas mulheres ainda precisem de mais tempo para conseguir (re)significar e (re)elaborar as experiências cotidianas. Este estudo coloca como desafio compreender essa situação paradoxal.

Existe um consenso crítico da geração de netas em relação às dinâmicas sexuais e conjugais familiares transgeracionais. Elas narram o receio de repetição de histórias de vida de suas antecessoras em sua geração. As netas participantes vivem uma transição transgeracional familiar única: é a primeira geração entre as participantes que nasceu e cresceu em contexto urbano, ou seja, elas não viveram em comunidades ribeirinhas. As netas narram expectativas positivas quanto às oportunidades de mudanças de qualidade de vida, e elas consideram isso um privilégio em relação às suas progenitoras.

Sobre a conjugalidade e o papel do homem na família, é preciso refletir se a presença de pais diferentes em uma mesma prole e a convivência com maior número de padrastos afeta a dinâmica dessas famílias. Outra questão importante e preocupante é que a maioria dos homens não assume o papel de cuidador e provedor afetivo dos filhos. São descritos pelas participantes como pais emocionalmente ausentes, sem investimento na função paterna. Essas são questões importantes que devem ser alvo de pesquisas futuras.

Este estudo aponta para a necessidade de proposição de políticas públicas transversais voltadas para as desigualdades sociais e de gênero. São fundamentais ações de enfrentamento e superação da pobreza, que levem em conta a condição histórica de vulnerabilidades produzidas por diversas exclusões: social, econômica e cultural, que fragilizam os laços sociais e familiares (Norvaz & Koller, 2006).

Oficinas sobre sexualidade e conjugalidade com adolescentes podem ser oferecidas em comunidades carentes. Carvalho, Rodrigues e Medrado (2005) realizaram oficinas com grupo de adolescentes, embasadas em metodologia dialógica e participativa. Os resultados alcançados foram profícuos: conscientização ética e política dos envolvidos; uma reconstrução/ressignificação das acepções atribuídas à sexualidade, à conjugalidade e ao pertencimento de gênero. Segundo as autoras, essa experiência promove uma maior regulação do exercício de sua sexualidade; aumento do senso crítico, e compreensão de seu contexto sócio-histórico.

Essas análises são como pistas para a compreensão de significados específicos referentes ao universo simbólico da vida de mulheres pobres de Manaus, em especial da conjugalidade e da sexualidade. Essas questões precisam ser mais exploradas em pesquisas futuras. A pluralidade de identidades dessas mulheres parece se articular e interferir uma com a outra, tornando algumas situações contraditórias e conflitantes para quem as analisa, e, até para elas próprias. Distintos modos de subjetivação são vivenciados em uma realidade de dificuldades diárias, que envolve a interação entre o ser mulher, pobre e nortista.

Constatamos que as mulheres dessa pesquisa têm histórias longas e dolorosas, mas mostram elementos geradores de resiliência na superação de dificuldades. Situação analisada positivamente por Louro (1997): “Não custa reafirmar que os grupos dominados são muitas vezes, capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão, lugares de resistências e de exercício de poder” (p. 33).

Destacamos a história de Mãe-1 que sintetiza o ser mulher pobre em Manaus. Sua vida reflete a complexidade envolvida na experiência do exercício de diversos papéis que a mulher

absorve. Neste caso é paradoxal, pois da mesma forma que ela age como “Amélia” ela se permite ter autonomia conjugal e sexual. É ela quem impõe o limite na relação conjugal conflituosa e sai de forma ativa, valorizando sua independência e capacidade de reconstruir sua vida e criar os filhos. Ou seja: ela é guerreira e assume o papel tradicional. Saffioti (1994) avalia o processo de pseudo submissão nas mulheres: “(...) não o fazem, contudo, passivamente. Não obstante sejam tratadas como não-sujeitos, elas atuam na sociedade como sujeitos, seja ratificando o ordenamento social machista, seja solapando-o” (p. 281). A Mãe-1 oscila entre a fragilidade da submissão, entre a atitude de trair o marido, e a autonomia de reconstruir a vida sem precisar do marido.

Precisamos de estudos que entendam a resiliência presente no cotidiano das mulheres participantes nesse estudo. Elas se percebem e se mostram como mulheres “guerreiras” e matronas há gerações, mesmo convivendo diariamente com desigualdades e adversidades.

Compreender processos relacionais, pessoais e socioculturais envolvidos nas dimensões conjugais e sexuais dessas mulheres e de suas famílias não foi tarefa fácil. Buscamos na psicologia clínica, um olhar diferenciado para a análise e compreensão de experiências subjetivas, a partir das narrativas de mulheres que contam suas histórias de vida.

O estudo da conjugalidade e da sexualidade de mulheres, no caso dessa pesquisa, no contexto de baixa renda do Amazonas e sob o enfoque de gênero e da transgeracionalidade, ainda é, entretanto, um tema pouco explorado em pesquisas na psicologia clínica. A produção de conhecimento sobre essa temática é fundamental para melhorar a compreensão de dimensões desse universo familiar, de modo a delinear políticas públicas sociais, assim como estratégias de prevenção e promoção de saúde mais eficazes para esse contexto.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Este trabalho foi fruto de implicação de clínicas-pesquisadoras com a realidade cotidiana de mulheres, em especial com mulheres de baixa renda de Manaus. O interesse pela pesquisa partiu de experiência clínica e de pesquisa de campo realizada pela mestranda no contexto de especialização. O desejo de compreender dimensões da dinâmica familiar dessas mulheres impulsionou a pesquisa bibliográfica e de campo de natureza qualitativa. No âmbito da Psicologia Clínica e Cultura, a partir de uma perspectiva de gênero e transgeracional, buscamos refletir sobre características e dimensões de vida de mulheres: a condição feminina, as relações familiares, a maternidade, a conjugalidade, a sexualidade e expectativas de vida. Os resultados foram relatados em artigos ao longo deste trabalho.

As histórias de vida das mulheres participantes desta pesquisa revelaram dificuldades concretas vividas no cotidiano e apontam para processos que se perpetuam recursivamente entre as gerações familiares. Foram constatadas ocorrências como: analfabetismo e semi-analfabetismo, desemprego e subemprego, fome, violência doméstica e abuso sexual.

Foi freqüente nas narrativas das participantes influências de processos evolutivos da história e da cultura amazonense em seus cotidianos. Apontamos as migrações como fator preponderante na formação da família amazonense de baixa renda. A análise das migrações decorrentes de ciclos econômicos do estado do Amazonas desvelou aspectos relevantes para este estudo: a vinda dos europeus e as repercussões da colonização com destaque para os portugueses; no Ciclo da Borracha – a chegada de grande número de nordestinos na Amazônia; e o Ciclo de Industrialização com a criação da Zona Franca de Manaus. Esse último ciclo influenciou o êxodo de ribeirinhos para a cidade de Manaus, identificada nesse estudo como fator relevante na formação da população de baixa renda local. Os ribeirinhos trouxeram a sua cultura, seus costumes, o convívio com a natureza, fundamentos estruturantes da vida das mulheres participantes.

Esses processos foram valiosos tanto na análise transgeracional intrafamiliar quanto no transgeracional histórico. Esse olhar permitiu o entendimento de que episódios históricos do Amazonas estão presentes nos processos familiares e ficaram evidentes suas repercussões transgeracionais nas relações familiares cotidianas das participantes.

Destacamos algumas características regionais encontradas neste estudo: o papel de chefe da família é da mulher, ou seja, a matrilinearidade marca a dinâmica familiar; é freqüente a monoparentalidade; o exercício precoce da conjugalidade e da sexualidade. Ficou evidente o papel periférico do homem na família, que resulta em vínculos superficiais na

conjugalidade e na paternidade. A díade privilegiada é composta pela mãe e filha. Constatamos a autonomia sexual da mulher.

A condição feminina foi expressa de forma singular: a maioria das participantes valoriza positivamente o ser mulher, e desvalorizam o ser homem; algumas se definem como um ser híbrido, mescla de mulher e de homem. Quanto ao papel de chefe na família, foi consenso entre as mulheres participantes, que são elas que comandam a casa. A maioria reconheceu também que suas mães vivem cotidianamente o papel de mãe e de pai.

Encontramos uma situação paradoxal na concepção de ser mulher para as participantes. Elas se auto-analisam positivamente como mulheres fortes e guerreiras, simbologia indígena da lenda das Amazonas: fazem referência, portanto, à sua identidade étnica e cultural indígena na resistência diária para sobreviver às situações adversas. Suas narrativas refletem o ser mulher de origem ribeirinha vivendo em Manaus. Por outro lado, elas falam de discriminação, de dificuldades emocionais quanto a serem percebidas como índias ou caboclas. Falam também da desvalorização histórica trazida pelo olhar do “outro”, e ressentem-se do fato que a mulher da Região Norte é vista de forma preconceituosa pelos habitantes do restante do país.

O olhar transgeracional histórico adotado neste estudo apontou para uma construção sócio-cultural desse sentimento de menos-valia, a partir da colonização pelos europeus. A imagem indígena foi construída historicamente com negatividade, o que deixou marcas no cotidiano das mulheres. Hoje, a identidade indígena presente nessa região tende a ser renegada pelas participantes, o que traz sofrimento psíquico e gera baixa auto-estima. Essa situação aponta para a necessidade de suporte institucional que objetive o resgate e valorização da história do Amazonas, uma vez que, as histórias de vidas das participantes e de suas famílias estão imbricadas com a história do Estado há muitas gerações.

A história do Amazonas se faz presente de diversas maneiras na dinâmica familiar das mulheres participantes. Problematizamos ao longo desse estudo que as frequentes ausências do homem nas famílias trouxeram as seguintes conseqüências: o fortalecimento do papel da mulher no cotidiano familiar; o papel periférico do homem como cônjuge e como pai; a formação de díades transgeracionais de mulheres na família; o alto índice de famílias monoparentais femininas encontradas na região. Todos esses fatores levaram as famílias das mulheres participantes a possuir características de matrilinearidade, similar ao contexto de algumas tribos indígenas, no caso a lenda das Amazonas.

A conjugalidade das participantes tem, portanto, características regionais. O processo histórico evidencia fatores étnicos e culturais que perpassam gerações influenciando as relações das mulheres com seus cônjuges e com seus familiares nesse estudo. A história mostra a escravidão imposta pelos portugueses fazendo com que os homens indígenas ficassem ausentes de seus familiares; a rotina do trabalho do seringueiro também obrigava a se distanciar por vários meses de sua família; o êxodo de homens do Amazonas para o sul do país na decadência da borracha. São alguns dos processos históricos que promoveram a freqüente ausência do homem na família.

Na vivência da conjugalidade encontramos situações paradoxais. Foi visto que o número de relacionamentos conjugais continua alto entre as gerações de avós e mães. Embora o número de relacionamentos conjugais seja alto, é freqüente a ausência do homem na família, como pai e como cônjuge. Além dos fatores históricos, essa situação também pode ser problematizada a partir da idéia de Bauman (2004) sobre a fragilidade dos laços humanos, como um processo recursivo e de retroalimentação no sistema familiar pesquisado: a fragilidade do laço afetivo gera conjugalidade e paternidade fáceis de serem rompidas; e as contínuas rupturas alimentam laços frágeis com a figura masculina na família. Algumas das mulheres participantes expressaram, no entanto, desejos de viver junto com o cônjuge. Fica como desafio pensar nas conseqüências dessa conjuntura para as gerações de jovens: em que medida a presença de pais diferentes em uma mesma prole e a convivência com maior número de padrastos afeta a dinâmica dessas famílias e reifica o lugar frágil do homem? Que processos poderiam favorecer uma revisão das expectativas em relação à figura masculina? Essas são algumas das questões importantes para estudos e pesquisas futuras.

Outra situação paradoxal encontrada na conjugalidade das participantes diz respeito aos papéis de gênero. Elas contam situações em que se colocam no papel de líderes de sua família, de serem fortes e aguerridas diante das adversidades cotidianas; vimos, também, narrativas de situações conjugais em que se comportam como “Amélias” ou submissas. Problematizamos essa questão levando em conta que esse feito de submissão advém de influências de regras sociais que normatizam as relações conjugais e o papel feminino de submissão. A leitura de gênero, adotada nesse estudo, foi fundamental para a compreensão da complexidade dos processos que envolvem o cotidiano das mulheres nesta pesquisa.

Foi constatado o exercício precoce da sexualidade entre as participantes. Existem peculiaridades regionais que ficam evidentes quando os dados das participantes foram comparados a estudos similares em outras regiões do país. A idade média do início da vida

sexual foi de 14,5 anos, inferior a idade média de 17,8 anos encontrada em outras regiões do país (Heilborn, 2006).

Ocorrências de estupro e abuso sexual em idade precoce também foi uma realidade nas histórias de três das quatro famílias participantes. Esse índice alto revela a presença freqüente de violência sexual e violência conjugal. Algumas mulheres foram abusadas pelos próprios maridos e padrastos. É uma situação complexa e crítica que merece estudo e intervenção nessas famílias.

O número de filhos comparado entre as gerações de avós e mães mostrou uma tendência de continuidade, diferente da tendência geral de diminuição de filhos entre as gerações, na atualidade. No caso das netas, caberia um estudo longitudinal para avaliar a situação daqui a 10 e 20 anos.

As dinâmicas da sexualidade e da conjugalidade das mulheres participantes foram motivos de preocupação na geração de netas. Elas expressam em suas narrativas receios que alguns aspectos das histórias de vida de suas avós e mães venham a se repetir em suas vidas. Foi constatada a carência de conhecimento e de orientações quanto à vida sexual e conjugal. São situações que apontam para a urgência de ações e projetos de natureza multidisciplinar voltados para adultos e jovens de baixa renda de Manaus, no intuito de romper com padrões transgeracionais, possibilitar mudanças e promover melhor qualidade de vida para gerações futuras.

O exercício da maternidade é uma dimensão relevante no cotidiano das mulheres participantes da pesquisa. Para a maioria delas aconteceu em idade precoce, fator marcante para suas vidas. O que sobressai nessas mulheres é o cuidar maternal sempre presente nas três gerações - avó, mãe e neta. Chama atenção a intensidade afetiva da relação entre avós e netas. Constatamos que as relações familiares entre as gerações têm fronteiras difusas que tornam os papéis de cada geração misturados. O resultado desse processo são sentimentos dicotômicos de amor e ódio e conseqüentes conflitos relacionais, expressos nas narrativas das mulheres.

Apontamos neste trabalho as mudanças que estão ocorrendo no quadro sócio-econômico do país e da região estão repercutindo no cotidiano das mulheres entrevistadas. A geração de mães busca melhorias para o futuro da geração de netas: as mães não deixam suas filhas trabalhar, somente estudar; elas sonham com as filhas formadas e com carreiras promissoras. As netas reconhecem essa situação como privilégio de sua geração.

As mudanças sociais também têm impacto transgeracional quando analisamos em cada geração as similaridades de respostas quanto às expectativas de vida. Na geração de avós foi:

“Saúde”; na geração de mães a resposta variou entre: “Casa para os filhos” e “Estudos para os filhos”; e na geração de netas as expectativas foram: “Estudar”, “Fazer faculdade” e “Ter bom emprego”.

A experiência de vida proporcionada por essa pesquisa foi ao mesmo tempo rica de conhecimento e sofrida. Foi possível perceber o quanto o Brasil é rico em diversidade cultural. As mulheres pobres têm natureza forte e resiliente, e como podemos aprender com suas histórias de vida! As visitas domiciliares para a realização das entrevistas constituíram situação de rico aprendizado. Ficou evidente a importância do fazer psicológico e a responsabilidade de ser uma psicóloga nas residências, pois no imaginário e na fala das mulheres participantes a psicologia pode “ajudá-las” a lidar com seus problemas emocionais cotidianos. As histórias de suas vidas foram doadas com confiança e desvelaram segredos de famílias nunca antes narrados. Houve entrevista com duração de três horas e outras próximas desse tempo. Foram relatos sofridos, que emocionaram as mulheres ao serem narrados, e a pesquisadora ao ouvi-los e revisá-los, na transcrição dos dados, e a cada vez que recorríamos a eles para análise.

É preciso que o Brasil cobice a Amazônia, como os estrangeiros o fazem. Precisamos compreender que temos um país continental, e que temos diversidades regionais, ambientais, culturais e econômicas que repercutem na construção das identidades de mulheres (e certamente dos homens) de todas as idades e marcam suas experiências com a vivência da condição feminina em suas múltiplas dimensões: o ser mulher, a vivência da conjugalidade e da sexualidade; as características das dinâmicas familiares; as perspectivas de vida e os projetos futuros.

A Região Norte é a mais carente de estudos, de pesquisas, de ser (re)conhecida e respeitada pelos brasileiros. Essa pesquisa mostrou que existem peculiaridades regionais que precisam de muita investigação. Não podemos exercer a profissão de psicólogas(os), seja de adultos, de crianças, casais e de famílias sem entender que existem pessoas que pensam de modo diferente, e que têm histórias de vida perpassadas pelo seu contexto sócio-cultural. O objetivo dessa pesquisa foi dar os primeiros passos nessa direção. Ao buscar dimensões da condição feminina de mulheres de baixa renda de Manaus, esperamos estar abrindo um leque de temas para pesquisas futuras. Essas pesquisas poderão embasar e dar consistência à criação de estratégias de prevenção e intervenção de saúde pública e mental.

REFERÊNCIAS

- Agassiz, L. & Agassiz, E. C. (1969). *A journey in Brazil*. Preager Publishers: Nova York. (Original publicado em 1869).
- Alves-Mazzotti, A. (2006). Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo 36(129), 637-652.
- Araújo, A. V. (2003). *Introdução à sociologia da Amazônia*. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas.
- Azeredo, V. G. (2010). Entre paredes e redes: o lugar da mulher nas famílias pobres. *Serv. Soc. Soc.*, 103, 575-590, (jul/set).
- Bandeira, L. & Siqueira, D. (1997). A perspectiva feminista no pensamento moderno e contemporâneo. *Revista Sociedade e Estado*, 12(2), Jul./Dez.
- Batista, D. (2003). *Amazônia – Cultura e Sociedade*. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Borges, A. L. & Schor, N. (2005). Trajetórias afetivo-amorosas e perfil reprodutivo de mulheres adolescentes residentes no Município de São Paulo. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 5(2), 163-170.
- Bozon, M. (2004). *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.
- Camarano, A. A. (1998). Fecundidade e anticoncepção da população jovem. Em CNPD – Comissão Nacional de População e desenvolvimento (Org.), *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas* (pp. 109-133). Brasília: CNPD.
- Cancela, C. D. (2007). Destino cor-de-rosa, tensão e escolhas: os significados do casamento em uma capital amazônica (Belém, 1870-1920). *Cadernos Pagú*, 30, 301-328.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). As mulheres e o ciclo de vida familiar. Em Carter, B. & McGoldrick, M (Org.). *As mudanças no ciclo de vida familiar* (pp. 30-64). Porto Alegre: Artes Médicas.

Carvalho, A. M.; Rodrigues, C. S. & Medrado, K. S. (2005). Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. *Estud. psicol.* (Natal), 10(3), 377-384. Retirado em 20/03/2011, da SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*), <http://www.scielo.br/scielo.php>

Costa, H. L. C. (2005). *As mulheres e o poder na Amazônia*. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas.

Costa, J. S.; Pinheiro, L.; Medeiros, M. & Queiroz, C. (2005). *A face feminina da pobreza: sobre-representação e feminização da pobreza no Brasil*. Texto para discussão n. 1137. Brasília: IPEA.

Couto-Oliveira, V. (2007). *Vida de Mulher: Gênero, Pobreza e Saúde Mental*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, DF, Brasil.

Dias, C. M. S. B.; Costa, J. M. & Rangel, V. A. (2005). Avós que criam seus netos: circunstâncias e conseqüências. Em T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal, efeitos da contemporaneidade* (pp. 158-175). Rio de Janeiro: Ed. PUC/Rio.

Dias, C. M. S. B.; Ataíde, E. R.; Magalhães, K. A. & Albuquerque, N. C. C. (2011). As relações entre as gerações nas famílias chefiadas por idosos. Em T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e Família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 79-92). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Diniz, G. R. S. (1999). Condição feminina – fator de risco para a saúde mental? Em M. G. T. Paz & A. Tamayo (Org.), *Escola, saúde e trabalho: estudos psicológicos* (pp. 181-197). Brasília: UnB.

Diniz, G. & Coelho, V. (2003). Mulher, família, identidade: a meia-idade e seus dilemas. Em Terezinha Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas* (pp. 79-95). Rio de Janeiro: Ed. PUC.

Diniz, G. R. S. (2004). Mulher, trabalho e saúde mental. Em W. Codo (Org.), *O trabalho enlouquece? Um encontro entre a clínica e o trabalho* (pp. 79-75). Petrópolis: Vozes.

Diniz, G. & Coelho, V. (2005). A história e as histórias de mulheres sobre o casamento e a família. Em Terezinha Féres-Carneiro (Org.) *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 138-157). Rio de Janeiro: Ed. PUC.

Diniz, G. R. S. (2011). Conjugalidade e violência: reflexões sob uma ótica de gênero. Em T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e Família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp.11-26). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Dittus, P. J. & Jacacard, J. (2000). Adolescents' perceptions of maternal disapproval of sex: Relationship to sexual outcomes, *Journal of Adolescent Health*, 26, 268-278.
- Espíndola, C. R.; Bucher-Malushcke, J. & Santos, A. P. (2004). A mulher no contexto da violência. In G. Maluschke, J. Bucher-Maluschke & K. Hermanns (Org.). *Direitos humanos e violência: desafios da ciência e da prática* (pp. 213-230). Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer.
- Falcke, D. & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. Em Adriana Wagner (Org.) *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-44). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Figueiredo, A. N. (2002). *História Geral do Amazonas*. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas.
- Figueiro, A. C. (2002). Condições de vida e saúde reprodutiva de adolescentes residentes na comunidade de Roda de Fogo, Recife. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 2(3), 291-302.
- Fonseca, C. (2002). Mãe é uma só? Reflexões sobre alguns casos brasileiros. *Revista Psicologia USP*, São Paulo, 13(2), 49-68.
- Fonseca, C. (2007). Ser mulher, mãe e pobre. Em Mary Del Priore (Org.). *História das mulheres no Brasil* (pp. 510-553). (9ª Ed.). São Paulo: Contexto.
- Fonseca, T. M. G. (2000). *Gênero, subjetividade e trabalho*. Petrópolis: Vozes.
- Giddens, A. (2007). *Mundo em descontrolé*. Rio de Janeiro: Record.
- Gondim, N. (1996). *Simá, Beiradão e Galvez, imperador do Acre (ficção e história)*. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1999). *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. (5ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Heilborn, M. L. & Sorj, B. (1999). Estudos de gênero no Brasil. Em S. Miceli (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)* (pp. 183-221). ANPOCS/CAPES, São Paulo: Editora Sumaré.
- Heilborn, M. L. (2004). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.
- Heilborn, M. L. (2006). *Aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetória sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fio Cruz.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010). PNAD 2009. Retirado em 17/03/2011, do IBGE (*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*), <http://www.ibge.gov.br/>

Louro, G. (1997). *Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.

Macedo, M. S. (2008). Mulheres chefes de família e a perspectiva de gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza. *Caderno CRH, Salvador*, 53(21), 389-404 (maio/ago).

Magalhães, A. S. (2003). Transmutando a subjetividade na conjugalidade. Em T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. (pp. 225-244). - Rio de Janeiro/São Paulo: Editora PUC-Rio/Loyola.

Matsunaga, P. S. (2008). As representações sociais da mulher no movimento Hip Hop. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), 108-116.

Mendes, M. A. (2004, setembro). *Mulheres chefes de domicílios em camadas pobres: trajetória familiar, trabalho e relações de gênero*. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, Caxambu.

Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11ª. Ed. São Paulo: Hucitec.

Ministério da Fazenda (2010). *Relatório Economia Brasileira em Perspectiva*. 7ª Edição – (Jun/Jul).

Morin, E. (2007). *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina.

Mosmann, C., Wagner, A. & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325.

Muraro (1996). *Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, Rosa do tempos.

Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006). Famílias e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia e Sociedade*, 18 (1), 49-55.

Nuernberg, A. H. (2008). Reflexões sobre gênero no Brasil. Em M. C. S. Lago, M. J. F. Toneli, A. Beira, M. B. Vavassori & R. C. Flores (Org.). *Gênero e pesquisa em psicologia social* (pp. 19-32). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- O Observador Brasil (2011). *Pesquisa desenvolvida pela Cetelem BGN em parceria com a IPSOS – Public Affairs*. Retirado em 24/03/2011, <http://oobservadorbrasil.blogspot.com>
- Organização Internacional do Trabalho (2010). Retirado em 11/01/2011, da OIT (Organização Internacional do Trabalho), <http://www.oit.org.br/>
- Organização Mundial de Saúde (2002). Retirado em 20/02/2010, da World Health Organization – WHO/OMS. *Gender and mental health* de <http://www.who.int/>
- Passos, M. C. (2005). Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família Em Terezinha Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. (pp. 11-23). Rio de Janeiro: Ed. PUC.
- Perlin, G. & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicol.clin.* [online], 17(2), 15-29. Retirado em 16/09/2010, <http://www.scielo.br/scielo>
- Petrini, J. C. (2005). *Família, sociedade e subjetividade: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes.
- Pinto, C. R. J. (2003). *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo (Coleção História do Povo Brasileiro).
- Piscitelli, A. (2004). Reflexões em torno do gênero e feminismo. Em C. L. Costa e S. P. Schimidt (Org.), *Poéticas e políticas feministas* (pp. 43-66). Florianópolis: Ed. Mulheres.
- Pochmann, M. (2001). *O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Ramos, C. & Carvalho, J. E. C. (2008). Espaço e subjetividade: Formação e intervenção em psicologia comunitária. *Psicologia e Sociedade*, 20 (2), 165-173.
- Ranciaro, M. M. M. A. (2004). *Andirá: memórias do cotidiano e representações sociais*. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1998). A análise do Discurso em Psicologia: algumas questões, problemas e limites. Em L. Souza; M. F. Q. Freitas; M. M. P. Rodrigues. (Org.), *Psicologia: reflexões (im) pertinentes* (pp. 319-348), São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2003). O papel de homens e mulheres na família: podemos falar em reestruturação? *Psic. Clin.* Rio de Janeiro, 15 (2), 93-107.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2006). Transmissão geracional e família na contemporaneidade. Em M. L. Barros (Org.) *Família e gerações* (pp. 91-106). Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.

- Sabroza, A. R., Leal, M. C., Gama, S. G. N. & Costa, J. V. (2004). Perfil sócio-demográfico e psicossocial de puérperas adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil – 1999-2001. *Cadernos de saúde pública*, 20(supl. 1), 112-120.
- Saffioti, H. I. B. (1979). *A mulher na sociedade de classes: mitos e realidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Saffioti, H. I. B. (1994). Posfácio: conceituando gênero. Em H. I. B Saffioti & M. Muñoz-Vargas. *Mulher brasileira é assim* (pp. 271-283). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Saffioti, H. I. B. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagú*, 16, 115-136.
- Sales, M. A. (2007). *(In) visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência*. São Paulo: Cortez.
- Santos, F. V. (2007) Sexualidade e civilização nos trópicos: gênero, medicina e moral na imprensa de Manaus (1895-1915). *História, Ciências, saúde – Manguinho, Rio de Janeiro*, 14 (suplemento), 73-94.
- Scherer, E. (2009). *Questão social na Amazônia*. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas.
- Scott, J. (1991). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Recife: SOS Corpo.
- Secretaria de Estado de Trabalho e Serviços Sociais (1981). *Lendas Amazônicas*. Manaus: Edições do Governo José Lindoso.
- Seidl de Moura, M. L. & Ferreira, M. C. (2005). *Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Silva, S. S. C. (2006). *Estrutura e dinâmica das relações familiares de uma comunidade ribeirinha*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, DF, Brasil.
- Silva, T. C. M.; Amazonas, M. C. L. A. & Vieira, L. L. F. (2010). Família, trabalho e identidades de gênero. *Psicologia em Estudo*, 15 (1), 151-159.
- Soihet, R. (1997). Gênero e ciências humanas. Em N. Aguiar (Org.). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres* (pp. 95-114). Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos.
- Soihet, R. (2007). Mulheres pobres e violência no Brasil. Em M. D. Priore & C. Bassanezi (Org.), *História das mulheres no Brasil* (pp. 362-400). São Paulo: Contexto.

- Souza, M. (1978). *A expressão amazonense. Do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa-Ômega.
- Taquette, S. R. (1992). Sexo e gravidez na adolescência: estudo de antecedentes bio-psico-sociais. *Jornal de Pediatria*, 68(3/4), 135-139.
- Taquette, S. R.; Vilhena, M. M. & Paula, M. C. (2004). Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 37(3), 210-214.
- Taquette, S. R. & Vilhena, M. M. (2008). Iniciação sexual na adolescência. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 13(1), 105-114; jan./mar.
- Tocantins, L. (2000). *O rio comanda a vida, uma interpretação da Amazônia*. Manaus: Editora Valer/Edições Governo do estado.
- Toledo, C. (2003). *Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide*. (2ª. Ed.), Série Marxismo e opressão. São Paulo: José Luís e Rosa Sundermann.
- Torres, I. C. (2005). *As novas amazônidas*. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas.
- Unger, R. M. (2008). *Projeto Amazônia – esboço de uma proposta*. Retirado em 10/06/2009, em www.cultura.gov.br/site/
- Wagley, C. (1988). *Uma comunidade amazônica: estudos do homem nos trópicos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Woortmann, K. & Woortmann, E. (2004). *Monoparentalidade e chefia feminina. Conceitos, contextos e circunstâncias*. Série Antropológica 357. Brasília: Ed. UNB.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Yunes, M. A. M., Garcia, N. M., Albuquerque & B. de M. (2007). Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 20(3), 444-453.

ANEXOS

ANEXO A: Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



Comitê de Ética em Pesquisa
Instituto de Ciências Humanas
Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Campus Universitário Darcy Ribeiro

ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto: Repercussões transgeracionais nas relações familiares de mulheres de baixa renda de Manaus

Pesquisadora Responsável: Maria do Socorro Gadelha Praciano

Com base nas Resoluções 196/96, do CNS/MS, que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, após análise dos aspectos éticos, resolveu **APROVAR** o projeto intitulado "Repercussões transgeracionais nas relações familiares de mulheres de baixa renda de Manaus".

O pesquisador responsável fica notificado da obrigatoriedade da apresentação de um relatório semestral e relatório final sucinto e objetivo sobre o desenvolvimento do Projeto, no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (item VII.13 da Resolução CNS 196/96).

Brasília, 6 de outubro de 2009.

Profa. Dra. Debora Diniz
Coordenadora do CEP/IH

ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa de dissertação de mestrado sobre a vida familiar na Amazônia. O estudo será realizado pela pesquisadora Maria do Socorro Gadelha, psicóloga especialista clínica e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PsiCC), do Departamento de Psicologia Clínica, vinculado ao Instituto de Psicologia, da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof^a. Gláucia Ribeiro Starling Diniz, PhD.

Caso você aceite, será necessário responder um questionário e a participar de entrevistas que serão realizadas pela pesquisadora de forma individual, em suas residências ou outro lugar, em hora e data marcada. Estima-se que os encontros devam durar de 60 a 90 minutos, cada um. Após a conclusão da pesquisa, marcaremos uma entrevista para apresentação de seus conteúdos e para conversar sobre eles.

Acreditamos que a participação nesta pesquisa não irá trazer problemas nem benefícios diretos para as participantes. Você terá liberdade para entrar em contato com a pesquisadora para qualquer tipo de explicação, pedido de ajuda profissional psicológica, caso tenha necessidade.

No caso da participante sentir necessidade será feito encaminhamento para o CAPSI - Centro de Atendimento Psicológico, localizado no bairro de Santa Etelvina, em Manaus. Você pode desistir de participar desta pesquisa a qualquer momento.

Solicitamos a sua permissão para gravar as entrevistas, para facilitar o trabalho da pesquisa. Informamos que seu nome não irá aparecer em nenhum momento. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tem duas vias, uma para a(s) pesquisadora(s) e outra para a participante-colaboradora.

Eu, _____
declaro que aceito participar de livre e espontânea vontade desta pesquisa. Afirmo ainda, que autorizo a gravação e utilização das informações para fins de estudo.

Manaus, ____ de _____ de 2009.

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora responsável

Pesquisadoras responsáveis pela pesquisa:

Maria do Socorro Gadelha (Psicóloga CRP 01/11.254 - Mestranda da UnB)

Telefone: (61) 39058049 / (61) 814010960 / e-mail: lopra2003@yahoo.com.br

Gláucia Ribeiro Starling Diniz (Professora de Psicologia da UnB - Orientadora)

Telefone: (61) 33072625 - Ramal 315 / e-mail: gdiniz@unb.br

End.: Departamento de Psicologia Clínica, ICC Sul, UnB.

Comitê de Ética em Pesquisa*:

Comitê de Ética em Pesquisa, Instituto de Ciências Humanas / Universidade de Brasília.

e-mail: cep_ih@unb.br

*Para consultas em relação à aprovação deste projeto de pesquisa.

ANEXO C: INFORMAÇÕES SÓCIO-DEMOGRÁFICAS

Idade: _____

Profissão: _____

Grau de escolaridade: _____

Estado civil: _____

O companheiro possui alguma atividade remunerada? _____

Se sim, qual? _____

Qual a sua renda pessoal? _____

Quantas pessoas contribuem para a renda familiar? _____

Qual a renda familiar? _____

Possui filhos?

Sim ()

Não ()

Caso Possua:

Quantos? _____

Idade (s): _____

Moram com você? _____

Arranjos para cuidar dos filhos: _____

Você participa das atividades domésticas?

Todas ()

A maioria das tarefas ()

Aproximadamente a metade ()

Menos da metade ()

Nenhuma ()

Você participa dos cuidados dos filhos? _____

Se sim, de que forma? _____

ANEXO D: ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- Descreva a história de como a sua família se formou, desde seus avós.

Para você o que significa ser mulher?

Como você vê o seu papel de mulher na comunidade?

Como você se sente em relação ao sexo, desde o início até hoje?

Como você vê o papel do homem na sua vida?

O que significa viver junto com um homem?

Como você vê o seu papel de filha?

Como você vê a sua filha?

Como você vê o seu papel de mãe?

Como você vê a sua mãe?

Como você vê o seu papel de avó?

Como você vê a sua avó?

Como é a criação de filhos para você?

Quais as atividades que você realiza no dia-a-dia?

Quais foram suas experiências com trabalho fora de casa?

O que você faz nas horas de folga?

Descreva as diferenças entre a vida de sua mãe e a sua.

O que você quer para sua vida? Para a vida de sua filha? De sua neta?

Se pudesse mudar algo em sua vida, o que você mudaria?